

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

**OPRESSÃO E LIBERTAÇÃO:
A RELIGIÃO LIBERTADORA NAS OBRAS DE FREI BETTO**

MARIÂNGELA RICARDO ALVES MOREIRA

GOIÂNIA

2011

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

**OPRESSÃO E LIBERTAÇÃO:
A RELIGIÃO LIBERTADORA NAS OBRAS DE FREI BETTO**

MARIÂNGELA RICARDO ALVES MOREIRA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião para conclusão de Mestrado.

Orientador: Prof. Dr. Alberto da Silva Moreira

GOIÂNIA

2011

M838o Moreira, Mariângela Ricardo Alves.
Opressão e libertação : a religião libertadora nas obras de
Frei Betto [manuscrito] / Mariângela Ricardo Alves. – 2011.
107 f. : il.

Bibliografia: f. 105-107

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica
de Goiás, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em
Ciências da Religião, 2011

Orientador: Prof. Dr. Alberto da Silva Moreira

Inclui lista de abreviaturas, figuras

Inclui Anexo

1. Betto, Frei – teologia – história. 2. Teologia da
libertação. 3. Religião – opressão – libertação. 4. Sociologia
da religião. I. Título.

CDU: 261.625(043.3)

DISSERTAÇÃO DO MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO DEFENDIDA
EM 20 DE DEZEMBRO DE 2011 E APROVADA COM A NOTA 9,0 PELA
BANCA EXAMINADORA

1) Dr. Alberto da Silva Moreira / PUC Goiás (Presidente) Alberto Moreira

2) Dr. Valmor da Silva / PUC Goiás (Membro) Valmor da Silva

3) Dra. Heloisa Selma Fernandes Capel / UFG (Membro) Heloisa Selma Fernandes Capel

Dedico esta dissertação a Deus e a tudo o que ele representa;

À memória de meu pai João Paulo Ricardo.

Agradeço a Deus por me amparar nos momentos difíceis, dar força interior para superar as dificuldades, mostrar o caminho nas horas incertas e me suprir em todas as necessidades.

Aos meus pais, João Paulo Ricardo (em memória) Ilda Rodrigues Ricardo pelos exemplos de força e dedicação.

Ao meu esposo Oscar Alves Moreira, minhas filhas Milena e Leticia pelo amor e compreensão.

Ao Frei Betto, por sua colaboração, dedicação e paciência, sempre pronto para responder as muitas indagações que surgiram e minimizar as lacunas históricas existentes.

Aos alemães, na pessoa de Norbert Bolte (ADVENIAT) pela generosidade, por acreditarem no futuro deste projeto e contribuírem para o meu crescimento profissional. Suas participações foram fundamentais para a realização deste trabalho.

À Diocese de Goiânia, na pessoa de Dom Waldemar Passine Dalbello, Bispo Auxiliar de Goiânia pelo incentivo.

Ao amigo Rev. Israel Serique dos Santos que revisou e normalizou este texto com altruísmo e dedicação.

Ao Prof. Dr. Alberto da Silva Moreira, “mestre inspirador”, mais que um brilhante pesquisador e orientador, um exemplo a ser adotado. Pelo enriquecimento profissional, pessoal e pela paciência ao longo desses anos. Muito obrigada pela oportunidade. É com imensurável gratidão que levo comigo seu arquétipo de dedicação e seriedade na pesquisa científica.

A todos os colegas, funcionários, secretaria, professores e coordenação da PUC Goiás – Mestrado em Ciências da Religião pelo convívio e aprendizado.

Ninguém pode matar o homem que já não ama a sua vida e, portanto, não pode mais perdê-la. Este vive do amor, que é imortal e eterno.

Frei Betto

RESUMO

MOREIRA, Mariângela Ricardo Alves. *Opressão e libertação: a religião libertadora nas obras de Frei Betto*. Dissertação (mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2011.

Esta dissertação pesquisa sobre a história de Frei Betto, sua relação com a Teologia da Libertação e seu pensamento sobre a religião libertadora como contra ponto à religião conservadora. Este estudo está dividido em três capítulos. No primeiro, faz-se um levantamento biográfico apresentando sua formação acadêmica, envolvimento com os movimentos sociais e sua relação com a Teologia da Libertação. No segundo capítulo, faz-se a análise crítica em suas obras *Cartas da Prisão* e *Batismo de Sangue*, explicitando sua leitura religiosa e sociológica sobre a realidade brasileira de seu tempo. O terceiro capítulo aborda o que é uma religião conservadora e libertadora, seus modos diferentes de tratar as realidades sociais, dando-se destaque ao conceito de Frei Betto sobre a religião libertadora como meio de transformação histórica e libertação. Por fim, na conclusão, afirma-se o valor histórico da Teologia da Libertação como meio de valorização do ser humano como ser vocacionado para escrever sua história e intervir na realidade social de seu tempo.

Palavras-chave: Teologia da Libertação, Frei Betto, opressão, libertação, religião.

ABSTRACT

MOREIRA, Mariângela Ricardo Alves. *Oppression and Liberation: liberating religion in Frei Betto's work*. Dissertation (Master of Religion' Science) – Pontifical Catholic University of Goiás, Goiânia, 2011.

This dissertation research discusses Frei Bettos's history, his relationship with the Theology of Liberation, and his thoughts about a liberating religion as counter point to conservative religion. This research is divided into three chapters. The first one is a biographical survey about Frei Bettos's academic training, his involvement with social actions, and his relation with the Theology of Liberation. The second chapter is a review of Frei Betto's work, "Letters from Prison" and "Baptism of Blood", highlighting his religious and sociological reading about the Brazilian reality of his time. The third chapter focuses on the differences between a conservative religion and a liberating one, their different ways of addressing social reality, giving emphasis to Frei Betto's concept of liberating religion, as a way of transformation and freedom. Finally, the conclusions call for the historical value of the Theology of Liberation, as a way to appreciate the human being as persons prepared to write their own history and intervene in a social reality of their time.

Keywords: Theology of Liberation, Frei Betto, Oppression, Liberation, Religion.

LISTA DE ABREVIATURAS

ALN	Ação Libertadora Nacional
AP	Ação Popular
CELAM	Conselho Episcopal Latino-Americano
CENIMAR	Centro de Informações da Marinha
CEPIS	Centro de Educação Popular do Instituto Sedes Sapientiae
CIA	Agência Central de Inteligência dos Estados Unidos
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CPI	Comissão Parlamentar de Inquérito
CUT	Central Única dos Trabalhadores
DOPS	Departamento de Ordem Política e Social, subordinado aos governos estaduais
ILADES	Instituto Latino-Americano de Desenvolvimento
ITA	Instituto Tecnológico da Aeronáutica
JEC	Juventude Estudantil Católica
JUC	Juventude Universitária Católica

LISTA DE FIGURAS

Fig. 1	Frei Betto	15
Fig. 2	Cartaz de convocação de categoria para assembleia	23
Fig. 3	Local de concentração dos grevistas	23
Fig. 4	Gustavo Gutiérrez	27
Fig. 5	Hugo Assmann	27
Fig. 6	Juan-Luis Segundo	27
Fig. 7	Frei Betto	40
Fig. 8	Carlos Marighella	52
Fig. 9	Frei Tito de Alencar Lima	61
Fig. 10	Igreja conservadora	66
Fig. 11	Igreja libertadora	73
Fig. 12	Frei Betto	78
Fig. 13	Frei Betto e Mariângela	104
Fig. 14	Frei Betto e Mariângela	104

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. FREI BETTO, O HOMEM, O FRADE DOMINICANO.....	15
2.1 FREI BETTO, A IGREJA E A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO.....	24
2.2 FREI BETTO E A DITADURA MILITAR.....	33
3. ANÁLISE DO PENSAMENTO DE FREI BETTO.....	39
3.1 CARTAS DA PRISÃO.....	40
3.2 BATISMO DE SANGUE.....	52
4. A RELIGIÃO CONSERVADORA E A RELIGIÃO LIBERTADORA, SEGUNDO FREI BETTO.....	62
4.1 MANIFESTAÇÕES CONSERVADORES E LIBERTADORAS DA RELIGIÃO.....	62
4.2 A RELIGIÃO CONSERVADORA.....	65
4.2.1 A Religião Conservadora e o Poder.....	67
4.2.2 A Religião Conservadora e a Alienação.....	69
4.3 A RELIGIÃO LIBERTADORA.....	73
4.3.1 O Fundamento Teológico e Sociológico da Religião Libertadora.....	78
4.3.2 A Opção Preferencial Pelos Pobres.....	84
5 CONCLUSÃO.....	89

ANEXO 1: Obras publicadas de Frei Betto.....	92
ANEXO 2: Entrevista de Mariângela R. A. Moreira com Frei Betto	99
REFRÊNCIAS	105

1. INTRODUÇÃO

Entre os muitos fenômenos sociais que atraem o interesse e questionamentos dos homens, a religião desponta entre aqueles que de forma peculiar tem suscitado as mais variadas teorias sociológicas quanto a sua origem (DURKHEIM, 1989), sua plausibilidade (BAUMAN, 2003; VATIMMO, 2004), sua relação com as estruturas sociais (BERGER, 1985, GIRARD, 1998) e meio de libertação ou alienação (LÖWY, 2000; MARX, 2002).

Nesta dissertação, na qual é trabalhada a temática “Opressão e libertação: a religião libertadora nas obras de Frei Betto”, o enfoque desenvolvido é aquele que vê a religião sob o prisma das relações de poder e de mudanças históricas significativas, noutras palavras, pela perspectiva de que o fenômeno religioso não é necessariamente alienante entre as camadas exploradas da sociedade, mas que pode se constituir em um fator poderoso de aglutinação em torno de um ideário comunitário de libertação e proclamação da justiça, como foi o caso dos movimentos religiosos sob a orientação da Teologia da Libertação na América Latina e, especificamente, no Brasil.

Por sermos graduados em pedagogia, o primeiro contato que tivemos com pensamento de Frei Betto foi através de sua literatura sobre educação.¹ Na medida em que fomos estudando os teóricos das ciências sociais vimos que seria possível realizar uma pesquisa na qual Frei Betto poderia ser estudado na temática da religião como forma de denúncia das injustiças sociais e busca da libertação dos oprimidos.

Como objetivo temos a análise crítica do pensamento de Frei Betto em suas obras *Batismo de Sangue* e *Cartas da Prisão*, tendo como ponto focal seu conceito de religião libertadora. E para alcançarmos este objetivo nos propomos a responder os seguintes questionamentos:

- a. Como se deu a formação intelectual, moral e religiosa de Frei Betto?;
- b. Quais teorias e personalidades que influenciaram o pensamento e as ações políticas de Frei Betto?;

¹ Refiro-me à carta escrita por ele na ocasião da morte de Paulo Freire, na qual ele relata sobre a visão do oprimido e do opressor no contexto educacional.

c. De que forma o contexto social e eclesiástico contribuíram para o engajamento de Frei Betto nas lutas sociais?;

d. Como se deu o envolvimento de Frei Betto com Marighella?;

e. Em quais pontos ideológicos Frei Betto e Marighella comungavam dos mesmos valores?;

f. O que é uma igreja conservadora para Frei Betto e qual a relação deste modo de ver e viver a religiosidade com as questões sociais?;

g. O que é uma igreja libertadora para Frei Betto e qual a relação deste modo de ver e viver a religiosidade com as questões sociais?;

Nossa hipótese a respeito da temática proposta para este estudo é que Frei Betto, sob a influência progressista de parte da Igreja Católica e debaixo da influência dos postulados marxista associados à Teologia da Libertação, teorizou sobre a religião como meio de protesto, denúncia, libertação e transformação social. Ou seja, para ele a religião não era ópio alienante, mas sim lentes adequadas para se ler e entender a dinâmica das relações sociais excludentes de seu tempo.

Para se alcançar uma compreensão crítica de seus escritos e fazer análise de seu pensamento sobre religião como forma de libertação e transformação histórica, a metodologia de pesquisa que norteia este estudo é a pesquisa bibliográfica e entrevista. Na pesquisa bibliográfica buscou-se analisar as influências religiosas e marxistas em sua conceituação sobre religião, liberdade, ideologia, opressão, justiça social etc. Quanto à entrevista realizada com Frei Betto, procuramos conhecer seu pensamento a respeito dos fatos narrados em seus livros e seus conceitos sobre religião, política, opressão e libertação.

No levantamento de material bibliográfico para esta pesquisa foi detectada a carência de fontes específicas sobre a vida, obra e pensamento de Frei Betto, eis, então, a razão de termos várias citações extraídas da Internet.

Esta pesquisa justifica-se na medida em que percebemos um número significativo de brasileiros que professam alguma forma de religião e que ao mesmo tempo estão envolvidos com as tramas de poder e dominação de nosso tempo, sem, contudo, perceberem-se como indivíduos através dos quais uma mudança política pode ocorrer. Em tal conjuntura é importante pesquisar formas de se viver uma religiosidade sadia e libertadora comprometida não somente com as questões espirituais, mas também com as questões políticas e sociais de seu tempo.

Quanto ao estado da questão é preciso que se diga que não encontramos qualquer literatura que trabalhasse analiticamente o conceito de Frei Betto sobre o que seria a religião libertadora. Existem na verdade citações à sua personalidade enquanto teólogo da Teologia da Libertação, como alguém que viveu radicalmente sua fé no tempo da ditadura e suas relações com movimentos libertários.

Embora a escassa literatura de outros autores, Frei Betto tem deixado extensa obra literária ao dispor daqueles que têm interesse por conhecer melhor sua história e pensamentos sobre os mais diversos assuntos. Entretanto, como foi indicado por Frei Betto, nós nos atemos às duas obras supracitadas por entendermos que elas melhor refletem a pessoa do místico e revolucionário, aquele que afirma sua religiosidade e que ao mesmo tempo se fundamenta nela para justificar sua inserção revolucionária no meio social.

Este trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro capítulo faz um levantamento biográfico apresentando sua formação acadêmica, envolvimento com os movimentos sociais e sua relação com a Teologia da Libertação, buscando-se nestes elementos as possíveis bases teóricas e históricas de seus conceitos e ações. O segundo capítulo analisa criticamente as obras *Cartas da Prisão* e *Batismo de Sangue*, explicitando sua leitura religiosa e sociológica sobre a realidade brasileira de seu tempo. O terceiro capítulo aborda, no contexto do catolicismo brasileiro, sobre o que é uma religião conservadora e libertadora, seus modos diferentes de tratar as realidades sociais, dando-se destaque ao conceito de Frei Betto sobre a religião libertadora como meio de transformação histórica e libertação. Por fim, na conclusão, afirma-se o valor histórico da Teologia da Libertação como meio de valorização do ser humano como ser vocacionado para escrever sua história e intervir na realidade social de seu tempo.

No anexo 1 há o registro da extensa obra literária de Frei Betto e no anexo 2 está a entrevista realizada pela autora desta dissertação.

Esperamos que este trabalho contribua tanto para o melhor conhecimento sobre a história do Brasil no período da Ditadura Militar, como também do fenômeno religioso enquanto meio de denúncia das injustiças sociais e estruturas opressoras e luta pela liberdade.

2. FREI BETTO, O HOMEM, O FRADE DOMINICANO

Carlos Alberto Libânio Christo, conhecido como Frei Betto, nasceu em 25 de agosto de 1944, em Belo Horizonte, Minas Gerais. É filho do jornalista e cronista do jornal Estado de Minas, Antonio Carlos Vieira e de Maria Stella Libânio Christo, escritora, autora de *Fogão de Lenha: 300 anos de cozinha mineira*, um dos livros clássicos da culinária Mineira. Esse foi um dos motivos que levou Frei Betto também a gostar de culinária, conforme relata em entrevista a Nassif (2011, p. 1).



Fig 1. Frei Betto

Escritor profícuo,² Frei Betto ingressou na Ordem dos Pregadores Dominicanos em 10 de fevereiro 1966, em São Paulo. Como religioso dominicano exerceu também os ofícios de jornalista, teólogo, antropólogo e filósofo. Várias obras suas foram publicadas também no exterior.³

² Um total de 52 livros.

³ Dai Soterranei della Storia, Itália (1973), L'Eglise des Prisons, França (1972), La Iglesia Encarcelada, Brasilianische Passion, Alemanha (1973), Fangelsernas Kyrka, Suécia (1974), Geboeid Kijk ik om mij heen, Bélgica-Holanda (1974), Creo desde la carcel, Espanha (1976), Against Principalities and Powers, Nova Iorque, EUA, (1977), Días en Puebla, México, (1979). Informações disponíveis em <<http://www.freibetto.org/index.php/bibliografia/edicoes-estrangeiras>> Acessado em: 27/05/2011.

Seus trabalhos como jornalista e suas ligações com a Ação Libertadora Nacional (ALN) de Carlos Marighella, um dos mais ferrenhos contestadores do regime político implantado pela ditadura militar, resultaram em sua prisão por duas vezes.

O contexto cultural da Igreja Católica da época representava bem o que Betto encontraria como base para seus conceitos teológicos:

A Igreja Católica passava por um processo de grandes mudanças. Em 1964, ela jogou água benta nos tanques. Agora, crescia a consciência de que ser cristão era ser também contra o pecado da opressão social, contra o pecado de nada fazer diante da injustiça social; ser solidário com os pobres; lutar por um mundo mais justo. Não tinha mais essa de que "Deus quis que os pobres fossem submissos". Era a Teologia da Libertação. (CULTURA BRASIL, 2011, p. 1).

Apesar de sua opção religiosa e de fé, ele esclarece que seu pai cultivava um profundo anticlericalismo, daqueles que entendem que padre algum entra na sua casa. De forma diferente do filho, seu Antônio Carlos Vieira era conservador. Segundo Frei Betto "ele era um juiz de extrema-direita, americanófilo e anticlerical".

Após o filho ser preso, passou a ver a política de outra forma. "Ele foi mudando a cabeça e terminou a vida, em 1992, apoiando a Teologia da Libertação", diz Betto. O pai de Frei Betto aproximou-se da religião porque mudou sua posição política. "Uma das únicas vezes que saiu do Brasil foi para conhecer Fidel Castro".

Frei Betto começou sua militância e aproximação com a Igreja Católica por meio da JEC⁴, na qual se integrara aos 15 anos levado por frei Mateus Rocha, dominicano. Ele foi o primeiro vice-presidente da União Municipal dos Estudantes Secundários em Belo Horizonte, movimento que contribuiu com a sua formação e concepção de luta social. Em pouco tempo, tornou-se liderança do movimento estudantil na capital mineira.

Após um tempo, mudou-se para a cidade do Rio de Janeiro onde fez o curso de Jornalismo em 1964, passando a morar no apartamento de Laranjeiras, uma

⁴ Juventude Estudantil Católica.

república de estudantes partilhada por quadros nacionais da JUC⁵ e da JEC (LESBAUPIN, 2011).

O fato de tornar-se frade dominicano, segundo esclarece em entrevista a Nassif (2011), não foi um ato de rebeldia. Sua mãe, além de católica, era uma militante da Ação Católica, o movimento originário da esquerda católica no País.

Carlos Alberto militava na Juventude Estudantil Católica (JEC) e depois, estudante de jornalismo, na Juventude Universitária Católica (JUC), dois movimentos nos quais os dominicanos eram ativos. E, daí, aproveita para deixar claro: nunca foi padre. Apenas é irmão. Pode celebrar missa e matrimônio apenas por delegação do bispo, mas não pode ministrar outros sacramentos, como confissão, batismo ou crisma. Essa foi uma opção. "Acho que aí tem um pouco da influência do anticlericalismo do meu pai, mas eu não tenho jeito de lidar com uma paróquia. Minha vocação é outra. A Ordem dos Dominicanos é oficialmente conhecida como a Ordem dos Pregadores. Hoje seria a ordem dos comunicadores, da comunicação." (NASSIF, 2011, p. 1).

Segundo Lesbaupin (2011), neste período Frei Betto começa a conviver com bispos de marcada preocupação social, como D. Hélder Câmara, ao mesmo tempo em que se defronta, pela primeira vez, com autoridades hierárquicas reticentes à ascensão dos leigos na Igreja, como D. Vicente Scherer.⁶

No dia 6 de julho de 1964,⁷ poucos meses após o golpe militar, Frei Betto e alguns de seus companheiros da JEC e da JUC, foram presos no Rio De Janeiro e passaram quinze dias em prisão.

Segundo ele, os motivos da prisão foram:

A desconfiança de que nós. Eu era dirigente da ação católica da JEC nacional, eu morava no Rio, num apartamento, em conjunto com equipe nacional da JUC, Juventude Universitária Católica. Naquela época, os militantes da JUC tinham formado um grupo político que era considerado subversivo pela ditadura. Era chamado de "Ação Popular" e a repressão da ditadura foi fazer a distinção A.P. e A.C., entre Ação Popular e Ação Católica, então invadiu nosso apartamento no dia 6 de junho de 1964, convencida de que nós éramos um grupo da Ação Popular e por isso fomos

⁵ Juventude Universitária Católica.

⁶ Aquele que disse, pelo programa *A voz do Pastor*, que achava difícil a inocência de Frei Betto (BETTO, 2001, p. 158).

⁷ Ainda neste ano, ele começou a estudar jornalismo na Universidade do Brasil. Menos de um ano depois entra no noviciado da Ordem dos Dominicanos.

presos, quinze dias, período maior parte em prisão domiciliar, por causa dessa confusão (BETTO, Entrevista, 01/03/2011).

Quando foi preso pela segunda vez entre 1969 e 1973, Frei Betto trabalhava no *Jornal Folha da Tarde* e na *Revista Realidade*, na qual seu pai foi editor.

Segundo Nassif, Frei Betto

Foi preso em 1969, quando estava abrigado num seminário dominicano na cidade gaúcha de São Leopoldo, o Cristo Rei. Foi para lá em maio. Já sabia que estava sob a mira da polícia. Em novembro iria para a Alemanha cursar teologia. Tinha que aguentar até lá. Antes de embarcar, todavia, recebeu de Marighella a incumbência de passar foragidos pela fronteira. Quando a polícia estava atrás de Frei Betto, dois jornalistas tentaram contato com o religioso para avisá-lo de que ele era a bola da vez. Encontraram a senhora que seria o contato deles numa procissão. Ela cantava um hino religioso e, no mesmo tom da música, deu o recado: "O padre que vocês estão procurando já caiu". Chegaram tarde (NASSIF, 2011).

Após os quatro anos de prisão, Frei Betto, em sua obra *Cartas da prisão*, relata o sentimento após sua libertação:

São meses de cárcere, nos quais muito aprendi e, também, esqueci. Esqueci o que não devia ter aprendido, certos hábitos e valores que só servem para acentuar o dualismo que qualquer pessoa de boa vontade é obrigada a aceitar no meio social em que vivemos. Vendo os companheiros saírem, imagino que renascerão, começarão tudo de novo. Não creio que alguém saia daqui para retornar ao passado. Este é um ponto de não-retorno (FREI BETTO, 2008, p. 88).

Ao sair da prisão, Frei Betto escreveu o livro que o deixaria conhecido no Brasil e no exterior, *Batismo de Sangue*. Livro esse que traduz bem como foi sua experiência na prisão, chamada por ele de descida aos infernos, uma experiência impactante, um contato radical com o mundo da miséria e exclusão, uma experiência libertadora e purificadora. Esse trabalho lhe rendeu o Jabuti, o principal prêmio da literatura nacional.

A sinopse do livro⁸ retrata a seguinte história:

⁸ Analisado no capítulo 2 desta dissertação.

Frei Ivo e Frei Fernando partem para o Rio de Janeiro, onde são surpreendidos e torturados por oficiais brasileiros que, acusando-os de traidores da igreja e traidores da pátria, perguntam por informações sobre o local de reunião do grupo para a posterior captura e execução de seu líder, Carlos Marighella. Após sofrerem cruel tortura, os frades informam aos policiais o horário e o local de reunião do grupo, onde Marighella costuma receber recursos oriundos da igreja. Marighella é então surpreendido e executado por policiais do DOPS paulista, sob o comando do delegado torturador Fleury. Frei Betto, refugiado no interior do Rio Grande do Sul, é encontrado, preso, e une-se ao restante do grupo no presídio de Tiradentes, em São Paulo, em 1971. Os frades são posteriormente julgados e sentenciados a quatro anos de reclusão em regime fechado (EBC, 2009)

Essa prisão se deu quando ele fazia o Curso de Teologia, no mês de novembro de 1969, no estado do Rio Grande do Sul. O motivo alegado para a sua prisão foi a acusação de que ele estava ajudando pessoas que estavam sendo procuradas pelo governo ditatorial a saírem do país.

Ele foi preso no Sul, mas o transferiram para o DOPS em São Paulo, onde os outros frades já estavam presos. No mês seguinte foi transferido para o Presídio Tiradentes. Foi condenado a quatro anos de prisão, com pena reduzida para dois anos, mas quando já quase se completavam os quatro anos.

Na prisão, Betto passa a ter convivência com dirigentes da ALN, Ala Vermelha do PCdoB, do PCBR, com quadros antigos do Partido Comunista, dentre os quais Jacob Gorender e Caio Prado Júnior.

Após esse longo tempo em que esteve na prisão, Frei Betto amadureceu suas convicções. Estas proporcionaram a ele um papel relevante na luta pelos que de fato padeciam com as mazelas da sociedade e com a centralização do poder nas mãos dos militares.

Essa nova consciência de si e das condições de vida das massas, ele a expressa em uma das cartas que envia ao Frei João Xerri, em 07 de janeiro de 1973, onde diz ter encerrado em sua mente muitas idéias erradas sobre o engajamento nos movimentos de massa (BETTO, 1981).

Logo após sua prisão, Frei Betto também sofreu uma grave perda com o suicídio de Frei Tito de Alencar, seu amigo, que não suportou a pressão das torturas a ele infringidas e enforcou-se em Paris.

Segundo seu colega Ivo Lesbaupin, Frei Betto

Ao sair da prisão quatro anos depois, vai para Vitória, onde ajuda D. Luís Fernandes a organizar as comunidades de base, morando num bairro popular e numa favela. Em 1979, muda-se para São Paulo, onde passa a organizar a Pastoral Operária na Diocese de Santo André, dirigida na ocasião por D. Cláudio Hummes. É por essa época que entra em contato com Lula, líder sindical do ABC, de quem se tornará amigo (LESBAUPIN, 2011).

Ao residir no Espírito Santo, na Arquidiocese de Vitória, e organizar o movimento das Comunidades Eclesiais de Base (CEBS), Frei Betto também assessorou estas comunidades em diversas dioceses brasileiras.

Ao sair da prisão, em 1973, passei cinco anos em Vitória, hibernando na favela do Morro de Santa Maria. Dediquei-me à organização das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) que, multiplicadas, chegaram a cem mil em todo o país (FREI BETTO *apud* O GLOBO, 2002, p. 1).

De volta a São Paulo, em 1979, torna-se membro do CEPIS⁹ e responsável pela Pastoral Operária, em São Bernardo do Campo. Após o fim do período militar, Frei Betto passou a se dedicar à educação popular.

Frei Betto (1983 *apud* STEIN, 2004, p. 60) afirma que devido ao cerceamento às organizações populares e sindicais após o golpe militar de 64, quando o poder ditatorial lançou as lideranças do movimento popular na clandestinidade, na prisão ou no exílio, este vazio foi tomado pelo único espaço sobre o qual a repressão não incidia de forma direta, ou seja, a Igreja Católica.

Desta forma, as CEBs se organizaram com certa facilidade devido à ausência de alternativas para o movimento popular e também pelo fato da instituição eclesial (a Igreja) estar repensando seu caráter pastoral e motivação religiosa das CEBs que, à primeira vista, não originavam suspeitas aos braços repressivos do aparelho estatal.

Nestas comunidades as pessoas reuniam-se em novenas, círculos bíblicos, romarias, sem que isso gerasse apreensão tanto a elas quanto aos órgãos de segurança.

⁹ Centro de Educação Popular do Instituto Sedes Sapientiae.

A Pastoral Operária surgiu com uma atuação diferenciada das outras pastorais que tinham como foco principal a ação evangelizadora, enquanto nesta, as manifestações religiosas foram substituídas por uma militância política, devido ao contexto político dos anos 70/80 (BETTO *apud* STEIN, 2004, p. 60).

Segundo Stein (2004), o documento elaborado pela secretaria das CEBs de Curitiba, em 1991, atribui os principais fatores que influenciaram sua origem:

- a. A crise institucional da Igreja, devido à falta de religiosos e padres para o trabalho com o povo;
- b. Precedentes experiências históricas de ação pastoral;
- c. Pesquisa de uma nova ação pastoral, uma busca de instrumentos novos;
- d. Crise social e busca de novas relações sociais primárias;
- e. Influências de uma nova ação da Igreja e de uma nova teologia pós - Vaticano II.

Nas CEBs, descobriu-se a dimensão narrativa da fé e da espiritualidade libertadora, através da oração comunitária, liturgia e da eucaristia. Segundo Stein (2004, p. 60) “a leitura da Bíblia na comunidade desvela os relatos históricos da aliança entre o povo de Israel e o seu Deus e os relatos da fé no evento de Jesus, transmitidos pelas primeiras comunidades cristãs”.

Segundo palavras de Frei Betto, as CEBs são

Um desafio lançado à Igreja pela esperança de libertação dos povos latino-americanos. Através de suas comunidades de base, de seus agentes pastorais, descobrir a maneira mais evangélica de tornar essa esperança uma prática eficaz de transformação da história e busca do mundo de justiça e amor (*apud* ESTEF, 2011, p. 1).

Além desta experiência que Frei Betto obteve com as CEBs, ele também ocupou a função de Assessor da Pastoral Operária de São Bernardo do Campo (SP), participou de outros movimentos populares, além de colaborar com diversas revistas e jornais.

Nesta época, Frei Betto já tinha contato com Lula, fato observado em relatos publicados na *Revista Época*:

Ainda não eram 6h da manhã quando três viaturas estacionaram em frente ao número 273 da Rua Maria Azevedo Florence, um sobrado de esquina em São Bernardo do Campo.

– Senhor Luiz Inácio! Senhor Luiz Inácio!

Frei Betto dormia na sala. Assessor da pastoral operária, ele se instalara na casa de Lula dias antes. “Atendia ao pedido de Dom Cláudio Hummes, bispo da região, em apoio a Lula, então presidente do sindicato dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema”, diz. Naquele 19 de abril de 1980, um sábado, estava acompanhado pelo deputado estadual Geraldo Siqueira, também solidário à greve, que avançava pela terceira semana (VANUCCHI, 2011, p. 1).

Segundo Frei Betto (*apud* O GLOBO, 2002, p. 1), no fim da década de 70, Lula e ele atuavam na mesma cidade, São Bernardo do Campo. Lula como líder metalúrgico e Betto como assessor da Pastoral Operária. Porém, só se conheceram pessoalmente em janeiro de 1980, em João Monlevade (MG). Participavam da posse de João Paulo Pires de Vasconcellos, eleito presidente do Sindicato dos Metalúrgicos da Companhia Belgo-Mineira.

Em 1979 transfere-se para São Paulo, passando a ser o responsável pela pastoral operária de São Bernardo do Campo, na qual trava contato com a geração dos sindicalistas, liderados por Lula, que encabeçarão as greves operárias nesses anos. De 1980 em diante, trabalha no Centro de Educação Popular Sede Sapientiae, promovendo cursos e assessorias aos “movimentos sociais e populares” organizados, agentes pastorais e dioceses (FERREIRA; REIS, 2007, p. 393).

Sua proximidade com o ex-presidente Lula pode ser explicada também pela formação religiosa de Lula, que facilitou sua aproximação com a Pastoral Operária, também integrada por metalúrgicos que tinham destaque dentro da atividade sindical (BETTO *apud* O GLOGO, 2002).

Na campanha salarial de 1980, estreitaram-se os laços entre o sindicato e a Pastoral de São Bernardo do Campo. Deflagrada a greve, ajudei a cuidar da infra-estrutura do movimento, enquanto Lula comandava as assembléias no estádio da Vila Euclides e as difíceis negociações com o empresariado. O regime militar temia os efeitos políticos da greve. Decidiu jogar pesado. Interveio no sindicato e cassou o mandato da diretoria. Dom Cláudio Hummes, bispo do ABC, liberou a matriz de São Bernardo do Campo às assembléias. Alguns fiéis se escandalizaram: “Estão profanando o templo”. Padre Adelino De Carli, o vigário, retrucou: “De que vale prestar culto a Deus e dar as costas a quem luta pelo pão da vida?” (FREI BETTO *apud* O GLOGO, 2011, p. 1).

Em entrevistas ao *Jornal O globo*, Frei Betto comenta sobre o suporte que a igreja deu à greve.

Atrás da igreja, organizamos o Fundo de Greve. Vinham alimentos de todo o país. Caminhoneiros transportavam as doações misturadas à carga. Ricardo Kotscho, repórter da "Folha de S. Paulo", me chamou de lado numa assembléia e entregou-me o cheque de seu salário. (FREI BETTO *apud* O GLOGO, 2011).

Com a vitória petista, em 2002, Frei Betto foi para o Palácio do Planalto e ajudou na execução do projeto político Fome Zero, anunciado logo após a posse de Lula, mas trocado um ano depois pelo Bolsa-Família.

Diz Betto que aquele programa mudou sua maneira de perceber a política, vendo que a política institucional não é sua vocação, gostando mesmo de ser autônomo, de praticar a política mais ampla e não partidária. Frei Betto é um socialista convicto; não abriu mão de suas convicções, principalmente no que diz respeito à crítica ao neoliberalismo.

2.1 FREI BETTO, A IGREJA E A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

Na história do Brasil a Igreja Católica alcançou papel relevante na formação moral, ética, espiritual e cultural do povo brasileiro. À medida que a Igreja elaborou uma idéia específica de homem e de sociedade, ditando regras de conduta ética, moral, social, religiosa e política, ela mostrou-se uma instituição fundamental para o entendimento de qualquer contexto histórico.

No caso específico da Igreja progressista, sua importância para os estudos de lideranças políticas cresce na medida em que, dentre outros fatores, ela foi capaz de colocar à disposição seus quadros, seus agentes pastorais e os meios técnicos disponíveis a serviço da organização daqueles que não tinham acesso aos grandes meios de informação.

Ao fim do século XIX o Concílio Vaticano I¹⁰ foi um marco do novo fortalecimento da superioridade papal, além da romanização do catolicismo através do mundo e da centralização administrativa do Vaticano. A convocação deste concílio representou na verdade a consolidação da autoridade papal nas instituições eclesiais católicas, bem como uma rejeição do ideário político advindo dos aspectos políticos da época e da Revolução Francesa.

Até a realização do Concílio Vaticano II (1962-1965), a Igreja Católica no Brasil era predominantemente uma instituição conservadora. Neste tempo, as missas ainda eram celebradas em latim, com os padres de costas para a audiência, e a participação dos leigos no dia-a-dia da instituição era quase nula.

Inspirados pelo movimento Ação Católica, que ganhou força na Itália durante o pontificado de Pio XI,¹¹ intelectuais como Jackson de Figueiredo (1891-1928), Alceu Amoroso Lima (1893-1983) e Gustavo Corção (1896-1978) começam a defender uma maior participação dos católicos leigos nos rumos da Igreja e da política no País.

A convocação do Concílio Vaticano II,¹² não somente questionou a centralização da doutrina, mas também sua administração centralizadora, produzindo uma reviravolta na Igreja Católica, a qual deixou de ser uma instituição essencialmente européia, passando a receber em seu bojo integrantes de nacionalidades diversas, como é o caso dos religiosos da América Latina e da África, que passaram a discutir questões mais regionais até então desconhecidas pela elite administrativa da Igreja e defendendo uma ação de caráter mais liberal.

É certo que, entre o final da década de 1950 e início da década de 1960, alguns padres, bispos e leigos ligados à ação da Igreja Católica adotaram uma postura diferenciada com relação aos pobres. Até então sempre aliada ao *status quo*, nesse período, parte da comunidade religiosa passou a ter uma relação de proximidade com as classes menos favorecidas, num movimento bastante influenciado pelo Concílio Vaticano II e que só passaria a ser desestimulado com a eleição do conservador João Paulo II (CUNHA, 2007, p. 56).

¹⁰ realizado de 8 de dezembro de 1869 a 18 de dezembro de 1870.

¹¹ De 1922 a 1939.

¹² Convocação realizada por João XXIII no dia 25 de dezembro de 1961 e instaurado no dia 11 de outubro de 1962.

Após o Concílio Vaticano II ocorreu o que se pode chamar de nacionalização das instituições católicas. A institucionalização das conferências nacionais de bispos reforçou o processo dinâmico de nacionalização que foi estabelecido, inicialmente, por diversas formas da ação católica. Esta ação tinha como estratégica a mobilização dos católicos leigos com objetivo de defender e fazer promoção dos interesses da Igreja, a qual, segundo a própria igreja, estava inserida em um ambiente secular de hostilidade.

Segundo Stein (2004), este Concílio foi o marco divisor entre o discurso de uma Igreja sacramental, voltada de forma prioritária para as classes dominantes, e uma Igreja cujo discurso será voltado para os pobres e subalternos, valorizando a libertação das classes oprimidas.

As transformações institucionais provocadas pelo Concílio Vaticano II e pela Conferência dos Bispos da América Latina, realizada em 1968 na cidade de Medellín, expressaram uma preocupação da Igreja em "ir ao encontro do povo" e reconquistar as massas. Dessa forma, houve um deslocamento de suas bases sociais, que passaram das classes médias para as classes populares subalternas.

Esse movimento implicou numa série de tentativas de redefinição da visão da Igreja a respeito da cultura popular e em um direcionamento preferencial das atividades práticas e discursos para as camadas pobres da população. A Igreja assumiu uma postura de porta-voz da sociedade civil, construindo assim uma interlocução de cunho oposicionista e contestatório com o governo militar (LÖWY, 2000).

A respeito disso, Martelli também afirma:

Essa Igreja, que escolhe de maneira cada vez mais explícita um campo ideológico específico na luta de poder que se desenvolve no contexto brasileiro, se auto-representa em continuidade com as transformações decorrentes do Concílio Vaticano II, realizado em 1962-1965, cujo objetivo envolveu uma preocupação em redefinir a posição da Igreja no mundo, de modo a fazer face a seus dilemas concretos. Eder Sader (1988) observa que, sobretudo a partir dos anos 50, a Igreja Católica Brasileira começa a se preocupar com sua perda de influência entre a população mais pobre, visto o crescimento do pentecostalismo e da umbanda, por exemplo, ou o simples afastamento nas práticas religiosas. A partir do Concílio Vaticano II, de Medellín (1968) e de Puebla (1979), a Igreja passa por um redirecionamento que coloca a necessidade de uma teologia voltada para a reflexão crítica sobre a práxis (MARTELLI, 2003, p. 128).

Frei Betto, demonstrando o quanto foi representativamente positiva a iniciativa trazida pelo Concílio Vaticano II, em um dos trechos escritos ao Papa João Paulo II, diz: “Sois um homem de coração à esquerda e cabeça à direita. Não vos agradam a Teologia da Libertação e as inovações suscitadas pelo Concílio Vaticano 2º. Ah, que grande alegria se o vosso pontificado canonizasse o papa João 23!” (BETTO *apud* RODRIGUES, 2011, p. 1).

O destaque a João Paulo II e especial interesse de Frei Betto se deve ao fato que este Papa declarou-se contra a Teologia da Libertação em sua Alocução de Puebla em 1979.

Segundo Löwy (2000), a Teologia da Libertação deveria ser chamada de Cristianismo da Libertação. Segundo o mesmo autor, esta vertente do pensamento teológico é um grupo de textos que resultaram de uma práxis elaborada desde o início dos anos 1960 por determinados setores da Igreja, compostos por padres, ordens religiosas e bispos, e pelos movimentos religiosos laicos, representados pela Ação Católica, Juventude Universitária Cristã e Juventude Operária Cristã, e as redes pastorais de bases populares, comunidades eclesiais de base, entre outras formas de organização popular.

Os teóricos mais relevantes desse modelo de Igreja indicados por Löwy (2000, p. 56) são Gustavo Gutiérrez, Hugo Assmann, Rubem Alves, Carlos Mesters, Leonardo e Clodovis Boff, Frei Betto, Ignacio Ellacuría, Jon Sobrino, Segundo Galilea, Pablo Richard, Ronaldo Munoz, Juan Carlos Scanone, José Miguez Bonino, Enrique Dussel, Ruben Dri, Samuel Siva Gotay, Juan-Luis Segundo.



Fig. 4 Gustavo Gutiérrez

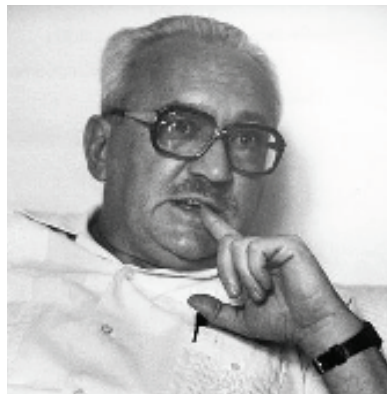


Fig. 5 , Hugo Assmann

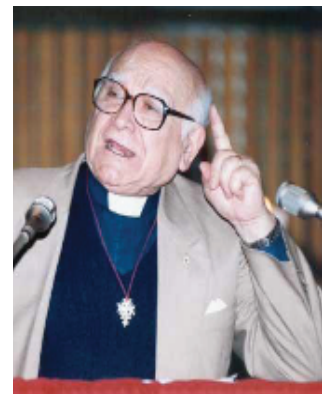


Fig. 6 Juan-Luis Segundo

Quanto ao seu engajamento com a Teologia da Libertação, Frei Betto diz:

Foi um processo, na verdade já nos anos 60 com o Concílio e principalmente com a Conferencia Episcopal de Medellín na Colômbia, onde reuniu todos os bispos na América Latina para adaptar a América Latina as decisões do Concílio então saiu um documento, talvez seja um dos documentos mais avançados na história da igreja Católica, que é o documento de Medellín, 1968, ali estão as bases da Teologia da Libertação, mas eu diria que a Teologia da Libertação ela não foi resultado de idéias de teólogos, sabe, teólogos trancados em seus gabinetes, sua biblioteca, vamos bolar uma nova teologia foi acontecendo a partir da expansão das comunidades eclesiais de base, as comunidades levaram esse povo simples da periferia, do interior a refletir sobre sua fé a partir das suas lutas sociais, isso criou a matéria-prima sistematizada pela Teologia da Libertação, então a Teologia da Libertação é ato segundo, ato primeiro é a vida dos cristão nas comunidades eclesiais de base, essas comunidades é a usina da Teologia da Libertação, foi consequência. Eu me interei disso a partir do momento que sai da prisão em fim de 1973/1974, eu fui morar na Arquidiocese de Vitória-ES, que era um dos lugares pioneiros das comunidades eclesiais de base, então eu estava envolvido nesse processo em que foi gestada a Teologia da Libertação (BETTO, entrevista, 2011).

De acordo com uma publicação da Arquidiocese de São Paulo,

[...] as mudanças ocorridas no Brasil a partir de 1960 e notadamente 1964, coincidiram com transformações que se iniciavam no interior da Igreja, influenciadas pelo Concílio Vaticano II, a partir daí, a Igreja se envolvia cada vez mais nas questões sociais, através da hierarquia e principalmente através de organizações leigas. Embora minoritárias, alas da Igreja apoiavam as Reformas de Base de Jango, setores regulares (bispos, sacerdotes, religiosos e religiosas) e principalmente setores seculares ligados a Ação Católica, mais incisivamente os movimentos de juventude: Juventude Estudantil Católica (JEC); Juventude Operária Católica (JOC) e Juventude Universitária Católica (JUC) (*apud* GONÇALVES, 2004, p. 52).

Ao longo de vários anos, a Igreja se manteve como um dos poucos, senão o único espaço para a resistência à ditadura militar. Essa Igreja de orientação mais progressista, mais popular, não só cedeu seu espaço físico como desempenhou papel de inestimável importância na defesa dos direitos humanos, na proteção aos perseguidos políticos, na luta contra a carestia, contra a miséria etc.

Em função do bloqueio da sociedade civil e de todas as formas de organização, determinadas pelo governo autoritário, o clero e bispos no Brasil tiveram que repensar o papel da Igreja na sociedade.

A pressão exercida sobre a igreja por parte da sociedade civil representava o reconhecimento da situação de poder praticada pela instituição na sociedade, transformando-a num objeto de veiculação do discurso de inúmeras entidades populares que entraram na clandestinidade após o golpe.

Segundo Löwy (2000) as comunidades Eclesiais de Base (CEBs) foram uma tentativa de suprir as demandas de determinados setores da sociedade, assim como dos trabalhadores sindicalizados, estudantes, intelectuais e posteriormente dos movimentos de mulheres e negros.

Todos exigiam espaços de mobilização cujo objetivo era contestar o autoritarismo, originando a conhecida Igreja popular ou Igreja dos pobres, a qual nasceu em decorrência do clamor dos que foram excluídos pela sociedade, fundamentalmente no período em que ocorreu o milagre das altas taxas de riqueza, dos indicadores gerais da economia do alto PIB e, ao mesmo tempo, das altas taxas de exclusão social. Para Frei Betto,

[...] os movimentos populares são, por sua própria natureza organismos da sociedade civil. Entendemos por sociedade civil a esfera das relações - entre pessoas, grupos, movimentos e classes sociais - que se desenvolvem de modo autônomo frente às relações de poder próprias das instituições estatais. A sociedade civil é a base da qual emanam os conflitos, as reivindicações e as denúncias a que o sistema político deve responder. Portanto, nela estão incluídas as várias formas de mobilização das forças sociais que tendem à conquista do poder político. A sociedade civil é o espaço das relações de poder de fato, enquanto que o Estado é o espaço das relações do poder de direito (BETTO, 2006).

Assim, a materialização da defesa dos excluídos seja da economia ou da política foi uma conquista num primeiro momento do Concílio Vaticano II e depois da Conferência de Medellín,¹³ além de outros mecanismos de luta pelo bem estar da sociedade e dos oprimidos, que contaram a presença de líderes que se dispuseram estar à frente da defesa popular.

¹³ De 24 de agosto a 6 de setembro de 1968.

Segundo palavras de Frei Betto, em entrevista à autora deste trabalho, o Concílio teve um impacto para todo o mundo cristão em geral. Primeiramente porque operou uma reforma litúrgica muito profunda na igreja¹⁴ e, em segundo lugar, porque os leigos passaram a ter mais importância na Igreja. Houve uma desclericalização da Igreja Católica. Isso permitiu tanto a expansão das comunidades eclesiais de base como também do movimento ecumênico.

Betto explicou ainda que a Igreja deixou de culpar os judeus pela morte de Jesus, superando um certo antissemitismo na pregação que havia. Ele, enfim, passou a entender melhor o mundo moderno com a sua pluralidade religiosa, e sem o olhar negativo sobre isso. Antes havia a idéia que se a pessoa não fosse católica, não seria salva, isso acabou. O Concílio mudou muito a teologia da Igreja.

Segundo Martelli:

No Brasil está uma das mais inovadoras, progressistas e combativas igrejas da América Latina, senão do mundo. Nos anos setenta, em decorrência da ditadura militar, essa igreja alcançou uma coesão ideológica e pastoral tal que tornou a defesa dos direitos humanos e a volta a uma sociedade democrática verdadeiras aspirações da nação brasileira (1995, p. 128).

A ligação entre Frei Betto, a Teologia da Libertação e o novo contexto trazido pelo Concílio se mostra através da atuação enérgica nas CEB's espalhadas pelo Brasil principalmente nos anos entre 1970 e 1980. Essas Comunidades Eclesiais eram formadas essencialmente por membros das classes populares e vinculados à Igreja. O estudo bíblico estava em relação direta com os problemas da vida diária.

Frei Betto explica que na cidade essas comunidades eram formadas por dez a quinze pessoas, e no campo, esse número era de trinta até oitenta indivíduos, que se reuniam periodicamente, com ou sem a presença de um sacerdote, para refletir, aprofundar e celebrar a fé, engajadas num contexto social e político de desafios. Ele esclarece ainda que as CEB's não eram um movimento da Igreja, mas pretendiam ser a própria maneira da Igreja ser em meio popular (BETTO, 1997).

¹⁴ Até o Concílio os padres celebravam a missa em latim de costas para o povo, o povo não participava e nem entendia o que eles falavam. Isso foi mudado a partir do concílio.

O método praticado nessas reuniões era o de ver-julgar-agir, o que significava que se buscava ver a realidade da vida, analisá-la sobre o prisma da fé e agir conforme o juízo embasado nos estudos feitos, o que acabava, por vezes, transcendendo os limites da Igreja, fortalecendo o movimento social em prol da democracia.

O desenvolvimento destas comunidades é explicado pelo próprio Frei Betto (1997) ao dizer que com o golpe militar de 64, as comunidades cresceram primeiramente em razão da Ação Católica ter sido reprimida pela ditadura e eliminada por parte do episcopado; em segundo lugar porque diversos setores de esquerda, sem o espaço necessário para atuarem, acabaram se voltando para essas comunidades; em terceiro lugar porque a repressão desmantelou todas as organizações populares, menos as CEB's. Segundo os militares, as comunidades de base eram voltadas às atividades de oração, não representando, desta forma, nenhuma ameaça ao regime.

Na década de 60, as comunidades viveram a sua fase de gestação, conquistando a simpatia de muitos bispos como novo modelo pastoral. Adotou-se a metodologia do ver, julgar e agir, utilizada antes pela Ação Católica. Outro aspecto que levou ao seu crescimento foi a nova maneira de ler a bíblia, essa comparação entre fé e vida. E da preocupação com o que significa ser cristão nessa conjuntura, na virada dos anos 60 para os anos 70, as CEB's se tornam embriões dos movimentos populares (BETTO, 1997, p. 5).

Ainda segundo Betto (1997) essa foi uma época de muita produtividade, uma vez que acompanhou o processo de migração e a explosão urbana. Fora das CEBs, a Igreja Católica não tinha nenhuma outra forma de evangelização que congregasse os migrantes em estruturas comunitárias.

A ausência de outros instrumentos sociais fez com que pessoas com competência se dedicassem às comunidades, trazendo para dentro delas o método Paulo Freire e fazendo a união com os movimentos populares. Isso ocorreu principalmente nos anos 70. Tanto que é difícil encontrar uma liderança popular de hoje que não tenha passado pelas CEB's: Vicentinho, José Rainha, Luiza Erundina, João Pedro Stédile e outros.

Os teólogos defensores dessa teologia se colocaram ao lado dos grupos menos favorecidos, em defesa de uma libertação que partia do prisma religioso e que alcançava a vida social e política do fiel, uma vez que a situação vivida por essa população é vista como um pecado que deve ser resolvido, por meio do engajamento político do cristão em prol da construção de uma sociedade mais justa e solidária.

Betto explica que as comunidades (CEB's) das quais participava, tiveram um papel fundamental no incentivo à criação de movimentos populares, sendo o mais expressivo deles o da luta contra a Carestia, em São Paulo.

Elas são muito influenciadas pela teologia do Concílio Vaticano II. Querem uma Igreja democrática, que viva na linha da comunhão e não da hierarquia, da imposição. Querem uma Igreja na linha da partilha dos bens, tolerante, ecumênica. As CEBs realmente estruturam um novo perfil de Igreja que, a meu ver, é o único que temos para enfrentar o fenômeno das Igrejas neopentecostais (BETTO, 1997, p. 5).

Na visão do Estado militar, essa ação da Igreja, representada pelas Comunidades de Base e dos indivíduos ligados à Teologia da Libertação, eram consideradas perigosamente subversivas. Por isso, o Estado tentou coibir de todas as maneiras possíveis a sua atuação.

O período de permanência dos militares no poder trouxe inúmeras consequências para a ação da igreja e o nascimento de uma consciência democrática na sociedade brasileira, mesmo às custas de muito sofrimento e da morte de muitos cidadãos, o que reforçou gradualmente a repulsa a qualquer tipo de regime autoritário ou ditatorial.

Independente das discordâncias entre a Teologia da Libertação e as doutrinas da Igreja Católica, essa teologia foi base para as ações das CEBs que, de acordo com Frei Betto, sob o contexto histórico, durante vinte anos, foram as entidades base na esfera das contestações sociais, uma vez que não existiam CUT,¹⁵ instâncias políticas e sindicais ou partidos progressistas que questionassem publicamente a ditadura militar, existam somente as CEB's.

¹⁵ Central Única dos Trabalhadores.

Desta forma, a Teologia da Libertação praticada nas CEB's tinha por base o nascimento de uma Igreja dos pobres pelo Espírito de Deus,¹⁶ com grande expressividade e preparada com um molde de Igreja para o Brasil do terceiro milênio.

Frei Betto, em entrevista à autora do trabalho, afirmou que a Teologia da Libertação está presente em tudo que faz. Na sua maneira de pensar, está inserida neste contexto. O seu “eu” resulta do fruto e protagonista desse processo; respira aquilo que são as bases da Teologia da Libertação, ou seja, pensar fé a partir dos oprimidos, pensar a fé dentro de um horizonte libertador.

2.2 FREI BETTO E A DITADURA MILITAR

A experiência de um poder político centralizado nas mãos de um grupo específico ou de uma pessoa não ocorreu somente nos anos 60. No início da metade do século XX o Brasil passou pelo famoso Estado Novo de Vargas, o qual representava na verdade uma forma de ditadura, onde o governo fazia a centralização de todos os poderes no Executivo.

Já em 1964 os militares originaram o golpe, culminado com a derrubada do governo do presidente João Goulart. A justificativa ideológica foi a de que havia uma ameaça comunista e que a mesma deveria ser afastada, motivo este sustentador de um regime autoritário e ditatorial pelo período de 21 anos.

As raízes da crise que levaram os militares ao poder em 1964 surgiram décadas antes. Segundo Roberto, o quadro do processo é o seguinte:

- 1935 - medo comunista: ocorre a Intentona Comunista, rebelião organizada pelo Partido Comunista Brasileiro. A rebelião é rapidamente derrotada, mas deixa uma herança: consolida em grande parte do Exército uma tradição de forte anticomunismo
- 1948 - Teoria perigosa: Em 1948, oficiais brasileiros que freqüentaram instituições militares americanas criam a Escola Superior de Guerra

¹⁶ Isto evidencia os objetivos essencialmente religiosos por trás das ações das CEB's e dos teólogos da Teologia da Libertação.

(ESG). Ela vira a sede do pensamento militar anticomunista no Brasil, atraindo elites conservadoras do país. A ESG elabora uma doutrina de segurança nacional, princípios teóricos que servirão para justificar a intervenção dos militares em assuntos do governo em nome de supostos "interesses da pátria"

- 1954 - Ensaio golpista: Entre 1951 e 1954, o governo nacionalista de Getúlio Vargas enfrenta feroz oposição de militares e líderes civis conservadores.
- 1959 - Revolução numa ilha: O "perigo comunista" volta a ganhar destaque em 1959, quando uma revolução conduz Fidel Castro ao comando de Cuba, aumentando o medo dos conservadores em relação a políticos nacionalistas e de esquerda
- 1961 - Renúncia inesperada: Em 25 de agosto de 1961, o presidente Jânio Quadros renuncia. É adotado o parlamentarismo, que diminui o poder de Jango. (2011, p. 1).

Após a renúncia do presidente Jânio Quadros,¹⁷ a oposição entre os católicos progressistas e os conservadores assume um forte caráter político. Em meio à crise institucional provocada pela saída de Jânio, os católicos conservadores se aliam aos partidos liberais para tentar impedir a posse do vice, João Goulart (Jango).

Militantes comunistas, líderes de esquerda e estudantes saem às ruas para defender a posse de Jango, mas os ministros militares e a ala direitista do Congresso conseguem impor o regime parlamentarista. Em setembro de 1961, Jango assume a presidência, tendo Tancredo Neves como primeiro-ministro (FEIJÓ, 2011).¹⁸

As greves duplicaram, de 154 em 1962, para 302 em 63. O governo gastava demais e arrecadava de menos, acumulando um déficit de 504 bilhões de cruzeiros, equivalente a mais de um terço do total das despesas (GASPARI, 2002).

- 1964 (13 de março) - Guinada à esquerda: Jango não tem apoio parlamentar para aprovar as "Reformas de Base" e pede ao povo apoio às reformas (ROBERTO, 2011, p. 1).

¹⁷ Em 25 de agosto de 1961.

¹⁸ Segundo Roberto, em 1963, através de um plebiscito, o povo brasileiro decide-se pelo retorno do regime presidencialista e Jango recupera plenos poderes (2011, p. 1). Segundo Gaspari, o presidencialismo ficou com 9,5 milhões de votos contra 2 milhões dados ao parlamentarismo (2002).

A guinada dividira o país. O conservadorismo paulista respondera ao comício do dia 13 com uma Marcha da Família com Deus pela Liberdade, liderada por senhoras católicas com o terço nas mãos, que pediam a renúncia de João Goulart. O Congresso, com maioria conservadora, mostrava-se disposto a bloquear os projetos de reforma e a cozinhar o surto esquerdista até o ano seguinte (GASPARI, 2002 e FEIJO, 2011)

- 1964 (19 de março) - Reação da direita: Os conservadores organizam uma passeata popular em resposta às alianças de Jango e seus projetos supostamente "comunistas". No dia 19 de março, aproximadamente 500 mil pessoas participam em São Paulo da "Marcha da Família com Deus pela Liberdade", exigindo o fim do governo João Goulart (ROBERTO, 2011, p. 1).
- 1964 (31 de março) - O desfecho militar: Na madrugada de 31 de março para 1º de abril, uma rebelião contra o governo começa em Minas Gerais. Entre os líderes do movimento, destacam-se o governador mineiro Magalhães Pinto e o marechal Castello Branco, chefe do Estado-Maior do Exército. A rebelião é apoiada em outras regiões, por políticos conservadores e pela maioria das Forças Armadas. Jango é deposto e tem início uma ditadura militar que durará até 1985 (ROBERTO, 2011).

Gonçalves explica que parte do clero e instituições católicas como a Pia União das Filhas de Maria e as Congregações Marianas masculinas estavam presentes nesse movimento. Registrou-se inclusive a presença “do então cardeal arcebispo de São Paulo, Dom Agnello Rossi, que estava na primeira fila da Marcha” (2004, p. 52).

Neste ano também ocorreu a primeira prisão de Frei Betto, quando este era dirigente da ação católica da JEC nacional, morando no Rio, num apartamento em conjunto com equipe nacional da JUC, juventude universitária católica.¹⁹

Em 1964 Jango se aproxima de militares de baixa patente, ficando ao lado deles em rebeliões no meio militar. Oficiais graduados veem no gesto uma ameaça à hierarquia militar. Era o que faltava para incentivar o golpe (ROBERTO, 2001).

¹⁹ Segundo Frei Betto, nessa época os militantes da JUC tinham formado um grupo político que era considerado subversivo pela ditadura. Este grupo era chamado de “Ação Popular”. E os aparelhos de repressão da ditadura por pensarem que eles pertenciam a este grupo, invadiram o apartamento deles no dia 6 de junho de 1964. A prisão durou quinze dias. A maior parte destes dias foi em prisão domiciliar.

A ditadura militar foi instaurada com apoio, sobretudo, de indivíduos e entidades da sociedade civil e de órgãos representativo do poder econômico nacional, de parcela dos superiores hierárquicos da Igreja Católica²⁰ e de relevantes órgãos de comunicação,²¹ antes tradicionalmente liberais e que deram seu apoio.

Segundo Salem (1981) os bispos reformistas também se apavoraram com o perigo de “cubanização” do país, e apoiaram o golpe como uma espécie de saída segura, preventiva. Nas palavras de Salem:

[...] assim não é de se estranhar também que a maioria dos bispos (inclusive alguns reformistas) apóie em 1964 o golpe militar contra o governo do Presidente João Goulart [...] (SALEM, 1981, p. 26).

Até mesmo D. Paulo Evaristo Arns – que tornar-se-ia mais tarde um ícone na defesa dos que lutavam contra o regime – que em 1964 ainda não era bispo, mostrou-se simpático ao golpe. Os discordantes desse apoio, que eram minoria, foram abafados dentro da própria Igreja.

Segundo D. Hélder Câmara, o apoio da maioria dos bispos brasileiros à legitimação do golpe de 1964, deu-se principalmente, dentre outros motivos, pela questão da propaganda ideológica em torno do comunismo. D. Helder Câmara foi um dos bispos de marcada preocupação social e participação ativa durante o governo ditatorial de 64, e com o qual Frei Betto conviveu durante este período.

A visão de Frei Betto sobre o golpe militar no tocante às elites dominantes era de que as mesmas apenas trocaram o “terno pela farda” (BETTO, 2006). Todo tipo de arbitrariedades e violências foram cometidas contra os que de uma forma ou de outra, manifestavam-se contra o governo, mesmo que não houvesse necessariamente ilegalidade nessa manifestação. Conforme afirma Frei Betto,

[...] toda a minha atividade política consistia no idealismo juvenil de grêmios, debates, congressos, longas discussões a respeito das vias saudáveis, emancipatórias, para o Brasil e o mundo, e a convicção subjetiva de que se instalara um poder arbitrário, violento. Sem que houvesse cometido nenhum crime, infringindo nenhuma lei, nem mesmo a ilegal legalidade dos Atos

²⁰ Aqui fica evidente o perfil conservador de parte desta instituição religiosa.

²¹ Referimo-nos as revista de circulação nacional Revista Manchete e Veja.

Institucionais, fui jogado num cárcere, ainda em junho de 1964. (BETTO, 2006, p.32-33).

Enquanto uma parte da sociedade composta da classe média estava nos grandes centros e sofria com a repressão, outra parcela talvez em maior número sofria com o descaso e com a miséria. Essa parte da sociedade estava localizada fundamentalmente no campo e no interior, as quais muitas vezes eram analfabetos e deixados à margem da sociedade. Com a ditadura militar e o surgimento do chamado “milagre econômico” os problemas que esses grupos passavam foram se evidenciando.

A política econômica no Estado ditatorial procurava reverter drasticamente a condição econômica em que o país estava. O governo fazia divulgação de uma realidade de crescimento irreal e que a ninguém parecia plausível, essencialmente no ramo industrial, uma vez que o único crescimento deste período foi o da entrada de capital estrangeiro cada vez maior.

Este era o milagre econômico, que de acordo com Boris Fausto, foi a consagração da política econômica preconizada pelo então ministro Delfim Netto. Essa política levou a uma brutal concentração da renda, cujo anverso foi um processo de exclusão do mercado da maioria da população (FAUSTO, 1995).

Durante essa época Frei Betto sofreu com sua prisão e torturas, ficando preso num primeiro momento durante 15 dias e depois pelo período de 4 anos. Em entrevista feita pela autora do trabalho Frei Betto relata:

Em três livros falo desta época, que são *Cartas da Prisão*, *Batismo de Sangue*, e *Diário de Fernando*, traduzem bem como foi essa experiência que eu chamo da “Descida aos Infernos” que a gente rezava antigamente no Credo, ao terceiro dia, hoje fala “A mansão dos mortos”, eu preferia a expressão antiga, ao terceiro dia desceu aos infernos. Quando eu era criança, o Concílio é que mudou isso, se rezava assim. Então foi uma experiência impactante, purificadora, eu acho que sou uma pessoa antes e depois da prisão. Um contato radical com o mundo da miséria, da exclusão, porque eu fiquei quatro anos preso, dois anos junto de presos comuns, os dois últimos anos. Em suma foi uma experiência libertadora, que eu nessas *Cartas da Prisão* e *Diário de Fernando* eu traduzo em detalhes, você vai ter acesso, e ver o que significou todo esse período (BETTO, entrevista, 2011).

Desta forma, a experiência por que passou Frei Betto lhe trouxe novas experiências de vida e amadureceram seus conceitos filosóficos. A seguir, serão analisadas com mais propriedade as Obras *Cartas na Prisão* e *Batismo de Sangue*, elucidando um pouco mais da vida desse homem tão importante para o contexto histórico brasileiro.

Abaixo segue a sinopse cronológica da vida de Carlos Alberto Libâneo Christo:

1944 - Nasce em Belo Horizonte, no dia 25 de agosto.

1958 - Entra para a Juventude Estudantil Católica – JEC.

1962 - Muda-se para o Rio de Janeiro, contra a vontade do pai, para assumir o posto de dirigente nacional da JEC.

1964 - Inicia o curso de jornalismo na Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro.

1965 - Abandona o curso de jornalismo e muda-se para São Paulo.

1966 - Trabalha como repórter na revista Realidade e no jornal Folha da Tarde. Estuda filosofia e teologia com os dominicanos. Torna-se frei e adere à Teologia da Libertação.

1968 - Após a decretação do Ato Institucional nº 5, AI-5, viaja para o Rio Grande do Sul, a convite do líder do grupo de esquerda Aliança Libertadora Nacional - ALN, Carlos Marighella (1911 - 1969), para ajudar na fuga de perseguidos políticos.

1969 - Preso em Porto Alegre, é condenado a quatro anos de prisão

1974 - Deixa a prisão, fixa-se em Vitória e trabalha na fundação de Comunidades Eclesiais de Base - CEBs. É lançado no Brasil *Nos Subterrâneos da História*, reunião de cartas escritas para a família durante sua prisão.

1979 - Volta a viver em São Paulo. Estréia na ficção com o livro de contos *A Vida Suspeita do Subversivo Raul Parelo*.

1980 - Participa das comemorações de um ano da Revolução Sandinista em Manágua, Nicarágua, quando conhece o líder cubano Fidel Castro (1926).

1983 - Inicia atividade pastoral em Cuba.

1985 - Publica *Fidel e a Religião*, resultado de 23 horas de conversas sobre religião com o líder cubano. Recebe o Prêmio Jabuti, na categoria melhor livro de memórias, por *Batismo de Sangue*.

2003 - É nomeado assessor especial da Presidência da República e coordenador de mobilização social do Programa Fome Zero, no governo de Luiz Inácio Lula da Silva (ITAÚ CULTURAL, 2011, p. 1).

2004 – Deixa o governo Lula.

2005 – Numa iniciativa da UNESCO, Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e jornal Folha Dirigida foi eleito uma das 13 “Personalidades Cidadania 2005”.

2006 – Recebeu, por deliberação unânime da Diretoria Executiva do Instituto Brasileiro de Municipalismo, Cidadania e Gestão (Instituto Cidadão), a Medalha do Mérito Dom Helder Câmara em reconhecimento aos relevantes serviços prestados à Nação, na preservação e fiscalização da gestão pública moral e legal.

2007 – Tornou-se membro do Conselho Consultivo da Comissão Justiça e Paz de São Paulo. É sócio fundador do Programa Educação para Todos. Recebeu a Medalha Tiradentes, homenagem prestada pela Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro. Em outubro do mesmo ano foi agraciado com

o título de Cidadão Honorário de Brasília.

2008 – recebeu em Tarragona, na Espanha, o Prêmio Ones - Reconocimiento Internacional Foca Mediterrània, por sua trajetória e ações em prol do meio ambiente e da solidariedade internacional.

2010 – Publicou o artigo *Os Gays e a Bíblia*.

2011 – Mantém o site: <http://www.freibetto.org>. Divulga *Minas do Ouro* (Romance) - Rio, Editora Rocco.

3. ANÁLISE DO PENSAMENTO DE FREI BETTO

Neste capítulo faremos a análise de duas obras de Frei Betto: *Cartas da Prisão* (1977) e *Batismo de Sangue* (2001). O exame a ser realizado na primeira obra não levará em conta a ordem cronológica na qual as cartas foram escritas. Nosso objetivo é tornar evidentes os conceitos presentes nestas correspondências e ver como os mesmos se harmonizam e trazem luz sobre o pensamento e ações do personagem sócio-religioso em estudo.

Em *Batismo de Sangue*, por ser de natureza diferente da obra anterior, ou seja, ser uma narrativa de fatos históricos concernentes à vida de Carlos Marighella e à participação de religiosos em seu movimento revolucionário, procuraremos realizar uma análise crítica dos fatos narrados, tendo-se como linha mestra de análise a possível relação entre religião e política, misticismo cristão e liberdade.

3.1 CARTAS DA PRISÃO

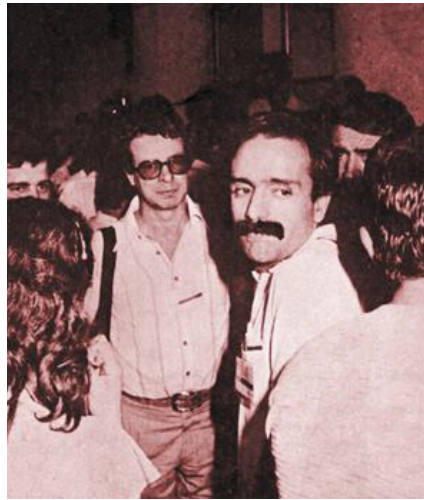


Fig. 7 Frei Betto

Entre os vários livros publicados por Frei Betto, *Cartas da Prisão* (1977)²² apresenta-o tanto na perspectiva de homem comum em suas interações sociais e preocupações familiares,²³ como também como indivíduo religioso comprometido com uma cosmovisão cristã e conceitos marxistas que o impulsionaram fazer várias observações críticas à conjuntura política, econômica, social, educacional e eclesial de seu tempo.²⁴

Não se deixando capitular pelas estruturas religiosas reacionárias de seu tempo e nem pelo poder coercitivo do Estado, Frei Betto usou do único meio de comunicação que possuía para intervir no mundo que estava para além das paredes do cárcere, as cartas.

Nessas cartas, Frei Betto mostra-se comprometido com a liberdade e interessado não somente com as questões sociais e políticas que se faziam presentes na sociedade brasileira, mas também nos problemas do cárcere.

²² Estas cartas datam do mês de fevereiro de 1972 até 25 de setembro de 1973.

²³ Muitas de suas cartas expressam cuidados e interesses estritamente familiares e fraternos.

²⁴ Boff (BOFF, 2000, p. 85), igualmente teólogo da Teologia da Libertação, diz: “[...] as ciências sociais, inclusive o marxismo, encontram aí o seu lugar: estavam no lugar da matéria-prima. Elas só ajudam a decodificar analiticamente o texto social, que devia, em seguida, ser retomado do ponto de vista da fé, caso se quisesse produzir realmente teologia.”

Seu conceito de liberdade²⁵ ia muito além do que a simples situação de não se estar preso. Liberdade para Frei Betto, significa espírito livre para pensar criticamente, fazer uma opção pessoal a favor dos injustiçados e agir – mesmo em cárcere – em prol daqueles que estão à margem da sociedade.

Em carta, endereçada a seus pais e irmãos, datada de 3 de junho de 1972, ele escreve:

A perda da liberdade não pode acarretar a perda da dignidade. Por isso não me dobro às injustiças dentro da cadeia. Há presos, infelizmente, que aceitam, como se fossem surdos e cegos. Para estes importa apenas uma coisa: recuperar a liberdade física, a qualquer preço. Não sou desses. Agir assim seria a minha destruição moral. (1977, p. 57)

Com estas palavras, Frei Betto torna evidente que as grades não haviam agrilhado sua alma. Paradoxalmente, mesmo preso, ele estava livre, enquanto que outros, que alcançavam a liberdade do cárcere físico, voltavam ao convívio social em situação existencial de prisão. Viver nesta condição, segundo Betto, era estar em destruição moral.

Ter ouvidos insensíveis ao clamor dos injustiçados e olhos cegos à miséria flamejante de nosso país era o pior cárcere no qual um brasileiro poderia se deixar submeter. Tal condição tanto desumanizava aquele que estava envolvido neste sistema de alienação como também impedia qualquer forma de mobilização a favor dos pobres.

Por isso, enquanto ser livre para refletir e agir no mundo, Frei Betto optou por **resignificar** a condição carcerária de humilhação na qual estava, em oportunidade para a promoção daquela liberdade conceitual²⁶ que residia em sua mente e coração.

²⁵ Em carta, endereçada à sua irmã Ruth, ele diz: “[...] na medida em que minha prisão trouxer para os outros alguma liberdade, principalmente espiritual, eu estarei convencido de que tudo isso tem um valor, um sentido que à luz da fé pode ser captado e assumido” (1977, p. 33). E na carta de 13/09/73, endereçada a seus pais e irmãos, temos: “[...] o que mais importa é conservar aí fora a liberdade que conquistei aqui dentro. Quem puder me entender entenda” (1977, p. 230).

²⁶ Esta liberdade conceitual refere-se ao fato de não se deixar capitular pelas ideologias daqueles que estão no poder, mesmo diante do cárcere físico.

Como é possível ver em suas cartas, tal conceito foi tecido em sua história pessoal por meio de sua formação acadêmica e religiosa.

Para Frei Betto, ciência e fé não são instâncias irreconciliáveis do experimentar e sentir humano. Estas, embora tenham suas esferas particulares de ação, poderiam ser imbricadas com o fim de se melhor ver e analisar a história dos homens. A primeira – com sua racionalidade e sistemas de observação empírica da realidade – trazendo à luz os processos históricos e sociais de exploração e injustiças sociais. E a segunda – com sua crença em um Cristo libertário – fomentando uma fé libertadora e transformadora das conjunturas sociais opressoras.

Em sua carta a irmã Y, datada do dia 13/02/72, ele escreve:

A questão da justiça é a que mais me preocupa e é por ela que estou aqui. O que me espanta ainda é o fato de que o magistério da igreja não tenha conseguido abordar as próprias causas da injustiça no mundo de hoje. Ficamos sempre nos sintomas – a miséria, o analfabetismo, o desemprego, o desnível entre as classes sociais, a mortalidade infantil etc. – e não vamos a raiz da questão: por que tudo isso? Para responder a esta questão a doutrina cristã terá necessariamente²⁷ que contar com o auxílio da economia, assim como hoje é impossível fazer exegese bíblica ignorando a arqueologia, a *hermenêutica*, a paleontologia etc. (1977, p.21)

E em sua carta, datada do dia 15/01/73, escrita para o padre Gobert, Betto diz:

O livro de Gutiérrez²⁸ que o sr. nos mandou tem sido de grande utilidade. Ele sistematiza certas preocupações que nos acompanham nesses últimos anos, principalmente na prisão, onde a realidade e o diálogo com os nossos companheiros não-cristãos obrigam-nos a rever determinadas categorias de nossa teologia e determinadas vias de nossa espiritualidade. Assim como a teologia em bases cosmológicas exigiu a contribuição da física e da Astronomia para uma certa concepção do universo, assim a teologia contemporânea em bases antropológicas exige a contribuição das ciências sociais para apreender o processo histórico. A fim de não nos iludirmos com

²⁷ Esta expressão associa indissolavelmente a ciência à fé como meio de se melhor analisar o mundo social.

²⁸ A obra referida é *Teologia da libertação* (GUTIÉRREZ, 1975). Segundo Comblin (2000, p. 184,185), Gustavo Gutiérrez deve ser contado entre um dos primeiros fundadores da Teologia da Libertação, ao lado de Hugo Assmann e Juan Luis Segundo. O primeiro falando sobre a “força dos pobres, da luta do povo pobre e cristão por sua libertação integral”, o segundo fazendo críticas ao capitalismo por meio de todos os postulados marxistas que coincidiam com o cristianismo e o terceiro propondo uma nova forma de se fazer teologia onde o conceito de libertação aos oprimidos devesse fazer parte de sua agenda.

o suposto desenvolvimento de nosso país e ter a certeza de que o homem não é a sua meta, precisamos, como os Profetas, ter condições de analisá-lo à luz da Palavra que cria e liberta. Isto só será possível graça, por exemplo, ao auxílio da economia política que nos permite decifrar o mecanismo das relações de produção na América Latina. Nada do que é humano é estranho a Jesus Cristo. (1977, p. 160)

Nestas palavras é possível ver como Frei Betto reconhece o valor das ciências sociais como ferramenta necessária para se “apreender o processo histórico” (1977, p. 160) e da economia política para se “decifrar o mecanismo das relações de produção da América Latina” (1977, p. 160).

E no imbricamento dessas sentenças, Betto escreve que tais ciências abriram portas de diálogos com os outros detentos não-cristãos e impediram que o processo de ilusão ideológica se alojasse em suas mentes. Assim, o profetismo preconizado por Betto tinha em uma mão os livros das ciências humanas e em outra a “Palavra que cria e liberta” (1997, p. 160).

Seu interesse pelas causas da justiça social tinha uma forte conotação religiosa. Em suas cartas, ele não se apresenta como um político ou revolucionário laico, mas sim como um homem de fortes convicções religiosas, e que ao mesmo tempo, não pode prescindir da ciência como meio instrumental para se alcançar o ideário cristão da liberdade e dignidade humanas.

Sua frase final “nada do que é humano é estranho a Jesus Cristo” (1977, p. 160) torna evidente a causa com a qual ele está comprometido (as causas humanas), sua motivação (a fé em Cristo) e sua metodologia de percepção, análise e inserção no mundo (a ciência e a fé).

Por esta leitura do pensamento de Frei Betto é possível concluir que para tal religioso, a religião não seria, necessariamente, um meio de alienação²⁹ ou entorpecimento das condições sociais de exploração nas quais as classes pobres e marginalizadas viviam. Uma vez que “nada do que é humano é estranho a Jesus Cristo” (1977, p. 160), então a crença no transcendente não seria empecilho à busca por revolução e transformação histórica.

²⁹ É interessante aqui notar que, segundo Berger (1985, p. 102), tanto Marx como Feuerbach igualavam religião e alienação.

Em suas cartas, Frei Betto não poucas vezes faz essa relação necessária entre fé e ação política, denúncia da injustiça e solidariedade para com os que sofrem todo tipo de exploração e injustiça social.³⁰ Vejamos a carta do dia 18/02/72, destinada a “M”:

[...] o sistema em que vivemos é sem dúvida intrinsecamente mau, pois sua existência supõe necessariamente a existência de uma classe trabalhadora, explorada por uma classe que controla os meios de produção e as fontes de matéria-prima. Se concordamos com esse raciocínio, então todo o nosso esquema pastoral e nossa teologia das realidades atuais passarão por uma profunda modificação. *Como procurar o reino de Deus e sua justiça sem denunciar esse mecanismo de exploração?* [...] (grifo nosso) (1977, p. 28).

Carta do dia 8/03/72, endereçada a seus pais e irmãos:

[...] Em nossa família nunca nem aos menos soubemos o que é sofrimento humano, a humilhação, a miséria moral, o desespero – coisas que vim aprender aqui na cadeia [...] em tudo isso, cada vez mais apreendo o mistério redentor de Jesus Cristo [...] (1977, p. 33)

Carta 1 do dia 03/06/72, endereçada a seus pais e irmãos:

[...] Penso que devo agir exatamente como o próprio Cristo agiria, sendo solidário com os que sofrem [...] na medida em que minha prisão trouxer para os outros alguma liberdade, principalmente espiritual, eu estarei convencido de que tudo isso tem um valor, um sentido que à luz da fé pode ser captado e assumido (1977, p. 57).

Na carta do dia 15/07/72, endereçada a seus pais e irmãos, na qual Frei Betto relata a visita de D. Umberto Mozzoni, acompanhado por Frei Domingos, ele diz:

Conversamos muito e mostramos a ele da consciência que temos de dar um testemunho de Igreja no cárcere. Por isso temos a obrigação de ser solidários com os que sofrem. Nossa vida já não pertence a nós, pertence aos outros. É por eles que devemos saber viver e morrer. Caso contrário

³⁰ Ver também as páginas 69, 106, 138, 139, 140, 159, 160, 164, 186, 208, 214, 217, 227, da obra *Cartas da Prisão*.

estariamos vendendo a nossa fé, a nossa caridade, o nosso ideal e tudo aquilo que temos forjado nesses anos de prisão [...] (1977, p. 67).

As palavras escolhidas para registrar este encontro são significativas. Expressões como “da consciência que temos”, “temos a obrigação”, “nossa vida já não pertence a nós” e “devemos saber viver e morrer”, anunciam a todos os leitores de suas cartas que o cárcere tornou-se sua paróquia e seu campo missionário, que o envolvimento direto com as mazelas sociais era um corolário necessário de sua fé em um Deus que se fez homem (1977, p. 33).

A leitura cuidadosa de seus escritos coloca em relevo os conceitos com os quais ele faz sua leitura da realidade social, econômica, política, educacional e religiosa de seu tempo.

Como religioso que não perdeu sua criticidade, ele tinha consciência de que certas pessoas experimentavam um certo tipo de fé no âmbito das neuroses e da opressão.³¹ Em carta do dia 23/08/73, lemos:

[...] O Evangelho deixa claro que é um erro pensar que podemos segui-Lo sem ser crucificado com Ele, para ressuscitar com Ele. Esta realidade só pode ser assumida na relação da fé e do amor, centro da qual a cruz é purificação, redenção, libertação, salvação. Caso contrário, ela não passará de uma experiência opressiva, neurotizante, asfixiante, destruidora de nossa saúde psíquica e espiritual. (1997, p. 227)

Ainda na mesma carta, ele expõe o caso daqueles que relacionavam à fé apenas aos tempos de facilidade. Para estes cristãos, o cárcere constituir-se-ia um escândalo.

[...] certos cristão [...] estão acostumados a fazer da religião uma projeção de suas fraqueza e limitações. Eles ficam escandalizados quando veem as prisões abrirem suas portas para padres e religiosos. Como se a cruz, a bem-aventurança da perseguição, fosse uma abstração ou algo só concebível no passado. (p. 228)

³¹ Para Frei Betto, opressão “é coibir o direito do outro e, sobretudo, da coletividade, desrespeitando sua dignidade e liberdade. Vale para a relação homem-mulher, senhor-escravo, poder-cidadãos etc.”.

Contudo, Frei Betto não fez apenas uma análise crítica das expressões da religião do povo, de certos grupos ou indivíduos. Seu livre e crítico pensar, fazia-o perceber que as fraquezas de conceitos e de práticas do povo cristão eram resultados, também, de uma igreja institucional que historicamente sempre esteve atrelada ao poder político e econômico. Escrevendo à irmã Paula, em sua carta do dia 25/05/73, ele diz:

Vamos restringir-nos ao caso do Brasil: a igreja aqui entrou e se instalou sob a proteção do colonizador europeu. Esteve quase sempre atrelada ao poder político e econômico, usufruindo de privilégios (isenção de impostos, subvenções etc.) que restringiram sua liberdade [...] Assim, só a gente da classe abastada ousou aproximar-se de nossos conventos e mosteiros [...] A burguesia é antievangélica por essência e vocação. Ela apenas usa o cristianismo para encobrir sua verdadeira face de classe opressora. Seu caráter possessivo é tão forte que ela sempre procurou fazer de nossos conventos e mosteiros um refúgio aos seus problemas pessoais e domésticos [...] (1997, p. 207).

Pela análise de Betto, esta relação estreita com o poder distanciou o clero da Igreja Católica do povo brasileiro. Comprometida por se manter no poder e ser voz influente na corte, a igreja fez uma opção pela burguesia e não pelos pobres.

Sua pregação e prática foram dirigidas pelo interesse dos que detinham o poder de mando, e aqueles leigos que se aproximavam do ofício com o fim de participar destes, não se mostravam interessados na libertação dos homens.

Tal estado de coisas, já no início do catolicismo em solo brasileiro, concedeu a esta instituição uma posição de destaque diante dos poderosos; contudo, isto não se deu de igual forma com a população pobre e escrava que servia à coroa portuguesa.

Na década de 1970, a instituição Igreja Católica – além de permanecer sendo a beneficiária direta desta relação entre o estado e a religião – continuava à margem dos problemas sociais mais fundamentais do povo brasileiro. Segundo Frei Betto, causava-lhe estranheza o fato dele estar no cárcere devido sua luta pública a favor da justiça, enquanto a igreja institucional ainda tateava nos sintomas das injustiças sociais (1977, p. 21).

Esta certamente não é a única vez que Frei Betto analisa a relação da igreja institucional com a realidade brasileira. Ainda em sua carta de 13/02/72, após falar

sobre a situação de exploração no qual o pequeno produtor se encontrava e como o salário mínimo gerava um círculo vicioso de dependência, Betto questiona: “por que a igreja não vê isso?” (1997, p. 24).

Sua perplexidade era plausível. Seu questionamento tinha fundamentos históricos, pois como poderia uma instituição, na qual boa parte de sua liderança possuía um preparo acadêmico considerável, não discernir o que estava ocorrendo no Brasil? A alienação da instituição igreja certamente não tinha sua origem na falta de suporte acadêmico para problematizar a conjuntura na qual a sociedade brasileira se encontrava. Para Betto, a origem da alienação de seu tempo encontrava-se no mesmo campo das relações de poder do período colonial, ou seja, o desejo de não perder poder e privilégios.

Ainda em sua análise histórica, Betto afirma que no período medieval a igreja tinha apenas olhos para as realidades *intra*-muros. A igreja só visualizava a existência de bispos, monges e senhores feudais. Embora os camponeses sempre estivessem diante destas classes de pessoas servido-as, cuidando de sua subsistência e expansão de seus bens, eles, contudo não eram visualizadas pelo clero (1977, p. 27).

Segundo o mesmo frei, o retorno da Igreja Católica à sua vocação essencial seria, dentre outros fatores, consequência de sua ruptura com os moldes da fé européia. Nisto Frei Betto diz:

Saibam porém de uma coisa: a Igreja no Brasil renasce porque cortou seus cordões umbilicais com a Europa. Até alguns anos atrás nossos teólogos eram as edições das obras de Congar, Guardini, Rahner e De Lubac. Nosso material catequético pagava direitos autorais à França e à Itália, nosso relógio funcionava acertado pela Cúria Romana. Nossos bispos eram cidadãos do vaticano e nossos padres eminentes eram formados pelo Pio Brasileiro ou pela Gregoriana. (1997, p. 213)

Os frutos dessa ruptura seriam um grande desafio para a própria Igreja Católica no Brasil. Prova disto é a leitura oscilante que o próprio Frei Betto faz da

igreja. Ora ele evidencia um novo espírito na igreja,³² ora ele lamenta o estado no qual a igreja se encontra.³³

Esta oscilação presente nas cartas de Frei Betto, torna evidente o contexto político-eclesiológico no qual a Igreja Católica Romana se encontrava em seu tempo. De um lado estava uma parte da igreja com pensamentos progressistas e interessada em se envolver com as questões sociais de seu tempo, e do outro lado havia uma ala conservadora e alheia às questões sociais de nosso país.

Nesta conjuntura que demandava decisão, Frei Betto fez a opção pelos pobres, encarcerados e injustiçados. E por assim se posicionar, ele, em suas cartas, afirma que a vocação da igreja é para estar do lado dos pobres. Por estas novas lentes, Frei Betto fala desta nova igreja que é relevante ao povo brasileiro. Uma igreja não comprometida com as amarras institucionais,³⁴ mas sim com o povo oprimido. Ele diz,

O objetivo da renovação da igreja não consiste, porém nesta ou naquela forma de VR (vida religiosa), neste ou naquele modelo de espiritualidade, ma no nosso compromisso efetivo com a liberdade do homem, de modo que ele possa se encontrar, encontrar o seu próximo e encontrar Deus. Isto supõe que neste período histórico que atravessamos a igreja seja capaz de se colocar a serviço dos oprimidos e dos marginalizados o que dificilmente pode ocorrer sem choque com os poderosos. Não é possível servir a dois senhores, a Deus e ao dinheiro (p. 217).

Contudo, Frei Betto não apenas gastou tempo em reflexões analíticas sobre os processos históricos da injustiça social no Brasil e sua relação com a religião. Em suas cartas ele também aponta para uma nova proposta de se viver uma nova espiritualidade, relatando a sua experiência diária em lutar por fazer tal proposta uma realidade entre os seus companheiros de cárcere.

³² Em 13/08/72 ele diz não ter dúvidas que a igreja estava passando por uma década pentecostal. E em 03/07/73 ele escreve com otimismo sobre o objetivo da renovação da igreja (1977, p. 217)

³³ Por exemplo, em sua carta de 16/07/72, ele afirma se sentir envergonhado por encontrar entre os não-cristãos virtudes e atitudes que desejaria ver entre aqueles que professam o nome de Cristo. Em 23/08/73 ele escreve que certos cristãos ainda não percebiam o alto preço a ser pago pela profissão de fé cristã.

³⁴ Em sua carta de 18/02/72, Frei Betto escreve que a nova igreja necessitava de pessoas mais apegadas ao Evangelho do que ao Direito Canônico (1977, p. 25).

Quanto a esta nova proposta de se viver a espiritualidade, Betto afirma-a por meio de uma pergunta: “por que a igreja não vê isso?” (1977, p. 24). Tal questionamento traz em seu bojo uma asseveração categórica na qual é afirmada que a igreja deveria, necessariamente, ter olhos para perceber criticamente a condição do povo brasileiro. Noutras palavras, para Frei Betto, a verdadeira espiritualidade não residia no ato solitário e místico de busca pela divindade, mas sim no ato solidário no qual os olhos daqueles que tem fé, fitam os injustiçados e não se deixam ficar indiferentes diante de suas mazelas sociais.

Em segundo lugar, Frei Betto entende que é preciso denunciar a maldade do sistema. Ser voz profética em um mundo mau, no qual o sistema social expropria exatamente aqueles que labutam para sustentar o próprio sistema econômico.

Em sua carta, data no dia 18/02/72, endereçada à “M”, ele diz:

Como se vê nessa rápida colocação (há muitos aspectos do mecanismo que não dá para colocar agora) o sistema em que vivemos é sem dúvida intrinsecamente mau, pois sua existência supõe necessariamente a existência de uma classe trabalhadora, explorada por uma classe que controla os meios de produção e as fontes de matéria-prima [...] como procurar o reino de Deus e sua justiça *sem denunciar* esse mecanismo de exploração? (grifo nosso) (1977, p. 28).

Neste contexto de denúncia das relações de poder e proclamação da justiça social, Frei Betto tinha em mente algumas questões que precisavam passar por um processo de reflexão profunda a fim de que as intenções e mecanismos de poder da classe dominante viessem a ser expostos à plena luz do dia.

Uma dessas questões era o conceito de “direito natural”, através do qual a classe dominante apregoava que as coisas “não podem ser muito diferente do que são” e que “qualquer mudança radical na estrutura democrática em que vivemos se nos apresenta como perigo e degeneração” (1997, p. 26). Esta forma de pensar o mundo, os papéis sociais, as interações e instituições humanas, legitimam ideologicamente a imobilidade social e justificam o porquê de certas pessoas não possuírem as mesmas benesses do sistema capitalista que outras.

A segunda questão é a exposição do Estado como sendo “um instrumento a serviço da classe dominante” (1977, p. 29). Segundo Frei Betto,

[...] é inútil chamar ao Estado que sirva de conciliador nos antagonismos sociais ou que impeça que os ricos sejam cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres [...] as leis existem de acordo com os interesses da classe que detém o poder [...] não existem leis para coibir os abusos da burguesia, para reduzir a taxa de lucro, para controlar o aumento de seu capital [...] (1997, p. 29).

A argumentação mais poderosa de Betto a favor deste conceito no qual o Estado desponta como mecanismo legitimador da dominação e repressor de qualquer forma de pensamento contrário aos que estão no poder é o seu cárcere. Se a função mais básica do Estado era assegurar o bem estar dos seus cidadãos, por que este mesmo Estado o havia prendido por denunciar as injustiças de seu tempo? A quem interessaria encarcerar os proclamadores da justiça, senão àquelas pessoas que lucravam com tal sistema?

Por fim, o terceiro ponto era a denúncia das ações ideológicas da classe dominante.³⁵ E neste item, Frei Betto segue o pensamento marxista para o qual ideologia é conceituada como sendo o conjunto de pensamentos elaborados por uma classe dominante, com o fim de ocultar seu sistema de exploração sobre a classe subalterna, fazendo com que os indivíduos que pertencem a esta classe acreditem que o ganho, o mundo e as relações sociais nos quais estão inseridos, são as melhores que poderiam possuir. Assim ele diz:

[...] veremos que, por dentro, o mecanismo social é muito mais cruel do que aparece superficialmente. E é tanto mais cruel quanto mais ele é capaz de nos impor uma ideologia – através da TV, do rádio, dos jornais, da cultura vigente – que nos faz acreditar que esse é o melhor dos mundos, pois as desigualdades sociais serão, com o tempo, devidamente solucionadas (1977, p. 29).

Em terceiro lugar, ainda falando da proposta de se viver uma nova espiritualidade, Betto propõe uma nova ação pastoral, pautada na nova percepção do mundo social e sua denúncia. Ele diz, “se concordamos com esse raciocínio,

³⁵ Quanto à questão da ideologia, Frei Betto também afirma sua presença nas instituições educacionais (1977, p. 64) e como meio de camuflar as orgias e crimes da elite brasileira (1977, p. 96).

então todo o nosso esquema pastoral e a nossa teologia das realidades atuais passarão por uma profunda modificação” (1977, p. 28).

Em quarto lugar, ele expõe a necessidade da reformulação da própria teologia, a fim de que, pela análise do mundo real através das lentes de uma hermenêutica libertária das Escrituras cristãs, novas categorias e relações conceituais viessem à tona, e pudessem servir como lentes mais adequadas para se ler e entender a dinâmica das relações sociais e a possibilidade de suas transformações históricas.

Segundo ele: “a nossa teologia das realidades atuais passará por uma profunda modificação” (1977, p. 28). Tal afirmação torna ainda mais evidente que Frei Betto pensa em mudanças sociais a partir de seus pressupostos religiosos. As ciências sociais são para ele apenas ferramentas que lhe possibilitam entender como as redes de interações sociais e explorações se construíram na história dos homens. Sua motivação é essencialmente religiosa. Para ele, os conceitos teológicos do cristianismo poderiam conceder plausibilidade a toda ação transformadora da sociedade. E este novo pensar teológico que envolveu a mente de Frei Betto foi a Teologia da Libertação.

3.2 BATISMO DE SANGUE³⁶

Outra importante obra de Frei Betto a ser analisada neste contexto é *Batismo de Sangue* (2001). Diferente do trabalho anterior, no qual o mesmo expõe seu pensamento sobre questões como capitalismo, educação, ideologia etc., neste, Frei Betto dedica-se a narrar o pano de fundo histórico no qual suas cartas foram escritas.

Embora descreva a caminhada histórica de Carlos Marighella,³⁷ entendemos que a intenção primeira de Frei Betto é tornar explícita a participação de parte da

³⁶ Segundo Frei Betto, a expressão batismo de Sangue é uma expressão teológica e que aponta para os primeiros cristãos que foram martirizados sem terem recebido o batismo com água.

³⁷ Segundo Frei Betto, Marighella era filho de Augusto Marighella, um mecânico que viera da cidade de Ferrara, na Itália, e que possuía idéias socialistas. Ele nasceu em 5 de dezembro de 1911 (BETTO, 2011, p. 22). Nesta obra Betto relata parte da história de Marighella, sua relação com os

igreja católica do movimento revolucionário dirigido por Marighella. Ou seja, ele quer localizar historicamente tanto as ações como as motivações dos religiosos católicos no envolvimento com as questões sociais do Brasil, no espaço compreendido entre 1924 a 1974.



Fig. 8 Carlos Marighela

Sua tese principal é que a fé cristã não está necessariamente divorciada da proclamação da justiça e da revolução, mas que precisa estar comprometida com a denúncia das injustiças sociais e apoio a qualquer forma de levante que denuncia as expropriações que os pobres sofrem devido à ganância daqueles que estão no poder. Noutras palavras, a fé exige uma atuação política.

No capítulo intitulado “Carlos, o itinerário”, Betto descreve Marighella³⁸ como sendo um jovem universitário, que em sua origem proletária, não se esqueceu de sua procedência e das idéias socialistas do seu pai e que havia ingressado na vida e movimentos políticos quando ainda era estudante (2001, p.24).

dominicanos, jesuítas e certas personalidades do clero católico, até a sua morte. O ideário de justiça e libertação na vida de Marighella é o pano de fundo histórico no qual a história de Frei Betto e de outros religiosos pode ser localizada.

³⁸ Segundo Frei Betto, o primeiro contato que teve com Marighella foi mediado pelo Frei Osvaldo Rezende, seu colega da Ordem Dominicana. Até este momento Betto não atribuía a Marighella algum valor distintivo. Neste encontro Marighella apresentou-se como marxista e deu a Betto e seu amigo dois livros de poesia e um opúsculo sob o título *Críticas às Teses do Comitê Central*. De posse destes escritos e outros fornecidos por João Antônio Abi-Eçab – colega de Osvaldo na faculdade de filosofia da Universidade de São Paulo - o segundo encontro foi marcado e o apoio logístico de um grupo de frades dominicanos foi oferecido à ALN (2001, p. 57).

Sujeito de personalidade forte e de fácil linguajar, Marighella, após a morte de Lênin,³⁹ foi contatado com o objetivo de mediar a unidade partidária do PCB. O resultado de sua empreitada foi a cessação da crise e sua elevação à responsabilidade de editar a *Revista Problema*.

Em 1º de maio de 1936, na manifestação dos trabalhadores paulistas, Marighella foi preso e torturado, sendo liberto somente em 1937 com o advento da anistia. Contudo, a partir deste momento, Marighella continuou suas ações políticas e de mobilização, sendo, por estas mesmas práticas, novamente preso em 1939 e solto em 1945 (BETTO, 2001, p. 29,30).

Ainda segundo Betto, “o advento da democracia burguesa em nosso país, criou as condições para a legalização do PCB” (2001, p. 30). Em tal conjuntura política, Marighella foi eleito deputado federal e mostrou-se especialmente interessado em defender a liberdade e garantias individuais. Entretanto, em 1947 viu-se no constrangimento público de ter sua candidatura caçada juntamente com a de outros deputados.

Depois de sua ascensão como político e posterior cassação de mandato, Marighella passou os anos de 1953 e 1954 na China com o fim de conhecer o processo político pelo qual aquele país estava passando.

Simpático, a princípio, do pensamento de uma “transição pacífica para o socialismo’ e de ‘coexistência pacífica’ com as potências imperialistas” (2001, p. 32,33), Marighella, motivado pela vitória dos guerrilheiros em Cuba,⁴⁰ a resistência vietnamita e o golpe militar de 1964, mudou sua posição e iniciou sua revolução armada pela qual sua biografia é descrita nos anais da história.

³⁹ Segundo Frei Betto, a Morte de Lênin, trouxe consigo uma crise no socialismo russo. Enquanto Stálin pensava primeiramente na consolidação do socialismo na Rússia para depois alcançar outras nações, Trótski defendia uma ação revolucionária em escala internacional. Esta cisão teve seus reflexos no PCB a partir de 1956 (BETTO, p. 25).

⁴⁰ Comblin (*Trinta anos de teologia latino-americana*. SOTER. 2000, p. 180) fala sobre a influência de Cuba no Brasil nos seguintes termos: “Foi uma época de utopia. Impôs-se a idéia de que tudo era possível. Cuba mostrava como os homens podiam fazer a história, podiam transformar-se em sujeitos da história. Bastava querer para transformar a sociedade capitalista em uma sociedade socialista [...] Muitos cristãos, entre eles intelectuais e estudantes, não quiseram permanecer fora da história. Queriam liderar o povo católico na luta pela libertação [...] Os cristãos queriam estar presentes na hora da vitória. Os grupos de cristãos exigiam um compromisso cada vez mais explícito com a revolução em marcha.” Sendo que cada ser humano é filho de sua geração, foi neste contexto de revolução que Frei Betto foi despertado e inspirado à sua associação com Marighella e outros movimentos sociais.

Estes três fatos históricos tornaram-se a linha divisória entre a perspectiva de mudanças sociais pautadas no diálogo e acomodações históricas e aquela na qual a palavra de ordem era a revolução iminente e rápida por meio das armas. O relativo sucesso nestes três fatos encorajou Marighella e empreender os mesmo esforços armados no Brasil.

Tal posicionamento, todavia, não era ponto pacífico entre muitos componentes do PCB. O discurso de uma revolução armada trazia muito incômodo ao partido e colocava-o em posição de suspeita diante daqueles que detinham o poder de mando e a máquina de repressão do estado a seu favor.

Tendo escrito *A Crise Brasileira*⁴¹ e participado da I Conferência da OLAS (Organização Latino-Americana de Solidariedade), sem ter sido devidamente enviado como representante do PCB para tal evento, Marighella é expulso deste partido. Esta ação administrativa do Partido Comunista Brasileiro, segundo Betto, tinha basicamente três justificativas:

- a. A forma enfática e empenhada de Marighella em defender uma revolução armada no Brasil;
- b. Suas constantes críticas à posição política do PCB, comprometida, segundo Marighella, com a burguesia;
- c. Sua participação da I Conferência da OLAS sem ter sido oficialmente enviado pelo PCB como representante.

Porém, tal posicionamento político do PCB não minimizou da mente de Marighella a convicção revolucionária por meio das armas. Em 5 de setembro de 1968 o documento “Algumas Questões sobre a Guerrilha no Brasil” foi publicado pelo Jornal do Brasil. Neste documento, Marighella ratifica a guerrilha como sendo o caminho fundamental para se instaurar a revolução no Brasil, na qual o imperialismo⁴² seria despojado e as massas assumiriam o poder de mando.

Estando à frente da Ação Libertadora Nacional, segundo Betto (2001, p. 53), Marighella e seus seguidores propunham:

- a. Derrubar a ditadura militar;

⁴¹ Neste texto Marighella critica o PCB por ter se aliado a burguesia e defende a guerrilha como forma legítima de luta contra as injustiças sociais (BETTO, 2001, p. 38,39)

⁴² Este imperialismo dizia respeito, especificamente, à presença e influência dos Estados Unidos em toda a América Latina e, em especial, no Brasil.

- b. Formar um governo revolucionário do povo;
- c. Expulsar do país os norte-americanos;
- d. Expropriar os latifundiários;
- e. Melhorar as condições de vida dos operários, dos camponeses e das classes médias;
- f. Acabar com a censura, instituir a liberdade de imprensas, de crítica e de organização; retirar o Brasil da posição de satélite da política externa dos Estados Unidos e colocá-lo no plano mundial, como uma nação independente.

Estes grandes desafios ao movimento revolucionário, idealizado por Marighella, foram postos em ação através de contínuas ações armadas, para as quais a ALN envolvia jovens vindos da pequena burguesia brasileira (BETTO, 2001, p. 53), sem contudo, dar a muitos destes o preparo político e teórico necessário.

No capítulo “Sul, a Atravessia”, Betto expõe aquilo que será a tônica de sua narrativa, ou seja, a participação de religiosos católicos no movimento de Marighella.

Suas primeiras palavras fazem referência ao Frei Osvaldo Rezende que serviu de ponte para que Betto tivesse o primeiro contato com Marighella. Após isto, Betto dá a conhecer sua relação com Osvaldo desde o tempo do noviciado dominicano até a militância na Juventude Estudantil Católica, afirmando que tal militância o despertou para a crença que seria impossível divorciar a fé cristã do compromisso social.⁴³ Por fim, no final desta página Betto relata que esteve novamente com Marighella e que ambos conversaram “sobre o apoio logístico que um grupo de frades dominicanos poderia oferecer à ALN” (2001, p. 57).⁴⁴

⁴³ Escrevendo sobre os trinta anos da Teologia da Libertação, Palácio (2000, p. 54) afirma que a nova consciência que a igreja na América Latina obteve nos anos 60 foi resultante de uma nova sensibilidade da fé às questões sociais. O ambiente teológico no qual Frei Betto viveu foi o da Teologia da Libertação.

⁴⁴ Quanto a esta perspectiva de mudanças políticas e sociais no âmbito internacional e nacional entre os anos de 1960 a 1970, Assmann (2000, p. 120) diz: “Hoje parece bastante ridículo, mas não era tanto assim nos anos 1960 e 1970: fui um dos que realmente acreditaram na viabilidade da alternativa socialista, ou seja, na possibilidade de uma acelerada expansão do socialismo pelo mundo, com pontos de apoio significativos na América Latina [...]” Foi neste contexto histórico que Frei Betto, outros religiosos, Marighella e seus companheiros tiveram suas vidas entrelaçadas em um ideário de libertação e justiça.

Por mais que seja registrada a tortura infligida a Marighella, o batismo de sangue foi uma realidade histórica experienciada por todos os religiosos que aderiram ao ideário revolucionário de Marighella e foram de várias formas perseguidos, mutilados e torturados pelas agências do governo ditatorial.

Na página 60 de *Batismo de Sangue*, Frei Betto registra como a Igreja Católica, no dia 28 de março de 1968, em frente à igreja da Candelária, ao lado de marxistas, protestaram de mãos dadas, contra o assassinato pela polícia do estudante secundarista Edson Luiz de Lima Souto.

Sempre localizando seus personagens nas ordens católicas,⁴⁵ movimentos estudantis⁴⁶ e de juventude, Betto, por meio de tais referências, reafirma a idéia de que as suas ações políticas e revolucionárias e de Osvaldo Rezende, Luiz Felipe Ratonn Mascarenhas, Ivo Lesbaupin, Tito de Alencar Lima etc. tinham primeiramente uma caráter religioso. A motivação era a vivência plena do ensino de um Cristo preocupado com as injustiças sociais, revolucionário e libertador.

A argumentação por excelência desta motivação essencial é o registro que ele faz de sua própria crise existencial, durante a qual pensou em deixar a vida religiosa.

Tudo se apagou dois meses depois de minha tomada de hábito como frade dominicano, a 10 de fevereiro de 1965 [...] pensei em arrumar as malas, devolver o hábito branco, descer a serra, retomar minhas atividades como militante leigo [...] praguejei contra minha absurda decisão de abandonar a vida leiga, [...] a militância política, a faculdade de jornalismo [...] Frei Henrique [...] abriu-me espaço necessário para que o nó se desfizesse [...] Ao seu conselho Frei Martinho acrescentou pequena bibliografia, na qual se destacavam as obras de Santa Tereza de Ávila [...] Seus escritos, bem como os de João da Cruz, que eu descobri mais tarde, dilataram a minha alma. Incrementaram minhas opções, renunciando em minha vida, pelo dom de Deus, a transformação a ser operada na sociedade. A luta contra o sistema iníquo estende-se à derrubada do opressor que habita o nosso íntimo. Nas dobras de nosso ser residem, impregnados, o burguês, o colonialista, o ditador. Se o homem novo não surge dos escombros de nosso egoísmo, modificando também as relações pessoais, basta-nos um palmo de poder para que a nossa verdade seja assegurada pela força da autoridade e os nossos adversários estigmatizados como inimigos,

⁴⁵ Betto cita a ordem dos dominicanos em várias partes de seu livro.

⁴⁶ Ele faz referência à JEC (Juventude Estudantil Católica).

hereges, dissidentes, réus das mais severas penas e castigos (BETTO, 2001, p.105-107).

Segundo suas próprias palavras, sua insatisfação pessoal por ter deixado a vida leiga e a militância política conduziu-o a um tempo de crise. Tal condição foi surpreendentemente superada por um encontro com um tipo de Cristianismo que abriu os seus olhos para a percepção das mazelas sociais e seu compromisso por ser agente de transformação histórica. Noutras palavras, Frei Betto encontrou na religião fortes argumentos para a ação revolucionária, para a denúncia das injustiças e envolvimento com pessoas que aspiravam os mesmos ideais.

Lutando contra o burguês e ditador de seu ser interior, Frei Betto assumiu o sacerdócio e a militância revolucionária, na plena consciência que os dois papéis sociais harmonizavam-se perfeitamente na biografia de Jesus e, portanto, em sua vida também.

Ainda na citação acima, na qual Betto narra sua concomitante decisão pela vida religiosa e ação política, algumas questões devem ficar em relevo, a saber:

a. A leitura e influência dos Escritos de Santa Tereza de Ávila associadas com a decisão por se engajar em uma ação transformadora da sociedade apontam para um misticismo revolucionário comprometido com as questões objetivas da história;

b. O tempo solitário de reflexão não resultou em alienação das questões políticas do país, nem o fechou no gueto das ordens religiosas. A mesma espiritualidade que o conduziu para um tempo de ponderações e análises, também o dirigiu porta afora para luta contra a repressão;

c. Por fim, neste retiro essencialmente religioso, Betto reafirma sua fé e encontra suporte espiritual para justificar e legitimar sua ação política. Em linguagem religiosa do novo nascimento, Betto sentencia:

[...] Se o homem novo não surge dos escombros de nosso egoísmo, modificando também as relações pessoais, basta-nos um palmo de poder para que a nossa verdade seja assegurada pela força da autoridade e os nossos adversários estigmatizados como inimigos, hereges, dissidentes, réus das mais severas penas e castigos (2001, p. 107).

Fugindo da perseguição policial, Frei Betto foi acolhido em Porto Alegre pelo padre Manoel, na paróquia de Piedade. E foi neste contexto de fuga e acolhida que Betto tomou conhecimento sobre a morte de Marighella. No jornal *Correio do Povo* era noticiado que a polícia havia chegado a Marighella por meio da prisão de religiosos da ordem dominicana de São Paulo (BETTO, 2001, p. 116,117). Tal notícia trouxe grande consternação e preocupação a todos envolvidos no movimento de Marighella.

O jornal de 5 de novembro de 1969, embora noticiasse a morte de Marighella, não possuía qualquer indicação sobre o envolvimento de Frei Betto com o morto. Contudo, no dia posterior, o jornal trouxe sua foto ilustrada nas primeiras páginas e noticiava sua procura pelas agências de governo. Como ele mesmo diz,

O “Homem da Fronteira” tinha a cabeça a prêmio, e aeroportos, estações ferroviárias estavam sob rigoroso controle do DOPS, da Polícia Federal e da Brigada Militar [...] Dizia-se que Lamarca poderia estar em território gaúcho, e o braço direito de Marighella, Câmara Ferreira, seria localizado através de mim. Enfim, a repressão do Rio Grande do Sul atribuía-me uma importância muito especial [...] (BETTO, 2001, p. 119).

A cada dia a situação de Betto ficava mais delicada. Sua foto e nome estampados nos jornais das cidades faziam com que as possibilidades dele ser reconhecido ou entregue mais reais. Por isso, fugiu para município de Viamão, onde ficou alojado no sítio da família Chaves Barcelos.

Em uma de suas caminhadas pelo sítio, Betto foi reconhecido pelo filho do dono da casa onde estava escondido. Pela noite tal rapaz foi novamente ao encontro de Frei Betto e ofereceu-lhe um lugar mais seguro em Porto Alegre. O envolvimento do jovem com movimentos estudantis contribuiu para que Frei Betto aceitasse a proposta.

Em Porto Alegre, à espera do dono do apartamento, Frei Betto foi preso pelo coronel Moreira e pelo major Attila, do serviço secreto do Exército. Era uma armadilha! O jovem universitário havia denunciado Betto.

Durante o tempo em que ficou no DOPS, Frei Betto presenciou as mais variadas formas de torturas infligidas a outros pela polícia, com o fim de que, pela pressão psicológica, Betto viesse dar informações sobre o envolvimento de outros

religiosos com o movimento de Marighella e sua participação nas atividades clandestinas do mesmo (2001, p. 130-32).

Contudo nesta situação de violência física e psicológica, houve também espaço para afirmação de valores e explicitação de seus fundamentos. Nas páginas 143 e 144 de *Batismo de Sangue* temos aquilo que foi parte do interrogatório realizado pelo delegado José Antônio Leão de Medeiros:

- E como um cristão pode ser um comunista?

- Para mim, os homens não se dividem entre crentes e ateus, mas sim entre opressores e oprimidos, entre quem quer conservar a sociedade de injustiça e quem quer lutar pela justiça (BETTO, 2001, p. 143).

Neste diálogo Betto reafirma seu pensamento sobre a plena relação entre sua fé cristã e seu compromisso com os oprimidos e luta por uma sociedade mais justa e igualitária. Sua relação com as pessoas era mediada por este ideal, no qual religião e política eram vistas como faces diferentes da mesma moeda. Para ele o mais importante não eram os termos qualitativos ou discriminatórios com os quais as pessoas eram indicadas, mas sim a causa social que abraçavam.⁴⁷

Questionado sobre os fundamentos de seus pensamentos e ações ele diz:

- Embora reconheça a importância da contribuição de Marx, rezo pela Bíblia de Jesus. No capítulo 25 do evangelho de Mateus, quando perguntaram a Jesus quem se salvará, ele não diz que serão os crentes, os padres, os ricos que ajudam a construir igrejas ou os democratas-cristãos. Diz "eu tive fome e me deste de comer, tive sede e me deste de beber [...]". Portanto, são as atitudes bem concretas em prol da justiça que nos salvam" [...]

- Li, e também Engels, Lênin, Stálin, Mao, Guevara e Pascal, Kant, Hume e Hegel. Nós, dominicanos, aprendemos que, quando se quer conhecer uma teoria, o mais indicado é ir diretamente à fonte (BETTO, 2001, p. 143, 144).

Nestas palavras Frei Betto explicita que sua forma de ser, pensar e agir no mundo tem, também, influências não-religiosas. Ele concede a Marx uma importância significativa. Tal relevância é apresentada em suas cartas da prisão, quando Betto expõe seu pensamento sobre as questões de seu tempo e não utiliza

⁴⁷ Em interrogatório realizado pelo delegado José Antônio Leão de Medeiros, ele diz: "[...] não me interessa se essa sociedade tem o nome de socialismo, comunismo utopismo ou qualquer outro. Os rótulos não revelam o conteúdo" (2001, p. 144).

termos teológicos e sim vocábulos da literatura marxista: ideologia, dominação, burguesia etc.

Contudo, Frei Betto, à medida que fala de suas influências teóricas de análise, não se permite esquecer de sua forte influência religiosa. Embora reconhecer a importância de Marx, Betto afirma rezar pela Bíblia de Jesus. Ou seja, suas motivações essenciais para a ação revolucionária eram religiosas. Ele diz: “Quero uma sociedade justa, onde a vida do ser humano socialmente mais insignificante esteja segura. O Deus no qual eu creio é o Senhor da vida [...]” (2001, p. 144).

Nesta afirmação de suas motivações religiosas e relação com conceitos marxistas, o delegado José Antônio Leão de Medeiros lhe perguntou: “Você leu Marx? [...] Leu que Marx considera a religião ópio do povo” (BETTO, 2001, p. 144), ao que Betto responde:

É a burguesia que faz da religião um ópio do povo, pregando um deus apenas senhor dos céus, enquanto ela se apodera da terra. O Deus da minha fé é aquele se encarna em Jesus Cristo e assume a libertação dos oprimidos. Cabe a nós, cristãos, provar que a afirmação de Marx, válida para a Alemanha dos séculos XVIII e XIX, não pode ser generalizada a todas as épocas e sociedades (BETTO, 2001, p. 144).

Questionado também sobre a pessoa de Marighella, Frei Betto o qualifica como “um homem sedento de justiça, que entregou a vida pela causa do povo” (2001, p. 143). Por estas palavras Frei Betto explicita que sua relação com Marighella era ideológica, eles compartilhavam dos mesmos ideais de justiça e liberdade.

A acusação que Marighella era comunista em nada diminuía a consideração que Frei Betto tinha por ele, pois embora Marighella não estivesse na Igreja, ele estava envolvido com o mesmo projeto de justiça e igualdade que a teologia do reino de Deus preconizava e com a qual Betto estava comprometido (BETTO, 2001, p. 143,144).⁴⁸

⁴⁸ Segundo Leonardo Boff (BOFF, 2000, p. 136), teólogo da Teologia da Libertação, “[...] Reino é Deus agindo no mundo, sanando sua criação, libertando seus filhos e filhas oprimidas e levando à plenitude todas as coisas para que sejam o pleroma, o Reino da Trindade [...]”

Dentre tantos outros personagens, Frei Betto dedica-se em relatar parte dos sofrimentos pelos quais passaram Frei Ivo, Frei Fernando e Frei Tito. O batismo de sangue ao qual estes homens foram sujeitos, torna ainda mais evidente a força que determinadas expressões religiosas podem ter sobre o indivíduo ao ponto de conduzi-los ao martírio, sem, contudo, negarem seus valores religiosos, éticos e morais.

Narrando o dia em que Frei Tito foi solto, após as várias atrocidades infligidas a ele pelo delegado Fleury (2001, p. 270,271), Frei Betto registra sua resposta quando indagado sobre qual organização política ele pertencia: “À igreja” disse ele. Tal sentença simples reforça ainda mais as motivações religiosas que serviam de suporte emocional e coragem a estes homens e mulheres que se envolveram com oposição à ditadura.

De forma melancólica, Frei Betto finaliza seu livro narrando as perturbações mentais pelas quais Frei Tito passou após sua liberdade, sempre lembrando e sentindo a presença esmagadora do delegado Fleury; e seu suicídio descoberto no dia 10 de agosto de 1974.

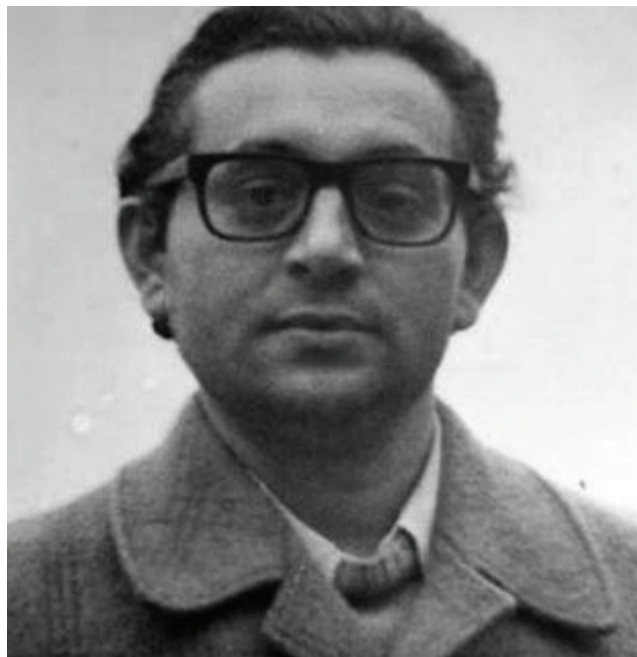


Fig. 9 Frei Tito de Alencar Lima

4. A RELIGIÃO CONSERVADORA E A RELIGIÃO LIBERTADORA SEGUNDO FREI BETTO

Após descrição e análise preliminar das duas obras de Frei Betto, neste capítulo procuramos expor o que seria para ele a religião tanto sob uma perspectiva conservadora como por uma perspectiva libertadora.

Das muitas acepções para a religião conservadora nós destacaremos a expressão conservadora católica, na qual Frei Betto estava inserido, ou seja, as manifestações práticas e conceituais da Igreja Católica conservadora sugerida em suas obras *Cartas da prisão* e *Batismo de sangue*.

Com este objetivo, primeiramente expomos como o fenômeno religioso foi conceituado de forma diversa pelos teóricos e pensadores das ciências humanas. Uns associando necessariamente a religião às estruturas de poder e dominação e outros encontrando nela um poder de aglutinação comunitária, fornecedora de sentido e meio de revolução e libertação.

Por este último viés, a Igreja Católica será apresentada pelos pressupostos da Teologia da Libertação e Frei Betto será seu articulador pesquisado, tendo como referencial de exame, a exposição de seu pensamento nas obras analisadas no capítulo anterior.

4.1 MANIFESTAÇÕES CONSERVADORAS E LIBERTADORAS DA RELIGIÃO

O fenômeno religioso sempre foi na história uma realidade sujeita às mais variadas interpretações. Entre aqueles que lhe atribuíram algum aspecto negativo temos Feuerbach que entendia a religião como uma forma de alienação que projetava os conceitos de ideal humano em um ser supremo e Marx que a considerou o ópio do povo e a entendia como um aparelho ideológico daqueles que estavam no poder e tencionavam manter o proletariado em posição subalterna e em estado de alienação (MARX *apud* LÖWY, 2000; MARX, 2002).

De outro lado temos outros teóricos e pensadores que atribuíram à religião a posição de fornecedora de sentido, fator de coesão social e de nomia (BERGER,

1985); como forma de expiação e reintegração social (GIRARD, 1998); como legitimadora e/ou questionadora dos *status* sócio-político-econômico nas relações de classes (BOURDIEU, 1998; LOWY, 2000), como oferta de salvação (DERRIDA, 2000) e como mantenedora de um ideário de comunidade (BAUMAN, 1998.).

Estas formas de ver o mesmo fenômeno social são decorrentes da dinâmica histórica na qual ele tem surgido. Não há como atribuir um sentido essencialista nem cartesiano aos fenômenos humanos, pois uma de suas características é que eles tendem a assumir formas e conteúdos diferentes de acordo com o espaço geográfico no qual estão inseridos, o momento histórico no qual estão imbricados e os valores morais, éticos e espirituais daqueles que estão neles engajados.⁴⁹

Isto posto, pode-se afirmar que é possível dentro de uma mesma estrutura religiosa co-existirem duas formas de religião com pensamentos divergentes a respeito de sua responsabilidade social para com os oprimidos, ou seja, dentro de uma mesma estrutura eclesial pode existir um grupo sendo porta voz e defensor daqueles que estão no poder e de outro lado um grupo que denuncia as injustiças sociais e faz uma opção pelos oprimidos na qual a liberdade é posta como bem significativo.⁵⁰

Esta dualidade paradoxal é reconhecida por Berger quando este diz:

Pode-se dizer, portanto, que a religião aparece na história que como força que sustenta, quer como força que abala o mundo. Nessas duas

⁴⁹ Gramsci afirma que é possível numa mesma religião co-existirem uma multiplicidade de religiões: “Todas as religiões ... são na verdade uma multiplicidade de religiões diferentes e muitas vezes contraditórias: há um catolicismo para camponeses, um catolicismo para a pequena burguesia e para trabalhadores urbanos, um catolicismo para mulheres e um catolicismo para intelectuais [...]” (GRAMSCI *apud* LÖWY, 2000, p. 27). Para Frei Betto, “a religião também durante muitos séculos ela serviu para oprimir, pra discriminar, pra ameaçar, para aterrorizar, o medo dos infernos etc, a inquisição, e hoje tem um setor da religião que é a Teologia da Libertação, que propõe uma religiosidade libertadora onde Deus não é um juiz ameaçador, implacável, Deus é Pai e Mãe amoroso. É a visão da Teologia da Libertação” (BETTO, entrevista, 2011).

⁵⁰ Segundo Löwy (2000, p. 29) “[...] O primeiro autor marxista a mudar radicalmente o arcabouço teórico, sem, no entanto, abandonar radicalmente a perspectiva marxista revolucionária foi Ernst Bloch. Como Engels, Bloch distinguiu duas correntes socialmente opostas: de um lado a religião teocrática das igrejas oficiais, o ópio do povo, um aparato mistificador a serviço dos poderosos; do outro lado o submundo, a religião subversiva e herética dos Albigenses, dos Hussitas, de Joaquim de Fiori [...] Porém, ao contrário de Engels, Bloch recusou-se a ver a religião unicamente como uma ‘roupagem’ acobertando interesses de classe [...] Em suas formas de protesto e rebeldes, a religião é uma das formas mais significativas de consciência *utópica*, uma das expressões mais ricas do *princípio esperança*”.

manifestações, ela tem sido tanto alienante quanto desalienante [...] (1985, p. 113)

De forma semelhante, Löwy, em sua obra *Guerra dos deuses*, afirma que

[...] Engels⁵¹ compreendeu – ao contrário dos filósofos do iluminismo – que o clero não era um corpo socialmente homogêneo e que, em certas conjunturas históricas, dividia-se segundo sua posição de classe. Assim, durante a Reforma, tínhamos de um lado, o alto clero, que era a cúpula feudal da hierarquia e, do doutro, o baixo clero, que fornecia os ideólogos da Reforma e do movimento camponês revolucionário (LÖWY, 2000, p. 17)

No Brasil, a Igreja Católica pode ser contada entre aqueles grupos religiosos que traz em sua história esse paradoxo conflitivo.⁵² Desde seu início a instituição Igreja Católica sempre teve que lidar com grupos antagônicos que faziam leituras diferentes da Bíblia. De um lado havia aqueles comprometidos com a corte portuguesa e com a manutenção do *status* social e leis da Igreja e de outro lado havia aqueles que se dedicavam com as parcelas mais pobres das cidades imperiais.

Pela análise das obras de Frei Betto pode-se concluir que a primeira expressão de religiosidade é conservadora, legitimadora,⁵³ e politicamente comprometida com aqueles que estão no poder. Já a segunda é a expressão de um cristianismo libertador comprometido com os oprimidos.

⁵¹ Para Löwy, embora Engels não ter previsto a Teologia da Libertação, ele contribuiu para a análise da religião como fomentadora de protesto, na medida em que analisou o fenômeno religioso pelo viés da luta de classes (LÖWY, 2000, p. 21).

⁵² Na carta datada do dia 18 de abril de 1973, à irmã Ruth, Frei Betto reconhece a presença desta realidade na Igreja católica de seu tempo: “Dois movimentos estão se alastrando pelo país: o cursilho e o pentecostalismo católico. O primeiro perdendo sua feição original: em algumas dioceses segue uma orientação diferente. De modo que há cursilhos reacionários e cursilhos progressistas. O segundo não vem da Espanha, mas dos Estados Unidos. Tem muito de esotérico e exótico, mas já adquire uma conotação mais teológica. Valoriza a glossolalia e se apresenta como fator de liberação do Espírito Santo na vida cristã. Apesar das reticências, tem grande vantagem de despertar a estrutura carismática da Igreja, adormecida longos séculos nos ensebados colchões do clericalismo e do juridicismo” (1977, p. 190).

⁵³ Segundo Berger (1985, p. 42,43) a legitimação ocorre quando existe uma explicação e justificativa para a ordem social. E no que toca a religião, esta sempre foi instrumento eficaz de legitimação por argumentar sob o prisma das coisas supremas as questões precárias da existência humana.

4.2 A RELIGIÃO CONSERVADORA

Durante o período da Ditadura Militar, a Igreja Católica foi vista como uma das instituições no Brasil que poderia dar suporte ideológico ao processo de implantação deste regime. A presença sempre constante desta instituição religiosa vinculada ao poder político⁵⁴ e econômico, associada ao seu forte perfil tradicionalista e conservador, concedeu ao catolicismo uma posição importante neste processo histórico.

Segundo Bruneau,

A Igreja que as elites militares têm em mente é aquela tradicional que os batizou, educou e casou, aquela que prega a moral e condena o comunismo e que, de modo geral apoia o “status quo”. É a igreja “Marcha dos Rosários” de 1964, que dá esmola aos pobres e que encontra sua força no seu tradicionalismo [...] (BRUNEAU, Thomás C. Catolicismo brasileiro em época de transição (1974, p. 322,323).

Nesta citação fica evidente que as elites militares encontraram no catolicismo alguns elementos que se harmonizavam com o seu projeto de implantação de um governo militar no Brasil. O conservadorismo do alto clero católico poderia ser meio eficaz de afirmar a necessidade de uma sociedade igualmente conservadora. Segundo Hoornaert,

[...] Essa “antiga geração” também lutou honestamente contra a interpretação anticlerical liberal latino americana, mas sem se dar conta a dotou unanimemente quase sem exceções uma posição conservadora não somente em sua

maneira de conceber a Igreja (romanista, clerical etc.), mas, e era mais determinante, em suas atitudes e seus juízos acerca da sociedade como um todo. Eram antiliberais, conservadores e positivistas em sua concepção da história da Igreja. Neste ponto, igualmente, iam de encontro à “nova geração” que vinha nascendo [...] (1995, p. 40,41).

⁵⁴ Mariae fala desta relação com o poder político como ocorrendo desde o tempo do Brasil Império (MARIAE, 1994, p. 55).

Pela leitura realizada em *Cartas da Prisão e Batismo de Sangue* é possível concluir que Frei Betto tem claramente em sua mente um conjunto de elementos que, segundo ele, caracterizam cada uma dessas formas de ver e viver a religião católica. Segundo este autor, o catolicismo de perfil conservador:

- a. Está de mãos dadas com poder instituído e busca a manutenção de sua hierarquia, *status* e bens;
- b. Aliena seus adeptos e faz vistas grossas às necessidades do povo.



Fig. 10 – Igreja conservadora: padre ministrando a missa de costas

Frei Betto em carta datada do dia 8 de agosto de 1973, endereçada a seus pais e irmãos, após comentar sobre a leitura que havia realizado da obra *Verdadeira e Falsa Religião no Nordeste*, escrita por Eduardo Hornaert, e *Dialogues avec Le patriarche Athénagoras*, de Olivier Clément, Frei Betto lamenta o quanto a Igreja Católica de seu tempo ainda era marcada por um formalismo jurídico que a impedia de ser plenamente o sacramento de Cristo na história dos homens (1977, p. 223). Ou seja, o formalismo jurídico dava o suporte legal à ala conservadora presente na Igreja Católica.

4.2.1 A Religião Conservadora e o Poder

Quanto à relação da religião com o poder, quer seja ele político ou econômico, Frei Betto descreve resumidamente o tipo de afinidade inicial que a Igreja Católica manteve com os representantes da coroa portuguesa no tempo do Brasil colônia. Ele diz:

Vamos restringir-nos ao caso do Brasil: a Igreja aqui entrou e se instalou sob a proteção do colonizador europeu. Esteve quase sempre atrelada ao poder político e econômico, usufruindo de privilégios (isenção de impostos, subvenções etc.) que quase restringiam sua liberdade [...] (1977, p. 207)

Segundo Betto, esta proximidade com o poder instituído trazia ao romanismo vários constrangimentos, visto que a continuidade das benesses imperiais estava associada às várias formas de apoio, que os clérigos poderiam conceder à coroa portuguesa por meio de seus representantes no Brasil.

Tratando sobre esta questão Betto ainda afirma:

[...] Pois na medida que permanecemos em cumplicidade com os ricos e poderosos e influenciados por eles tendemos a acreditar que suas soluções para o que concerne à promoção do homem são mais sensatas e corretas. Pode a mesma mão que oprime conceder a liberdade? (1977, p. 140,141).

A estas palavras de Frei Betto é possível atribuir o conceito de violência simbólica,⁵⁵ visto que o esquema de alienação engendrado pelos opressores é tão bem estruturado e estruturante e de aparência de naturalidade, que aqueles que reproduzem e legitimam os valores da burguesia, verdadeiramente acreditam que as coisas são como sempre foram, e é legítimo que assim continue.

A expressão religiosa é conservadora, também, na medida em que a mesma busca a manutenção de sua hierarquia,⁵⁶ *status* e bens, ou seja, ela é opressora,

⁵⁵ Condição na qual o indivíduo é levado a assumir os valores da classe dominante sem que tome consciência disto.

⁵⁶ Na carta datada do dia 18 de abril de 1973, à irmã Ruth, Frei Betto, falando sobre a questão carismática na Igreja Católica, vê com esperança a possibilidade de uma Igreja menos burocratizada onde o clericalismo e jurisdicção imperam. Assim diz ele: “[...] o pentecostalismo católico [...] não

pois os indivíduos que lhe estão associados pelos princípios da fé comum são vistos apenas como peças em um jogo de poder no qual os seus seguidores se tornam meios para se obter a aprovação da burguesia.

Neste sistema religioso de valoração do *status* social, requinte, cultura etc. não há espaço para o operário, a empregada doméstica, o açougueiro. Tão preocupados consigo mesmos, não há nada para aqueles que pertencem a esta configuração de religião alguma forma de escape da máquina da opressão.

Referindo-se aos mosteiros como centro de cultura e modo de ser europeu, no Brasil colônia, Frei Betto conclui que aqueles que se envolviam com a religiosidade destes lugares, tendiam ter mais interesse pelos ofícios solenes nos quais os participantes recebiam notoriedade, do que na missão evangélica de proclamação de libertação aos cativos. Noutras palavras, a valorização do *status* pessoal conduz inexoravelmente ao desinteresse pelas necessidades alheias. Frei Betto expressa esse pensamento com as seguintes palavras:

“[...] Nossas famílias religiosas vieram da Europa e procuraram fazer de nossos claustros um pedaço de solo de origem, onde respirava-se a cultura e a espiritualidade altamente sofisticadas para o nosso povo. Assim só a gente da classe mais abastada ousou aproximar-se de nossos conventos e mosteiros, onde corriam as idéias importadas da França, da Itália e da Alemanha e havia a *finesse d’esprit* tão a gosto desses fiéis mais interessados em participar do ofício solene do que da tarefa de libertação do homem” (2007, p. 207).

Analisando criticamente o passado e fazendo as devidas atualizações históricas da caminhada da Igreja, Frei Betto conclui, que certas ordens e congregações do seu tempo, estavam mais comprometidas com o patrimônio e o prestígio do que com o Evangelho.

Muitas ordens e congregações já tomaram consciência dessa realidade. Um são sensíveis aos sinais dos tempos, nos quais descobrem os apelos do Senhor. Não são como os fariseus e os saduceus que sabem distinguir

vem da Espanha, mas dos Estados Unidos. Tem muito de esotérico e exótico, mas já adquire uma conotação mais teológica. Valoriza a glossolalia e se apresenta como fator de liberação do Espírito Santo na vida cristã. Apesar das reticências, tem grande vantagem de despertar a estrutura carismática da Igreja, adormecida longos séculos nos ensebados colchões do clericalismo e do juridicismo (1977, p. 190). E na carta do dia 18 de fevereiro de 1972, quando ainda estava no Presídio Tiradentes, Frei Betto escreve para ‘M’: “[...] a nova igreja necessita de gente mais apegada ao Evangelho que ao Direito canônico” (2007, p. 25).

os aspectos do céu mas não são capazes de reconhecer os sinais dos tempos (Mt 16,3). Outras infelizmente, apegam-se às suas tradições, ao seu patrimônio, ao seu prestígio e deixam de lado o Evangelho, pois não são capazes de renunciar a tudo para segui-lo. Caíram também nos espinhos. Foram alquebradas pelo perfume de suas alunas, pelas boas maneiras das mães de suas alunas, pelos talões de cheque dos pais de suas alunas. Se em seus salões penetrasse um homem manietado, com o corpo cortado pelos açoites e a cabeça coroadada de espinhos, eles certamente ficariam escandalizados e chamariam a polícia [...] Creio que os que forem capazes de suportar as atuais privações serão testemunhas de uma Igreja mais evangélica, convertida aos pobres e oprimidos [...] (1977, p. 164, 165).

Se nas palavras acima relacionarmos a “Igreja mais evangélica” como sendo uma igreja libertária e comprometida com os pobres e oprimidos, pode-se então deduzir que aquelas ordens e congregações que estão preocupadas com o prestígio e *status* social representam uma forma de religiosidade opressora, visto que, aqueles que não libertam os oprimidos, contribuem para que tal sistema se perpetue. No pensamento de Frei Betto, não há neutralidade neste campo de ação humana.

4.2.2 A Religião Conservadora e a Alienação

Outra questão é que a religião reacionária, por desejar manter-se no poder, aliena seus fiéis. Segundo Frei Betto, a orientação explícita dos bispos em sua época era que os dirigentes da Ação Católica não poderiam filiar-se aos movimentos políticos. Esta orientação pastoral fez com que muitos jovens se afastassem da igreja na medida em que optavam pelo envolvimento com as causas sociais (2001, p. 11).

É interessante notar que, na obra *Cartas da Prisão*, Frei Betto não nega o uso ideológico da religião como forma de alienação por parte da classe opressora. Em carta à irmã Paula, datada do dia 24 de maio de 1973, ele diz:

A burguesia é antievangélica por essência e vocação. Ela apenas usa o cristianismo para encobrir sua verdadeira face de classe opressora. Seu caráter possessivo é tão forte que ela sempre procurou fazer de nossos conventos e mosteiros um refúgio aos seus problemas pessoais e domésticos [...] (2007, p. 207).

Na expressão “Ela apenas usa o cristianismo para encobrir sua verdadeira face de classe opressora” têm-se duas questões:

a. A primeira afirma que a classe dominante usa o cristianismo para encobrir sua intenção de dominação, o que torna a religião um aparelho ideológico dos que tem poder. Nesse sentido religião–ideologia–imobilidade social compõe um trinômio idealmente indissolúvel para aqueles que mediam relações de poder opressoras e reacionárias.

b. A segunda põe em relevo o processo de alienação que se instaura nos atos litúrgicos e vida comunitária das igrejas que se deixam capitular pelos interesses da burguesia. Ou seja, a intenção de “encobrir sua verdadeira face” vem acompanhada de eficácia, pois, aquele que está vinculado a um determinado grupo religioso fica convencido que as suas decisões, aspirações e valores refletem um desejo particular e livre de sua alma e não os valores ideologicamente incutidos pela classe dominante, por meio da religião.

Desses dois pontos emerge uma pergunta fundamental: pode uma religião comprometida com os valores e projetos da classe dominante não violentar as subjetividades dos indivíduos e não oprimir seus adeptos?

Frei Betto responde que ‘não’, pois se a instituição igreja se deixou capitular pelos interesses dos poderosos e se permitiu ser aparelho ideológico daqueles que estão no poder, então temos que admitir que tal igreja tornou-se uma forma de religião opressora, pois, ela legitima o discurso de opressão e aliena seus adeptos que pertencem às classes subalternas do sistema social, dando-lhes supostas justificativas plausíveis para seu *status* e condição social.

Por fim, por estar atrelada ao poder, a religião reacionária ignora os pobres e faz vistas grossas às necessidades do povo. Frei Betto, em sua carta datada do dia 13 de fevereiro de 1972, à irmã ‘Y’, analisando algumas questões relacionadas à justiça (1977, p. 21,22), afirma que até aquele momento o magistério da Igreja Católica não havia conseguido abordar as causas da injustiça no mundo.

Após tal afirmação, Betto expõe que nos países capitalistas há uma crescente população em situação de subdesenvolvimento. Esta situação de expropriação social, educacional, financeira etc. é resultado do exacerbado valor atribuído à ganância individual em detrimento das necessidades da coletividade

(1997, p. 22). E nesta situação, o homem que deveria ser dono dos meios de produção é transformado em força de trabalho e mercadoria a ser consumida pelo que detém o capital.

Neste contexto injusto de conflitos de interesses, Frei Betto descreve a seguinte situação de um operário:

Ocorre que em duas ou três horas de trabalho diário o operário produz o equivalente ao salário que recebe. Mas ele trabalha no mínimo oito horas por dia. Portanto, as cinco horas restantes ele trabalha de graça para o capitalista. É desse trabalho excedente, cujo produto é inteiramente absorvido pelo industrial, que o capitalista extrai sua maior parte do lucro, e assim, aumenta assustadoramente o seu capital (1997, p. 24).

Após esta descrição de injustiça e opressão, Betto questiona o motivo da Igreja não ver isso, uma vez que estas condições de exploração e opressão são gritantes (1977, p. 24). Sua resposta é dada na página 27, onde ele diz:

No período medieval (que nós, da igreja, supomos às vezes que só havia bispos, monges e senhores feudais) o camponês produzia tudo o que necessitava sua família (exceto o sal e o ferro) e, em troca do pedaço de terra que lhe era cedido, trabalhava a terra dos condes, barões e bispos. A Igreja era a maior latifundiária da época (possuía quase 1/3 das terras da Europa) e era graças ao trabalho excedente dos camponeses e suas famílias que seus mosteiros expandiam-se (1977, p.27).

Pela perspectiva de Frei Betto, a falta de percepção da Igreja às injustiças sociais reside no fato que sua principal preocupação é a manutenção de seu mundo particular, onde o poder religioso (bispos e monges) e o poder secular (senhores feudais) estão presentes.

Se certas expressões religiosas vislumbram tão somente o poder e a manutenção do *status* social, então seus olhos ficam fixos tão somente em tudo que possa garantir estas dídivas. Esta condição nos faz concluir que não há espaço, nesse esquema para a visualização do pobre, do oprimido, dos encarcerados etc. Toda ênfase é posta sobre a instituição e manutenção da hierarquia.

Nesta conjuntura não há espaço para uma teologia, uma exegese, uma hermenêutica e história que tornem explícita a luta dos oprimidos. As únicas

realidades históricas que são percebidas são aquelas que, de alguma forma, podem contribuir para a organização Igreja e sua perpetuidade.

Esta falta de percepção da opressão e/ou desinteresse pelas causas justas e movimentos sociais pela igreja institucionalizada, fazem com que aqueles religiosos que se envolvem com a dinâmica social e se encontram em situação de penúria, perigo de morte e tortura, passem por um processo de orfandade, pois deixam de receber o apoio da Igreja que representam.

Nesse sentido, Frei Betto relata em sua obra *Batismo de Sangue*, a posição do Cardeal Vicente Scherer, que pelo rádio, afirmou ser difícil acreditar em sua inocência.

Entretanto, o poder não ficaria sem mãos eclesiais dispostas a ajudá-lo no nó e no laço. Na terça-feira, 18 de novembro, o cardeal Vicente Scherer, em seu programa radiofônico semanal, *A Voz do Pastor*, após declarar que “o abundante noticiário divulgado pela imprensa poderia sugerir a idéia errônea de que os sacerdotes e religiosos implicados nos acontecimentos são réus comprovados”, acrescentou: “Quem participa de um esquema comum com terroristas, que assassinam inocentes a sangue frio, assaltam e roubam, tornam-se conivente com tais crimes e participa de sua responsabilidade.” E entregou-me à força: “Neste Estado, muitas graves acusações pesam sobre o estudante dominicano de São Leopoldo. Em torno dele giram os acontecimentos verificados no Rio Grande. Parece difícil a sua inocência” (2001, p. 158).

Essa atitude de Scherer, em tempos da ditadura, era apenas mais um exemplo que retrata a condição de uma Igreja dividida e relativamente não comprometida em dar suporte espiritual àqueles que a representavam nas lutas sociais.

Em carta endereçada à “C.”, datada do dia 7 de julho de 1972, Frei Betto, após escrever sobre a decisão do juiz de somente permitir que D. José Gonçalves os visitasse, lamenta que tal disposição era rara entre os bispos.

4.3 A RELIGIÃO LIBERTADORA



Fig. 11 Igreja libertadora: Os leigos no altar

Quanto à segunda forma de experienciar o fenômeno religioso, agora sob o viés da libertação,⁵⁷ pode-se dizer que o mesmo foi vivido, em solo latino-americano, por meio da Teologia da Libertação.

Classificada como movimento social/religioso⁵⁸ por Löwy (2000, p. 57), a Teologia da Libertação não surgiu como fator fomentador de uma nova *práxis* da religião cristã em solo latino americano e brasileiro. A Teologia da Libertação teve seus precedentes históricos nas organizações e ações de grupos católicos engajados nos movimentos estudantis, comunitários e de classes.⁵⁹

⁵⁷ Para Frei Betto, libertação é livrar-se de toda forma de opressão, através da conquista de direitos ou mudança das condições de vida. Implica ainda alcançar nível de vida espiritual (BETTO, entrevista, 2011).

⁵⁸ Palácio também identifica a Teologia da Libertação como sendo um movimento teológico com sensibilidade eclesial e social (SUSIN, 2000, p. 51).

⁵⁹ De forma semelhante Palácio (2000, p. 52,53) diz: “Mas a ‘teologia da libertação’ não caiu do céu. O concílio Vaticano II e a Conferência do Episcopado latino-americano em Medellín são dois marcos de referência sem os quais seria impossível pensar esta teologia. O Concílio foi a guinada que marcou definitivamente os rumos da Igreja e da teologia no mundo contemporâneo: depois de vários

No entanto, como afirmou Boff, a teologia da libertação é, ao mesmo tempo, reflexo de uma *práxis* anterior e uma reflexão sobre essa *práxis*. Mais precisamente, é a expressão de um vasto movimento social que surgiu no começo da década de 60, bem antes dos novos escritos teológicos. Esse movimento envolveu setores significativos da igreja (padres, ordens religiosas, bispos), movimentos religiosos laicos (Ação católica, Juventude Universitária Cristã, Juventude Operária Cristã, redes pastorais com base popular, Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), bem como várias organizações populares criadas por ativistas das CEBs; clubes de mulheres, associações de moradores, sindicatos de camponeses ou trabalhadores, etc. Sem a existência desse movimento social não poderíamos entender fenômenos sociais e históricos de tal importância como a emergência do novo movimento trabalhista no Brasil e o surgimento da revolução na América Central (bem como, em épocas mais recentes, Chiapas) (LÖWY, 2000, p. 56,57).

O envolvimento com as questões sociais já fazia parte da agenda de várias personalidades religiosas e laicas do catolicismo bem como das suas redes pastorais, todavia, como afirma Boff (BOFF *apud* LÖWY, 2000, p. 57) a esta prática faltava a reflexão crítica. Era necessária uma teoria que pudesse dar à ação social, lentes adequadas para se analisar a realidade do povo brasileiro e propor possíveis soluções. Essas lentes adequadas foram encontradas no marxismo.

Todavia, a despeito de se afirmar que a *práxis* cristã encontrou uma base teórica no marxismo, é preciso salientar que aqueles que participam da teologia da libertação têm aspirações profundamente religiosas, são pessoas comprometidas com a igreja e vêem suas ações políticas e envolvimento social como uma consequência natural de sua fé.

Segundo Löwy (2000, p. 58), os bispos, jesuítas e padres que estão comprometidos com a igreja dos pobres, não se envolvem com as mazelas sociais por estarem no mesmo *status* econômico e social destes. Estes religiosos não são pobres, contudo,

[...] Sua dedicação à causa dos explorados tem como motivo razões espirituais e morais inspiradas pela cultura religiosa, pela fé cristã e pela tradição católica [...] essa dimensão moral e religiosa é um fator essencial na motivação de milhares de ativistas cristãos nos sindicatos, nas associações de moradores, nas comunidades de base e nas frentes revolucionárias. Os próprios pobres se conscientizavam de sua condição e se organizavam para lutar como cristãos que pertencem a uma igreja e são inspirados por uma fé. Se considerarmos essa fé e essa identidade

séculos de hostilidade, a Igreja se reconciliava com o 'mundo moderno', esse mundo que se revelava cada dia mais complexo e problemático aos nossos olhos [...]"

religiosa, profundamente arraigada na cultura popular, só como um “envelope” ou “roupagem” e interesses sociais e econômicos, estaremos incorrendo no tipo de abordagem reducionista que nos impede de entender a riqueza e a autenticidade do movimento verdadeiro [...] a teologia da libertação não é um discurso social e político e sim, antes de qualquer coisa, uma reflexão religiosa e espiritual [...] (LÖWY, 2000, p. 58,59).

Neste sentido, então, uma vez que “os próprios pobres se conscientizam de sua condição e se organizam para lutar como cristãos”, eles mesmos são vistos como agentes de transformação histórica, agentes de seu destino, fomentadores de uma nova postura libertária diante das opressões dos poderosos.

Löwy (2000, p. 61) afirma que, embora os escritores da Teologia da Libertação não comunguem exatamente dos mesmos pensamentos,⁶⁰ é possível extrair de seus escritos certos princípios básicos que a caracterizam. Estes princípios são:

- a. A luta contra a idolatria que se manifesta na super valorização dos bens materiais, riqueza, mercado etc.;
- b. A afirmação que a história é, inseparavelmente, uma construção humana e divina;
- c. A hermenêutica pela qual os aspectos libertários da literatura sagrada podem ser realçados com o fim de fomentar um espírito inquiridor e revolucionário;
- d. A análise crítica e forte oposição ao capitalismo;
- e. O uso dos princípios marxistas como lentes através das quais as contradições do capitalismo e as lutas de classe são analisadas;
- f. A opção preferencial pelos pobres⁶¹ e o valor à solidariedade cristã como meio de libertação;

⁶⁰ Palácio também considera esta diversidade de pensamentos nas seguintes palavras: “É verdade que não foi fácil definir o que se entende por ‘teologia da libertação’. Mais do que uma ‘escola’ ou um ‘movimento teológico’ de contornos nítidos, ela foi desde o início uma questão de sensibilidade eclesial e social, uma perspectiva, um ponto de vista em, quase poderíamos dizer, um ‘espírito’ no qual podiam comungar de fato muitas pessoas, sem que fosse necessário reduzi-las a um único denominador comum. Por isso, no momento em que se fez necessário caracterizá-la, não foi fácil estabelecer suas fronteiras, classificar suas tendências ou nomear seus autênticos representantes” (PALÁCIO, 2000, p. 51,52).

⁶¹ Para a Teologia da Libertação os pobres não são apenas os desprovidos de recursos financeiros. Os pobres são todos os que passam por alguma forma de opressão e que necessitam de libertação.

g. A ênfase na vida comunitária, tendo as comunidades de base cristã como um modo alternativo de vida em contrapartida ao individualismo exacerbado fomentado pelo capitalismo.

Nestes princípios, expressões como “idolatria”, “construção divina”, “literatura sagrada”, “solidariedade cristã” e “comunidades de bases cristã”, tornam evidente como os princípios religiosos cristãos norteiam a teoria e a prática da Teologia da Libertação, embora esta possua forte conotação política e tenha fundamento teórico no marxismo.⁶²

Embora a Teologia da Libertação tenha uma exegese e hermenêutica que valoriza os aspectos libertários da literatura sagrada cristã,⁶³ ela não foi muito bem aceita nos círculos mais conservadores da Igreja Católica. Segundo Löwy,

O Cristianismo da Libertação é combatido fortemente pelo Vaticano e pelo órgão regulamentador da hierarquia da Igreja na América Latina – o CELAM (Conselho dos Bispos Latino-Americanos), dirigido, desde o início dos anos 70, pela ala conservadora da Igreja (2000, p. 58)

A principal crítica feita pela ala conservadora da Igreja Católica à Teologia da Libertação foi a presença de conceitos marxista em sua teoria, sem que estes passassem por um crivo mais cuidadoso de análise (LÖWY, 2000, p. 18,19).

A presença destes elementos marxistas associados com a leitura libertária da Bíblia concedeu à Teologia da Libertação uma síntese dos valores cristãos e socialistas, sem que se perdesse a crença no transcendente.

Segundo Löwy (2000, p. 116,117) cristianismo e o socialismo possuem afinidades pois ambos,⁶⁴

⁶² Embora reiteradamente afirme suas motivações religiosas fundadas no Evangelho e no conceito de Reino, Frei Betto, em suas duas obras analisadas nesta dissertação, torna evidente sua influência marxista quando usa os termos ideologia, burguesia, capital, alienação etc. na análise da situação política e social do Brasil. Em *Batismo de Sangue*, quando questionado se já havia lido Marx, Frei Betto responde: “Li, e também Engels, Lênin, Stálin, Mao, Guevara [...]” (2001, p. 144). Em carta enviada para o padre Gobert, datada do dia 15 de janeiro de 1973, comentando sobre o livro de Gutiérrez ele diz: “[...] Assim como a teologia em bases cosmológicas exigiu a contribuição da física e da astronomia para uma certa concepção do universo, assim a teologia contemporânea em bases antropológicas exige a contribuição das ciências sociais para apreender o processo histórico.” (1977, p. 160).

⁶³ Referimo-nos ao Antigo e Novo Testamentos.

- a. Criticam a vida individualista gerada pelo capitalismo;
- b. Afirmam os valores transindividuais;
- c. Consideram os pobres como vítimas de injustiça;
- d. Veem a sociedade como um todo, sem distinção de *status*, grupos étnicos, raça etc.
- e. Valorizam a comunidade e a vida comunitária na qual a pessoa é vista e valorizada em sua individualidade;
- f. Criticam o capitalismo e o liberalismo econômico como forma de super valorização do individual acima dos interesses da coletividade;
- g. Creem na possibilidade histórica de uma nova sociedade na qual a justiça poderá ser plenamente vivida para todos indistintamente;

É nesta síntese que Frei Betto se encontra. José Comblin (2000, p. 187) situa-o entre uma das personalidades importantes para a Teologia da Libertação.

Neste debate teórico e análise histórica, Frei Betto emerge como alguém que, por meio de seus escritos,⁶⁵ faz clara distinção entre certas formas religiosas opressoras e reacionárias e expressões de fé libertárias e transformadoras.

Por ser um frei da Ordem Dominicana, Betto deve ser analisado tendo em vista os seus valores cristãos associados com os princípios marxistas. Portanto, a religião que pode ser veículo de libertação, neste contexto, é a religião cristã, com a afirmação da encarnação do Cristo de Deus associada a sua denúncia dos esquemas de opressão e sua proclamação da justiça e libertação.

Suas duas obras,⁶⁶ como vimos, trazem em seu bojo essa forma de conceituar e viver a religião. Por elas é possível deduzir, basicamente, que a religião libertária:

- a. Contém um fundamento teológico e sociológico;
- b. Ela efetivamente está comprometida com a libertação do ser humano.

⁶⁴ Estas afinidades são um dos elementos que tornaram a relação entre Frei Betto e Marighella possíveis.

⁶⁵ Esses escritos a que nos referimos são as obras *Batismo de Sangue* e *Cartas da Prisão*. Frei Betto escreveu muitos outros livros nos quais seu pensamento sobre religião e política se faz presente. Para o tema que nos propomos dissertar ele nos sugeriu *Batismo de Sangue* e *Cartas da Prisão*.

⁶⁶ *Cartas da Prisão* (1977) e *Batismo de Sangue* (2001)

4.3.1 O Fundamento Teológico e Sociológico da Religião Libertadora



Fig. 12 Frei Betto, o religioso que leu a sociedade pelas lentes da teologia e das ciências sociais.

A personalidade paradoxal de Frei Betto é o retrato de sua forma de fazer teologia, viver sua religião e ter se envolvido com o grupo de Marighella e outros movimentos sociais. Segundo ele mesmo testemunha,

[...] meus colegas de igreja indagando como uma pessoa pode gostar de Santa Tereza e, ao mesmo tempo, passar horas lendo filósofos, políticos; meus companheiros de política perplexos ao descobrirem meu fascínio por mestres da espiritualidade cristã. Ainda hoje a interrogação perdura (BETTO, 2001, p. 108).

Esta realidade conceitual – na qual a santa, o filósofo, o político e o sociólogo se encontram e não se excluem necessariamente – é constantemente reafirmada em suas obras, através das várias citações de cunho religioso e sociológico.

Em primeiro lugar, pelo viés teológico, o conceito de Reino é um dos pilares fundamentais da Teologia da Libertação e do pensamento de Frei Betto. Segundo Leonardo Boff,

O Reino é Deus agindo no mundo, sanando sua criação, libertando seus filhos e filhas oprimidos e levando à plenitude todas as coisas para que sejam o pleroma, o Reino da Trindade. Esse reino ganha forma no mundo

secular pelo caminho da ética e nas igrejas pelo caminho da celebração. Lá ele é silenciado, mas sua substância se expressa na justiça, na verdade e no amor [...] Por isso, há muito mais Reino na revolução cubana, que é a revolução da ternura para com os pobres, os velhos e os pobres, do que na Igreja romana-católica cubana, que possui apenas o discurso, luta para se manter e se construir a si mesma [...] O Reino sempre se constrói na luta contra o anti-Reino (2000, p. 236).

O sentido mais básico e evidente desse Reino é sua implicação profundamente social. Não é um reino não-material ou espiritualizante. É o governo de Deus por meio da sociedade civil quando esta vive a ética cristã e na igreja através da celebração de uma vida comunitária justa e igualitária, onde a eucaristia é o fundamento de todas as relações sociais. O Reino é sinônimo de libertação e justiça.⁶⁷

O peso desta conceituação é tão relevante que Leonardo Boff chega a dizer que,

“A relativização da Igreja vem pela descoberta da realidade do Reino. Jesus não quis a Igreja, mas o Reino, a categoria mais ampla do discurso cristão [...] (BOFF, 2000, p. 236).

É por esta categoria mais ampla e suas implicações práticas que as palavras proferidas por Frei Betto tornam-se profundamente significativas quando ele fala a respeito de Marighela como alguém, que mesmo estando fora da Igreja, pertencia ao Reino, pois era um homem sedento de justiça e que havia entregado sua vida pela causa do povo (BETTO, 2001, p. 143).

Nesta esfera do Reino, o grande exemplo a ser seguido é a encarnação do Cristo de Deus. Betto diz:

Em tudo isso,⁶⁸ cada vez mais, apreendo o mistério redentor de Jesus Cristo. Era preciso um Deus que se fizesse o último dos homens; nascido num estábulo, perseguido pelos fariseus, dormindo à beira das estradas, cuspidos no rosto, coroado de espinhos e pregado numa cruz. Eu jamais poderia crer num Deus que não tivesse, ele próprio, sido o mais oprimido dos homens (1977, p. 33).

⁶⁷ Este binômio também fazia parte da luta de Marighella.

⁶⁸ É uma referência aos terríveis sofrimentos dos presos, relatada na carta de 8 de março de 1972, endereçada aos seus pais e irmãos.

A voluntária encarnação do filho de Deus, seus sofrimentos, seus confrontos públicos com aqueles que detinham o poder religioso da época, sua denúncia contra as injustiças sociais, seu apego indiscriminado a favor do ser humano. Todas estas características da personalidade e ministério público de Jesus foram tomadas como exemplo a ser seguido.

Na carta endereçada às irmãs “Ed.” e “Hén.”, datada do dia 21 de novembro de 1972, Frei Betto escreve:

O Evangelho não deixa dúvidas de que o Cristo veio principalmente para os pobres e marginalizados. O amor que ele encarna era sinal de contradição, sobretudo numa sociedade como aquela em que coxos e cegos eram tidos como criaturas castigadas por Deus [...] A Pobreza foi a própria condição de vida de Jesus. Por isso algo está errado quando reconhecemos que a igreja precisa ser pobre, *deve ir* aos pobres. É entre eles que deveria estar o *habitat* dela [...] Nosso modelo de inserção entre o povo é Jesus de Nazaré. Devemos observar sua pedagogia, sua maneira de pregar e de viver e sobretudo o despojamento que o tornava tão semelhante aos convidados ao banquete [...] (1977, p. 139,140)

Embora a realidade brasileira demandasse uma urgente prontidão na tarefa de agir para transformar, Frei Betto entendia seu envolvimento com os movimentos sociais pelo viés de um chamado divino. Cristo o havia vocacionado para a proclamação da justiça e da liberdade. Ele diz:

[...] Nós nos esforçamos para tudo suportar na paciência e na caridade. Na oração eu sinto que Ele me fala como falou a Daniel: “não temas nada, homem de predileção! Que a paz esteja contigo! Coragem, coragem!” (Dn 10,19). – Não posso deixar de reconhecer que fui contemplado com a graça da obrigação. Por vontade própria, jamais eu abraçaria a cruz dessa maneira. Ele é que me obriga a isto. Não escolhi vir para a prisão, e dentro dela, passar por tantas tribulações. Mas tenho a certeza interior que tudo isso é profundamente redentor (1977, p. 71).

Os valores morais e éticos do reino de Deus devem ser os valores da sociedade. Esta nova igreja para Frei Betto deveria ter grande apego ao Evangelho ao invés do Direito Canônico (1977, p. 25).

Entretanto, embora conhecer a teoria marxista e conviver com pessoas que não possuíam motivações religiosas para o movimento libertário, Frei Betto cria que a capacitação para uma vida de lutas e libertação era dada pela ação do Espírito Santo.⁶⁹ Em carta à irmã Ruth, datada do dia 7 de fevereiro de 1973, ele diz:

Acredito, irmã, que estamos vivendo na Igreja um novo Pentecostes. Não podemos desanimar. O Espírito está nos libertando dos velhos compromissos e das velhas alienações e nos conduzindo a uma nova terra. Se determinadas estruturas já não corresponde à nossa expectativa evangélica devemos abandoná-las se não podemos modificá-las [...] (1977, p. 164)

Essas afirmações de Frei Betto evidenciam que sua base e motivação para sua luta social eram predominantemente de cunho religioso. Os postulados teológicos de sua crença e de sua religião conduziam-no irresistivelmente para a mobilização.

A Bíblia – como palavra de um Deus libertador e interessado com o destino dos pobres e oprimidos – é o referencial religioso que permite que os que creem em Deus continuem na luta política sem perderem o sentido espiritual de sua luta.

Em segundo lugar, Frei Betto afirma que a expressão religiosa que luta contra a influência da ideologia dominante e liberta os oprimidos, possui referenciais teóricos nas ciências sociais.⁷⁰

Por estas lentes, aquele que crer toma conhecimento que a sociedade não é um todo harmônico e que as instituições, poderes e posições sociais não são infalivelmente representantes de Deus.

Pelas observações da sociologia é possível perceber que o mundo social é um jogo de poder, nele há a ocultação da realidade por meio dos aparelhos

⁶⁹ Em carta endereçada a 'C', datada do dia 13 de agosto de 1972, ele diz: "Não tenho dúvida de que vivemos numa década pentecostal – na qual o Espírito Santo atua também com bastante êxito fora da igreja [...]" (1977, p. 96).

⁷⁰ Esta relação entre fé e ciências sociais (pelo viés marxista) na qual a fé é posta em local de destaque é exposta por Boff (2000, p. 85) nas seguintes palavras: "[...] o marxismo não tinha nenhuma autoridade para se pronunciar sobre o conteúdo da fé como tal. Poderia, quando muito, ajudar a entender o quadro externo, isto é, social, da fé. Mas a essência da fé era coisa fora da sua competência. Portanto, seu serviço era fornecer um acesso cognitivo à matéria-prima ou ao objeto da teologia: a leitura social da sociedade".

ideológicos do Estado, existem relações de dominação, estruturas estruturadas que violentam a subjetividade humana.

Segundo Frei Betto, é por esta nova percepção crítica da realidade, através da Teologia e das Ciências Sociais, que a igreja pode pensar na reestruturação das ações pastorais com vistas ao suprimento das necessidades das classes pobres e oprimidas.

Em sua carta à 'M', datada do dia 18 de fevereiro de 1972, após afirmar que a igreja necessitava de uma prática mais evidente do Evangelho e após escrever sobre o surgimento do capitalismo, Frei Betto diz:

[...] o sistema em que vivemos é sem dúvida intrinsecamente mau, pois sua existência supõe necessariamente a existência de uma classe trabalhadora, explorada por uma classe que controla os meios de produção e as fontes de matéria-prima. Se concordamos com esse raciocínio, então todo o nosso esquema pastoral e nossa teologia das realidades atuais passarão por uma profunda modificação. *Como procurar o reino de Deus e sua justiça sem denunciar esse mecanismo de exploração?* [...] (grifo nosso) (1977,p. 28).

A pergunta retórica “como procurar o reino de Deus e sua justiça sem denunciar esse mecanismo de exploração?”, associa fé e ciência na mesma missão: a transformação das estruturas sociais opressoras por meio da análise crítica das relações de poder e dominação.

Na carta endereçada à 'M', datada do dia 18 de fevereiro de 1972, Frei Betto afirma que o sistema social é intrinsecamente mau, pois torna imperiosa a existência de uma classe de indivíduos explorados e que não possuem o controle dos meios de produção.

Prosseguindo em seu raciocínio, ele diz que o Estado “não passa de um instrumento da classe dominante” (1977, p. 29) e que, portanto, é inútil qualquer intervenção do Estado nas questões conflituais entre a burguesia e o povo, visto que ele sempre se mostrará a favor dos que detém o poder.

No que toca os meios para que essa dominação se efetive na vida social, Frei Betto escreve sobre os mecanismos de dominação como a TV, o rádio, os

jornais etc.,⁷¹ que ideologicamente fazem com que a população acredite que o mundo vigente é o melhor dos mundos que se possa viver e que, quanto às desigualdades sociais, elas serão resolvidas no decurso da história.

Esta associação característica da Teologia da Libertação cuja análise crítica não tem limites para sua inserção, conduziu Frei Betto a fazer também um exame do sistema penitenciário do qual ele mesmo participou como réu. Ele diz:

[...] A única eficácia desse regime penitenciário é a de afastar determinado criminoso do contato com a sociedade e da oportunidade de reincidência – por algum tempo. Ele nem recupera o homem, nem reduz o índice de criminalidade. Por culpa de quem? Por culpa da ordem social da qual o sistema penitenciário é reflexo [...] Qual seria, na minha opinião de presidiário, a solução mínima? É quase inútil pôr remendo novo em pano velho. São as causas sociais do crime que precisam ser atacadas. De nada adianta construir cadeias. Deve-se edificar uma sociedade capaz de erradicar os focos geradores de criminalidade, como a miséria, o analfabetismo, o trabalho mal remunerado, o desnível entre oferta e procura e mão-de-obra etc. (1977, p. 87,89).

Nesta sua análise, Frei Betto atribui a “ordem social” – identificada como a miséria, o analfabetismo, o trabalho mal remunerado, o desnível entre oferta e procura e mão-de-obra etc. – a posição de geradora e mantenedora do círculo vicioso existente no mundo carcerário no qual muitas pessoas, após serem soltas, retornavam à mesma situação de miséria e aprisionamento.

Nesta trágica caminhada histórica, segundo Frei Betto, a elite, com sua máquina ideológica, propaga a tese que todos nascem em iguais condições para vencer na vida, escondendo, contudo, que as condições para que essa vitória ocorra são mínimas ou quase nulas.

⁷¹ Quanto à questão dos meios de comunicação como aparelhos ideológico, Löwy faz o seguinte comentário: “Uma questão à parte é a atitude dos teólogos da libertação e da “Igreja dos Pobres” com relação à mídia. Há, normalmente, uma grande desconfiança da mídia institucional (TV, rádio e imprensa) considerada instrumento de manipulação do povo pela elite. A crítica à televisão é um tema importante para o cristianismo da libertação, mas ela se dirige mais ao conteúdo dos programas do que à mídia técnica propriamente dita [...]” (LÖWY, 2000, p. 107,108).

4.3.2 A Opção Preferencial Pelos Pobres

Para Frei Betto, todos os seres humanos partilham da mesma humanidade. Todos carregam consigo aquele valor que o próprio Deus designou de forma singular à humanidade. Esta afirmação, contudo, não é pautada em um humanismo ateu, mas sim em um conceito da antropologia bíblica que afirma que os seres humanos foram criados a imagem e semelhança de Deus.

Por esta perspectiva, todos os seres humanos são iguais, e por isso devem ser tratados igualmente. As condições históricas nas quais os seres humanos se encontram, não podem ser motivo para a minimização de sua dignidade e de sua relação ímpar com Criador. A pobreza, o cárcere ou qualquer outra questão não podem ter mais peso do que a imagem divina no homem. Na carta datada do dia 6 de julho de 1972, endereçada a seu pai, Betto diz:

Decidimos, porém, ter contato com todos os presidiários, indiscriminadamente. Não nos interessa saber se fulano é perigoso, mau elemento, dedo-duro ou homossexual. O que importa é que é preso igual a nós. Isso tem dado resultado, exceto com uns poucos que são mesmo difícil de serem abordados.

E em outra carta, Betto chama os demais detentos de “nossos irmãos presos” (1977, p. 93). Esta plena identificação com os demais presos, pautada num princípio teológico, conduzia Frei Betto às ações libertárias e revolucionárias mesmo estando no cárcere.⁷²

Ainda neste princípio da dignidade humana, Frei Betto afirma o potencial do ser humano para as mudanças necessárias à sociedade. Na carta à ‘Y’,⁷³ na qual ele trata sobre o contraste entre riqueza-pobreza, Frei Betto diz: “todos nós sabemos que o homem pode perfeitamente solucionar esse problema [...]”.

Entretanto, mesmo afirmado o grande potencial humano para gerar sua própria libertação, Frei Betto reconhecia que existiam certas formas de religiosidade que adormeciam este poder libertário existente nos homens. Segundo ele escreve

⁷² A catequese realizada entre os presos, a peça teatral etc.

⁷³ Datada do dia 13 de fevereiro de 1972.

em 13 de fevereiro de 1972, existem experiências religiosas opressivas, neurotizantes, asfixiantes, destruidoras da saúde psíquica e espiritual (1977, p. 227).

Estes sistemas de fé não podem produzir a libertação que o Cristianismo da Libertação⁷⁴ propõe. A alienação não pode produzir indivíduos conscientes e comprometidos com a transformação histórica. Um sistema opressivo não pode anunciar a libertação aos pobres.

Contudo, paralelamente a estas formas de se viver a religião, existem expressões religiosas que efetivamente afirmam o valor no ser humano e estão comprometidas com a libertação de todas as amarras ideológicas e alienantes dos que têm o poder de mando e, por este poder, oprimem e encarceram os pobres.

Esta religião libertária tem em sua agenda tanto a profunda espiritualidade como a luta pela justiça. Segundo Frei Betto,

O objetivo da renovação da Igreja não consiste, porém nesta ou naquela forma de VR (vida religiosa), neste ou naquele modelo de espiritualidade, mas no nosso compromisso efetivo com a libertação do homem, de modo que ele possa se encontrar, encontrar o seu próximo e encontrar Deus. Isto supõe que neste período histórico que atravessamos a Igreja seja capaz de se colocar a serviço dos oprimidos e dos marginalizados, o que dificilmente pode ocorrer sem choque com os poderosos e opressores. Não é possível servir a dois senhores, a Deus e ao Dinheiro (2007, p. 217).

Nestas palavras, Frei Betto associa o serviço a Deus ao serviço ao oprimido e marginalizado. A luta pela libertação do homem é posta como uma forma de se encontrar a própria identidade e de relacionar-se com o próximo e com Deus. Noutras palavras, se religião é re-ligação (*religare*) com Deus,⁷⁵ então não há verdadeira religião sem proclamação e compromisso efetivo com o próximo, pois é através desse compromisso íntimo com o ser humano que ocorre o relacionamento com Deus.

Mais uma vez afirmando a relação inalienável entre cristianismo, compromisso social e libertação, Frei Betto afirma:⁷⁶

⁷⁴ Expressão proposta por Löwy à Teologia da Libertação.

⁷⁵ Questionado sobre o que é religião, Frei Betto responde; “Religião é a capacidade que nós temos de nos religar consigo mesmo, com o outro, com a natureza e com Deus”.

⁷⁶ Carta à irmã Ruth, datada do dia 23 de agosto de 1973.

[...] *O Evangelho deixa claro* que é um erro pensar que podemos segui-Lo sem ser crucificado como Ele, para ressuscitar com Ele. Esta realidade só pode ser assumida na relação da fé e do amor, dentro da qual *a cruz* é purificação, redenção, *libertação*, salvação. Caso contrário, ela não passará de uma experiência opressiva [...] (grifo nosso) (1977, p. 227).

A religião que faz dos pobres e oprimidos seu compromisso primordial em todos os planos e ações, está na verdade, andando nos passos do Cristo e resgatando sua identidade cristã. Segundo Boff,

[...] A libertação dos pobres não é mais questão de escolha ética ou social, mas, antes e mais profundamente, uma questão de identidade cristã: não se pode mais fazer teologia sem que ela seja intrinsecamente libertadora ou então não é mais verdadeira teologia, pelo menos não é mais teologia integralmente cristã, mas contaminada por uma ideologia qualquer (BOFF, 2000, p. 91).

Este engajamento com uma teologia libertadora levou Betto e outros católicos de seu tempo a se envolverem com os movimentos de juventude e estudantis, oferecer apoio logístico às ações da ALN (2001, p. 57) e se envolverem com os encarcerados nas prisões por onde passaram.

E este modo de agir era decorrente do seguinte raciocínio: Se todo espaço social é um espaço histórico de conflitos entre classes, então o binômio opressão/libertação se fazia sempre presente e demandava daqueles que haviam feito uma opção pelos pobres uma ação coerente com a fé libertadora que professavam.

Neste pensamento, Frei Betto faz crítica a determinados grupos religiosos que faziam a opção por morar em bairros pobres simplesmente pelo valor do aluguel. Nesta circunstância, a opção pelos pobres era na verdade a escolha preferencial por certa comodidade financeira. Ele diz:

[...] Não faz sentido um grupo de religiosos, ao deixar o convento, ir morar num bairro mais pobre simplesmente porque lá os apartamentos e casas são mais em conta. É a escolha do meio a ser evangelizado que determina o local de moradia e o sistema de vida a ser adotado pela comunidade. Morar num bairro operário e trabalhar no centro comercial é outra contradição [...] (1977, p. 186).

Esta crítica de Frei Betto mostra outro aspecto deste tipo de religião que liberta: ela valoriza o homem em comunidade. O Reino de Deus tem uma conotação comunitária.

Na contramão do capitalismo que enfatiza e alimenta o individualismo, a religião libertária salva o homem do egoísmo e o coloca numa relação profunda com a comunidade.⁷⁷ Noutras palavras, não basta morar em um bairro pobre, é preciso compromisso espiritual e político com as pessoas e seus dramas.

Neste espírito comunitário é afirmado o valor dos indivíduos acima das questões hierárquicas e institucionais. A liberdade que se afirma para a sociedade mais ampla deve ser valorizada e vivida nas pequenas comunidades, nas quais os indivíduos são livres para expressarem suas opiniões, motivadas pelo senso de que são igualmente responsáveis pelo destino do grupo da qual pertencem. A respeito disso Frei Betto diz:⁷⁸

Creemos que a natureza da vida religiosa deva ser encarada por um outro lado: o de um carisma dado pelo Espírito à vida da igreja [...] os religiosos são aqueles que, pelo Espírito concedido à comunidade, vivem antecipadamente esta liberdade que a igreja anuncia em Jesus Cristo [...] Hoje a tendência é a formação de pequenas comunidades, onde não se faz sentir o peso das relações hierárquicas, pois todos opinam e se sentem responsáveis, “tendo um só coração e uma só alma [...]” (1977, p. 203).

Por aquilo que Frei Betto escreveu em *Cartas da Prisão*, fica evidente que a nova tendência de se formar pequenas comunidades “onde não se faz sentir o peso das relações hierárquicas” (1977, p. 203) também havia se materializado historicamente no convívio com os demais encarcerados.

Os cursos, os jejuns como protesto e a peça teatral com os seus ensaios, preparo e execução mobilizaram e uniram aqueles que conviviam com Frei Betto no cárcere. Isso mostra que o espírito comunitário não reconhece diferença espacial,

⁷⁷ Segundo Bauman (2003, p. 56, 57) “Geoff Dench apontou o traço da comunidade que leva todos os que podem a fugirem dela: uma parte integrante da idéia de comunidade é a ‘obrigação fraterna’ ‘de partilhar as vantagens entre seus membros, independente do talento ou importância deles’. Esse traço por si só faz da ‘comunidade’ ‘uma filosofia’ dos fracos [...] Para os ‘poderosos em bem sucedidos’, o desejo de ‘dignidade’, mérito e honra paradoxalmente exige a negação de comunidade”.

⁷⁸ Carta endereçada à irmã Ruth, datada do dia 24 de maio de 1973.

status social ou cultural. Aqueles que vivem em comunidade encontram-se no mesmo grau de dignidade que os demais do grupo.

A religião libertária, nesse sentido, dá o suporte teológico para esta forma de vida cristã e fomenta um clima de fraternidade, aceitação mútua e luta política a favor daquilo que seja importante para o povo.

4 CONCLUSÃO

Após pesquisa realizada podemos perceber o quanto a formação familiar, acadêmica e religiosa de Frei Betto contribuiu tanto para a estruturação de seu pensamento social, político e teológico, como também para o seu direto engajamento com as questões sociais. Sua formação cristã e acadêmica o aproximou dos princípios marxistas de análise do mundo social.

Pelas lentes críticas de uma fé que não estava separada da reflexão sobre a realidade política, social, econômica e espiritual do povo brasileiro, Frei Betto associou-se ao movimento de Carlos Marighella por acreditar que este estava engajado no mesmo ideário de liberdade que seu conceito de religião continha.

Através deste direto envolvimento com Carlos Marighella e adesão aos princípios teológicos da Teologia da Libertação, Frei Betto explicita o que para ele é uma religião libertadora, ou seja, uma forte crença em um Deus libertador que, na encarnação de seu Filho, tornou evidente sua opção preferencial pelos pobres e oprimidos.

Ao contrário do catolicismo conservador que historicamente esteve associado com as elites dominantes e fez vistas grossas ao sofrimento do pobre, Frei Betto teoriza sobre a possibilidade histórica de uma profunda espiritualidade associada com revolução e transformações históricas no âmbito espiritual, político, econômico e social.

Por ser testemunha ocular da Ditadura Militar e vivenciar os dois lados em conflito de uma mesma instituição religiosa (a Igreja Católica), a história de Frei Betto nos mostra o quanto a história do Brasil precisa ser pesquisada e ensinada aos brasileiros. Pois, o período da Ditadura Militar não foi apenas um período de opressão e prisões, mas também de plena liberdade existencial desfrutada por aqueles que foram encarcerados na luta pelo ideal libertário.

Embora seja fato que neste período a imprensa (rádio, televisão, TV) muitas vezes esteve ao lado dos opressores, entretanto, este tempo não foi apenas de amordaçamento. Ocorreram manifestações em praças públicas realizadas pelos jovens católicos e comunistas, nas quais palavras de ordem foram proferidas contra

o poder instituído da época. Além disto, as cartas de Frei Betto foram também uma forma de protesto e esperança que alcançou eco para além das fronteiras do Brasil.

Apesar de ter sido preso, a década de 70 não foi um tempo de ócio para Frei Betto. Suas atitudes no cárcere mostram que ele não deixou sua teologia e religião libertária para além das paredes de sua prisão. Seu envolvimento direto com os penitenciários evidencia o grau de seu compromisso para com os pobres da Teologia da Libertação.

De fato, embora parte da Igreja Católica tenha se mostrado indiferente para com as lutas sociais desse tempo, evidenciando assim uma forma reacionária de ser religioso; a prática religiosa de Frei Betto, sob as lentes da Teologia da Libertação, deixou nos anais da história brasileira a possibilidade de se viver uma profunda espiritualidade sem alienação ou apatia para com a opressão e injustiças sociais.

Diante dessas afirmações e de tudo que foi pesquisado e analisado criticamente nesta dissertação, pode-se perceber que o valor histórico e político da religião libertadora deve ser ainda mais estudados.

Se os movimentos sociais, as reuniões de jovens universitários e de classes, tiveram seu suporte teórico e motivação naquela teologia da qual Frei Betto hoje é contado entre um dos pensadores, então é importante que essa forma de teologia e religião seja trazida à tona, a fim de que uma nova geração de religiosos no Brasil perceba o poder da criticidade e transformação histórica que podem residir na religião.

Nisto, a presente dissertação se justifica na medida em que percebemos as novas situações de opressão no Brasil e que demandam o mesmo ímpeto de fé que Frei Betto, Tito, Ivo, tiveram quando foram postos diante da realidade brasileira.

As questões referentes à educação, ao mercado de trabalho, exploração do pobre etc. citadas em suas cartas e que demandavam um pronto envolvimento, embora possuam contornos próprios em nosso momento histórico, também clamam por personalidades que estejam dispostas a denunciarem as injustiças sociais e toda forma de opressão.

Embora seja verdade que o fenômeno religioso não declinou em sua influência – como muitos racionalistas prognosticaram – porém, mostra-se cada vez mais forte fora das estruturas tradicionais da religião, é preciso admitir que muito

desse fervor religioso vem acompanhado por expressões reacionárias e alienantes tanto no âmbito da religião como na esfera social. O resgate de parte do pensamento de Frei Betto além de alcançar um objetivo acadêmico, mostra-se também proveitoso para a fomentação de um novo espírito de busca por liberdade em tempos de opressão.

De tudo que foi pesquisado, o que se percebe é que ainda existem outras questões que podem ser objetos de pesquisa acadêmica, como:

- a. Que relação há entre religião e luta armada, no pensamento de Frei Betto?;
- b. Uma vez que, em *Cartas da Prisão*, Frei Betto faz várias associações à condição de cárcere e o grau de estudo dos seus companheiros de prisão, que valor a religião libertadora atribui à educação como meio de libertação e como seria esta educação?;
- c. Como a literatura de Frei Betto influenciou as CEB's?;

Estes questionamentos se mostram importantes, pois a realidade opressão-libertação sempre está presente na história das sociedades humanas.

ANEXO 1: Obras Publicadas de Frei Betto

Edições Nacionais

- 1 - Cartas da prisão - 1969-1973, Rio de Janeiro, Editora Agir, 2008.
- 2 - Das catacumbas, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976 (3ª edição, 1985) - esgotada.
- 3 - Oração na ação, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977 (3ª edição, 1979) - esgotada.
- 4 - Natal, a ameaça de um menino pobre, Petrópolis, Vozes, 1978 - esgotada.
- 5 - A semente e o fruto, Igreja e Comunidade, Petrópolis, Vozes, 3ª edição, 1981 - esgotada.
- 6 - Diário de Puebla, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979 (2ª edição, 1979) - esgotada.
- 7 - A Vida suspeita do subversivo Raul Parelo (contos), Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979 (esgotado). Reeditado sob o título de O Aquário Negro, Rio de Janeiro Difel, 1986. Há uma edição do Círculo do Livro, 1990 - esgotada.
- 8 - Puebla para o povo, Petrópolis, Vozes, 1979 (4ª edição, 1981) - esgotada.
- 9 - Nicarágua livre, o primeiro passo, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980. Dez mil exemplares editados em Jornalivo, São Bernardo do Campo, ABCD-Sociedade Cultural, 1981 - esgotada.
- 10 - O que é Comunidade Eclesial de Base, São Paulo, Brasiliense, 5ª edição, 1985. Co-edição com a Editora Abril, São Paulo, 1985, para bancas de revistas e jornais - esgotada.
- 11 - O fermento na massa, Petrópolis, Vozes, 1981 - esgotada.
- 12 - CEBs, rumo à nova sociedade, São Paulo, Paulinas, 2ª edição, 1983 - esgotada.
- 13 - Fogãozinho, culinária em histórias infantis (com receitas de Maria Stella Libanio Christo), Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984 (3ª ed. 1985). Nova edição da Mercuryo Jovem - São Paulo, 2002.
- 14 - Fidel e a religião, conversas com Frei Betto, São Paulo, Brasiliense, 1985 (23ª edição, 1987). Edição do Círculo do Livro, São Paulo, 1989 - esgotada.
- 15 - Batismo de sangue, Os dominicanos e a morte de Carlos Marighella, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1982 (7ª edição, 1985). Reeditado pela Bertrand do Brasil, Rio de Janeiro, 1987 (10ª edição, 1991). Edição do Círculo do Livro, São Paulo, 1982. Em 2000 foi lançada a 11ª edição revista e ampliada - Batismo de Sangue - A luta clandestina contra a ditadura militar - Dossiês Carlos Marighella & Frei Tito - pela editora Casa Amarela, São Paulo. Em 2006, foi lançada a 14ª edição, revista e ampliada, pela Editora Rocco.
- 16 - OSPB, Introdução à política brasileira, São Paulo, Atica, 1985, (18ª edição, 1993) - esgotada.

- 17 - O dia de Angelo (romance), São Paulo, Brasiliense, 1987 (3ª edição, 1987). Edição do Círculo do Livro, São Paulo, 1990 - esgotada.
- 18 - Cristianismo & marxismo, Petrópolis, Vozes, 3ª edição, 1988 - esgotada.
- 19 - A proposta de Jesus (Catecismo Popular, vol. I), São Paulo, Ática, 1989 (3ª edição, 1991) - esgotada.
- 20 - A comunidade de fé (Catecismo Popular, vol. II), São Paulo, Ática, 1989 (3ª edição, 1991) - esgotada.
- 21 - Militantes do reino (Catecismo Popular, vol. III), São Paulo, Ática, 1990 (3ª edição, 1991) - esgotada.
- 22 - Viver em comunhão de amor (Catecismo Popular, vol. IV), São Paulo, Ática, 1990 (3ª edição, 1991) – esgotada.
- 23 - Catecismo popular (versão condensada), São Paulo, Ática, 1992 (2ª edição, 1994) – esgotada.
- 24 - Lula - biografia política de um operário, São Paulo, Estação Liberdade, 1989 (8ª edição, 1989). Lula - Um Operário na Presidência, São Paulo, Casa Amarela, 2003 - edição revisada e atualizada - esgotada.
- 25 - A menina e o elefante (infanto-juvenil), São Paulo, FTD, 1990 (6ª edição, 1992). Em 2003, foi lançada nova edição revista pela Editora Mercuryo Jovem, São Paulo.
- 26 - Fome de pão e de beleza, São Paulo, Siciliano, 1990 - esgotada.
- 27 - Uala, o amor (infanto-juvenil), São Paulo, FTD, 1991 (6ª edição, 1996).
- 28 - Sinfonia Universal, a Cosmóvisão de Teilhard de Chardin. Nova Edição da Editora Vozes 2011.
- 29 - Alucinado som de tuba (romance), São Paulo, Ática, 1993 (20ª edição, 2000).
- 30 - Por que eleger Lula presidente da República (Cartilha Popular), São Bernardo do Campo, FG, 1994 - esgotada.
- 31 - O paraíso perdido - nos bastidores do socialismo, São Paulo, Geração, 1993 (2ª edição, 1993) - esgotada.
- 32 - Cotidiano & Mistério, São Paulo, Olho d'Água, 1996. (2ª ed. 2003) – esgotada.
- 33 - A obra do Artista - uma visão holística do universo, São Paulo, Ática, 1995 (7ª edição, 2008).
- 34 - Comer como um frade - divinas receitas para quem sabe por que temos um céu na boca, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1996 (2ª edição 1997). Em 2003, foi lançada nova edição revista e ampliada pela Editora José Olympio, Rio de Janeiro.
- 35 - O vencedor (romance), São Paulo, Ática, 1996 (15ª edição, 2000).
- 36 - Entre todos os homens (romance), São Paulo, Ática, 1997 (8ª edição, 2008). Na edição atualizada, ganhou o título Um homem chamado Jesus, Rio de Janeiro, Rocco, 2009.
- 37 - Talita abre a porta dos evangelhos, São Paulo, Moderna, 1998.
- 38 - A noite em que Jesus nasceu, Petrópolis, Vozes, 1998 - esgotada.
- 39 - Hotel Brasil (romance policial), São Paulo, Ática, 1999 (2ª ed. 1999). Editora Rocco.

- 40 - A mula de Balaão, São Paulo, Salesiana, 2001
- 41 - Os dois irmãos, São Paulo, Salesiana, 2001
- 42 - A mulher samaritana, São Paulo, Salesiana, 2001
- 43 – Alfabetto – autobiografia escolar, São Paulo, Ática, 2002 (4ª edição)
- 44 - Gosto de uva - textos selecionados, Rio de Janeiro, Garamond, 2003.
- 45 - Típicos tipos - coletânea de perfis literários, São Paulo, A Girafa, 2004
- 46 - Saborosa viagem pelo Brasil - Limonada e sua turma em histórias e receitas a bordo do Fogãozinho, (com receitas de Maria Stella Libanio Christo), São Paulo, Mercuryo Jovem, 2004
- 47 – Treze contos diabólicos e um angélico – São Paulo, Editora Planeta do Brasil, 2005.
- 48 – A mosca azul – reflexão sobre o poder – Rio de Janeiro, Editora Rocco, 2006.
- 49 – Calendário do poder – Rio de Janeiro, Editora Rocco, 2007.
- 50 - A arte de semear estrelas - Rio de Janeiro, Editora Rocco, 2007.
- 51 – Diário de Fernando – Nos cárceres da ditadura militar brasileira - Rio de Janeiro, Editora Rocco, 2009.
- 52 - Minas do Ouro (Romance) - Rio, Editora Rocco, 2011.

Edições Estrangeiras

- 1 - Dai Soterranei della Storia, Milão, Itália, Arnoldo Mondadori, 2ª edição (esgotada), 1973.
- 2 - Novena di San Domenico, Brescia, Itália, Queriniana, 1974.
- 3 - L'Eglise des Prisons, Paris, França, Desclée de Brouwer, 1972.
- 4 - La Iglesia Encarcelada, Buenos Aires, Argentina, Rafael Cedeño editor, 1973 (esgotada).
- 5 - Brasilianische Passion, Munique, Alemanha, Kösel Verlag, 1973.
- 6 - Fangelsernas Kyrka, Estocolmo, Suécia, Gummessons, 1974.
- 7 - Geboeid Kijk ik om mij heen, Bélgica-Holanda, Gooi en sticht bv hilversum, 1974.
- 8 - Creo desde la carcel, Bilbao, Espanha, Desclée de Brouwer, 1976.
- 9 - Against Principalities and Powers, Nova Iorque, EUA, Orbis Books, 1977 (esgotado).
- 10 - 17 Días en Puebla, México, México, CRI, 1979.
- 11 - Diario di Puebla, Brescia, Itália, Queriniana, 1979.
- 12 - Lettres de Prison, Paris, França, du Cerf, 1980.
- 13 - Lettere dalla Prigione, Bolonha, Itália, Dehoniane, 1980.
- 14 - La Preghiera nell'Azione, Bolonha, Itália, Dehoniane, 1980.
- 15 - Que es la Teología de la Liberación? Lima, Peru, Celadec, 1980.

- 16 - Puebla para el Pueblo, México, México, Contraste,1980.
- 17 - Battesimo di Sangue, Bolonha, Itália, Asal,1983. Nova edição revista e ampliada publicada pela Sperling & Kupfer, Milão, 2000.
- 18 - Les Freres de Tito, Paris, França, du Cerf,1984.
- 19 - El Acuario negro, La Habana, Cuba, Casa de las Americas,1986.
- 20 - La Pasión de Tito, Caracas, Venezuela, Ed. Dominicos,1987.
- 21 - El Día de Angelo, Buenos Aires, Argentina, Dialectica,1987.
- 22 - Il Giorno di Angelo, Bolonha, Itália, E.M.I.,1989.
- 23 - Los 10 mandamientos de la relacion Fe y Política, Cuenca, Equador, Cecca, 1989.
- 24 - 10 mandamientos de la relación Fe y Política, Panamá, Ceaspa,1989.
- 25 - De Espaldas a la Muerte, Dialogos con Frei Betto, Guadalajara, México, Imdec,1989.
- 26 - Fidel y la Religion, La Habana, Cuba, Oficina de Publicaciones del Consejo de Estado,1985. Até 1995, editado nos seguintes países: México, República Dominicana, Equador, Bolívia, Chile, Colômbia, Argentina, Portugal, Espanha, França, Holanda, Suíça (em alemão), Itália, Tchecoslováquia (em tcheco e inglês), Hungria, República Democrática da Alemanha, Iugoslávia, Polônia, Grécia, Filipinas, Índia (em dois idiomas), Sri Lanka, Vietnam, Egito, Estados Unidos, Austrália e Rússia. Há uma edição cubana em inglês. Ocean Press, Austrália, 2005 -
- 27 - Lula - Biografía Política de un Obrero, Cidade do México, México, MCCLP,1990.
- 28 - A Proposta de Jesus, Gwangju, Korea, Work and Play Press,1991.
- 29 - Comunidade de Fé, Gwangju, Korea, Work and Play Press,1991.
- 30 - Militantes do Reino, Gwangju, Korea, Work and Play Press,1991.
- 31 - Viver em Comunhão de Amor, Gwangju, Korea, Work and Play Press,1991.
- 32 - Het waanzinnige geluid van de tuba, Baarn, Holanda, Fontein,1993.
- 33 - Allucinante suono di tuba, Celleno, Itália, La Piccola Editrice, 1993.
- 34 - Uala Maitasuna, Tafalla, Espanha, Txalaparta, 1993.
- 35 - Día de Angelo, Tafalla, Espanha, Txalaparta,1993.
- 36 - La musica nel cuore di un bambino (romance), Milano, Sperling & Kupfer, 1998.
- 37 - La Obra del Artista - una visión holística del Universo, La Habana, Caminos, 1998.
- 38 - La Obra del Artista - una visión holística del Universo, Córdoba, Argentina, Barbarroja, 1998.
- 39 - La Obra del Artista – una visión holística del Universo, Madri, Trotta, 1999.
- 40 - Entre todos los Hombres (romance), La Habana, Caminos, 1998.
- 41 - Uomo fra gli uomini (romance), Milano, Sperling & Kupfer, 1998.

- 42 - Gli dei non hanno salvato l'America - Le sfide del nuovo pensiero político latinoamericano, Milano, Sperling & Kupfer, 2003.
- 43 - Hotel Brasil - Éditions de l'Aube, França, 2004
- 44 - Non c'e progresso senza felicità, em parceria com Domenico de Masi e José Ernesto Bologna, Milano, Rizzoli, 2004
- 45 - Sabores y Saberes de la Vida – Escritos Escogidos, Madrid, PPC Editorial, 2004
- 46 - Dialogo su pedagogia, ética e partecipazione política, em parceria com Luigi Ciotti, EGA – Edizioni Gruppo Abele, Torino, Itália, 2004
- 47 - Ten Eternal Questions – Wisdom, insight and reflection for life's journey, em parceria com Nelson Mandela, Bono, Dalai Lama, Gore Vidal, Jack Nicholson e outros – Organizado por Zoë Sallis - Editora Duncan Baird Publishers, Londres, 2005. Edição portuguesa pela Platano Editora, Lisboa, 2005.
- 48 - 50 cartas a Dios, em parceria com Pedro Casaldaliga, Federico Mayor Zaragoza e outros – Madri, PPC, 2005
- 49 – Hotel Brasil – Cavallo di Ferro Editore, Itália, 2006
- 50 - El Fogoncito - Cuba, Editorial Gente Nueva, 2007

Em co-autoria

- 1 - Ensaios de Complexidade, (com Edgar Morin, Leonardo Boff e outros), Porto Alegre, Sulina, 1977.
- 2 - O povo e o papa. Balanço crítico da visita de João Paulo II ao Brasil (com Leonardo Boff e outros), Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980
- 3 - Comunicación popular y alternativa (com Regina Festa e outros), Buenos Aires, Paulinas, 1986.
- 4 - Sinal de contradição (em parceria com Afonso Borges Filho), Rio de Janeiro, Espaço e Tempo, 1988 - esgotada.
- 5 - Essa escola chamada vida (em parceria com Paulo Freire e Ricardo Kotscho), São Paulo, Ática, 1988 (18ª ed. 2003).
- 6 - Teresa de Jesus: filha da Igreja, filha do Carmelo com Frei Cláudio van Belen, Frei Paulo Gollarte, Frei Patrício Sciadini e outros, São Paulo, Instituto de Espiritualidade Tito Brandsma, 1989 - esgotada.
- 7 - O plebiscito de 1993 - Monarquia ou república? Parlamentarismo ou presidencialismo? (em parceria com Paulo Vannuchi), Rio de Janeiro, ISER, 1993.
- 8 - Mística e espiritualidade (em parceria com Leonardo Boff), Rio de Janeiro, Rocco, 1994 (4ª ed. 1999). Rio de Janeiro, Garamond (6ª ed, revista e ampliada, 2005)
- 9 - Mística y Espiritualidad, (com Leonardo Boff), Buenos Aires, CEDEPO, 1995. Cittadella Editrice, Itália, 1995.
- 10 - Palabras desde Brasil (com Paulo Freire e Carlos Rodrigues Brandão), La Habana, Caminos, 1996.
- 11 - A reforma agrária e a luta do MST (com vv.aa.), Petrópolis, Vozes, 1997.

- 12 - O Desafio Ético (com Eugenio Bucci, Luís Fernando Veríssimo, Jurandir Freire Costa e outros), Rio de Janeiro/Brasília, Garamond/Codeplan, 1997 (4ª edição)
- 13 - Carlos Marighella – o homem por trás do mito (coletânea de artigos organizada por Cristiane Nova e Jorge Nóvoa) - São Paulo, UNESP, 1999
- 14 - Hablar de Cuba, hablar del Che (com Leonardo Boff), La Habana, Caminos, 1999.
- 15 - A Avareza in “7 Pecados do Capital” (coletânea de artigos, organizada por Emir Sader) – Rio de Janeiro, Record, 1999.
- 16 - Prisão em dose dupla in “Nossa Paixão Era Inventar Um Novo Tempo” – 34 depoimentos de personalidades sobre a resistência à ditadura militar (organização de Daniel Souza e Gilmar Chaves), Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1999.
- 17 - A Prática dos Novos Valores in “Valores de uma Prática Militante”, em parceria com Leonardo Boff e Ademar Bogo, São Paulo, Consulta Popular, Cartilha nº 09, 2000.
- 18 - Brasil 500 Anos: trajetórias, identidades e destinos. Vitória da Conquista, UESB (Série Aulas Magnas), 2000.
- 19 - O MST abre um caminho de futuro in “Quem está escrevendo o futuro?” – 25 textos para o século XXI (coletânea de artigos, organizada por Washington Araújo) – Brasília, Letraviva, 2000.
- 20 - Contraversões – civilização ou barbárie na virada do século, em parceria com Emir Sader, São Paulo, Boitempo, 2000.
- 21 - O Indivíduo no Socialismo, em parceria com Leandro Konder, São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2000.
- 22 - O Decálogo (contos), em parceria com Carlos Nejar, Moacyr Scliar, Ivan Angelo, Luiz Vilela, José Roberto Torero e outros, São Paulo, Nova Alexandria, 2000.
- 23 - As tarefas revolucionárias da juventude, reunindo também textos de Fidel Castro e Lênin; São Paulo, Expressão Popular, 2000.
- 24 - Diálogos Criativos, em parceria com Domenico de Masi e José Ernesto Bologna, São Paulo, DeLeitura, 2002.
- 25 - Democracia e construção do público no pensamento educacional brasileiro, organizadores Osmar Fávero e Giovanni Semeraro, Petrópolis, Vozes, 2002
- 26 - Por que nós, brasileiros, dizemos Não à Guerra, em parceria com Ana Maria Machado, Joel Birman, Ricardo Setti e outros, São Paulo, Editora Planeta do Brasil, 2003
- 27 - A paz como caminho, em parceria com José Hermógenes de Andrade, Pierre Weil, Jean-Yves Leloup, Leonardo Boff, Cristovam Buarque e outros. Coletânea de textos, organizados por Dulce Magalhães, apresentados no Festival Mundial da Paz, Rio de Janeiro, Editora Quality Mark, 2006
- 28 - Lições de Gramática para quem gosta de literatura, com Moacyr Scliar, Luís Fernando Veríssimo, Paulo Leminsky, Rachel de Queiroz, Ignácio de Loyola Brandão e outros, São Paulo, Panda Books, 2007

29 - Sobre a esperança - diálogo, com Mario Sérgio Cortella, São Paulo, Papyrus, 2007

30 - 40 olhares sobre os 40 anos da Pedagogia do oprimido, com Mário Sérgio Cortella, Sérgio Haddad, Leonardo Boff Rubem Alves e outros - Ed,L - Editora e Livraria Insituto Paulo Freire, 2008-10-30

31 - Dom Cappio: rio e povo, com Aziz Ab'Sáber, José Comblin, Leonardo Boff e outros - Centro de Estudos Bíblicos, 2008

32 - O amor fecunda o Universo – ecologia e espiritualidade, com Marcelo Barros, Rio, Agir, 2009.

ANEXO 2: Entrevista realizada por Mariângela Ricardo Alves Moreira com Frei Betto e fotos

Belo Horizonte, 01 de março de 2011 – 13 horas

Mariângela: O senhor é um Educador Popular?

Frei Betto: Trabalhei muitos anos como educador popular, somente eu assessoro equipes de educação popular, mas não exerço mais o trabalho.

Mariângela: E na religião, qual a sua atuação?

Frei Betto: Eu continuo frade dominicano, enfim continuo religioso, fazendo assessoria pastoral.

Mariângela: Quais as pessoas e autores que despertaram sua vocação religiosa?

Frei Betto: Na verdade a vocação foi despertada pela Ação Católica. Aqui em Belo Horizonte eu pertencia enquanto estudante secundarista ao setor da Ação Católica que se destinava aos estudantes secundaristas que era o JEC - Juventude Estudantil Católica, porque a ação católica era dividida em a,e,i,o,u - JAC, JEC, JIC, JOC, JUC, e através do contato com os frades dominicanos é que veio o despertar da minha vocação e eles me incentivaram a leitura de muitos autores que na época era um pouco, quase obrigatório na JEC, como Jacques Maritain, Guy de Larigaudie, Emmanuel Mounier do famoso livro chamado Personalismo, as obras do Dostoievski foi uma literatura que realmente me motivou na parte espiritual e ao mesmo tempo despertado a vocação religiosa.

Mariângela: O que é Política para o senhor?

Frei Betto: A política é uma ferramenta de dois legumes, ou seja, como a religião ela serve para oprimir, ela serve para libertar. Política é a arte de organizar nossa convivência social, Traduzida em instituições, leis e sistemas, projetos, enfim, sobretudo a administração dos direitos sociais, direitos que todas as pessoas inseridas na sociedade merecem, ter assegurado o mínimo de alimentação, a saúde, a educação, a moradia, o trabalho o lazer, então a política é essa ferramenta que propicia tudo isso. Agora ela pode ser exercida como muitas vezes ocorre contra a maioria da população, principalmente contra os pobres, favorável a uma pequena parcela da população os mais ricos, como ela pode ser exercida no caso de um país como Cuba, visando a todos, sem distinção de classe, ou seja, de modo que os direitos fundamentais sejam assegurados a todos. Então depende muito de como essa ferramenta é utilizada. Como a religião, a religião também durante muitos séculos ela serviu para oprimir, pra discriminar, pra ameaçar, para aterrorizar, o medo dos infernos etc, a inquisição, e hoje tem um setor da religião que é a Teologia da Libertação, que propõe uma religiosidade libertadora onde Deus não é um juiz ameaçador, implacável, Deus é Pai e Mãe amoroso. É a visão da Teologia da Libertação.

Mariângela- E Religião o que é?

Frei Betto - Religião é a capacidade que nós temos de nos religar consigo mesmos, com o outro, com a natureza e com Deus. A religião é um fato muito recente na história da humanidade. A humanidade, calcula-se que exista há 250 mil anos, e as religiões apenas há 8 mil anos. Mas desde que o ser humano apareceu, existe a espiritualidade, então a espiritualidade está para a religião, assim como o amor está para instituição família. Sem espiritualidade não há verdadeira religião, assim como sem amor não há verdadeira família, e por isso eu acentuo sempre que é muito mais importante viver a espiritualidade do que viver a religião. E lamento que haja religiões que incentivam, que nutrem nos seus fiéis a espiritualidade. Que é essa abertura para as quatro dimensões, a si mesmo, ao outro, a natureza e a Deus.

Mariângela: Quais os autores marcantes na sua concepção política?

Frei Betto: Padre Lebrecht, que era um dominicano, sociólogo, comunista

Mariângela: E os autores religiosos?

Frei Betto: Jacques Maritain, Guy de Larigaudie, Emmanuel Mounier do famoso livro chamado *Personalismo*, as obras do Dostoiévski. Alguns teólogos: Padre Congar, De Lubac, Teilhard de Chardin, era só um teólogo, era um cientista, padre católico, mas que me abriu a visão do mundo. E na leitura da Bíblia uma pessoa que mudou minha ótica da leitura da Bíblia, foi Frei Carlos Mesters, tem muito livros de leitura popular. A então teologia européia me influenciou muito num certo período, até que houve esse boom da teologia latino americana, com Leonardo Boff, João Batista Libaneo, na história da igreja, José Oscar Beozzo, na parte de liturgia e espiritualidade, Marcelo Barros, na parte mais de análise social, Luiz Alberto Gomes de Souza, Pedro Ribeiro de Oliveira, também a contribuição que deu o irmão do Leonardo Boff, Clodovis Boff como teólogo. Enfim um conjunto de autores brasileiros que me influenciaram, ajudaram me formaram muito principalmente a partir dos anos 70.

Mariângela: Sabe-se que o senhor esteve preso em 64, por 15 dias e de 69 a 73, depois que professou na Ordem Dominicana. Qual a experiência na prisão?

Frei Betto: Em três livros falo desta época, que são Cartas na Prisão, Batismo de Sangue, e Diário de Fernando, traduzem bem como foi essa experiência que eu chamo da "Descida aos Infernos" que a gente rezava antigamente no Credo, ao terceiro dia, hoje fala "A mansão dos mortos", eu preferia a expressão antiga, ao terceiro dia desceu aos infernos. Quando eu era criança, o Concílio é que mudou isso, se rezava assim. Então foi uma experiência impactante, purificadora, eu acho que sou uma pessoa antes e depois da prisão. Um contato radical com o mundo da miséria, da exclusão, porque eu fiquei quatro anos preso, dois anos junto de presos comuns, os dois últimos anos. Em suma foi uma experiência libertadora, que eu nessas Cartas na Prisão e Diário de Fernando eu traduzo em detalhes, você vai ter acesso, e ver o que significou todo esse período.

Mariângela: Qual foi o motivo da primeira prisão?

Frei Betto: A desconfiança de que nós, eu era dirigente da ação católica da JEC nacional, eu morava no Rio, num apartamento, em conjunto com equipe nacional da JUC, juventude universitária católica, naquela época, os militantes da JUC tinham formado um grupo político, que era considerado subversivo pela ditadura, era chamado de “Ação Popular” e a repressão da ditadura foi fazer a distinção A.P. e A.C., entre ação popular e ação católica, então invadiu nosso apartamento no dia 6 de junho de 1964, convencida de que nós éramos um grupo da ação popular e por isso fomos presos, quinze dias, período maior parte em prisão domiciliar, por causa dessa confusão.

Mariângela: Depois dessa trajetória de 64 a 69, realmente o senhor já era militante, aí se deu novamente a prisão?

Frei Betto: Na verdade desde o início já estava contra da ditadura, mas aí me vinculei à Ação Libertadora Nacional, comandada pelo Carlos Marighella e aí exerci todo um trabalho com outros frades dominicanos, de apoio a ALN, de apoio aos guerrilheiros urbanos, em decorrência do que nós fomos presos, isso está descrito muito detalhadamente descrito em *Batismo de Sangue* e no *Diário de Fernando*.

Mariângela: Quais dos seus livros o senhor indica para minha dissertação?

Frei Betto: *Batismo de Sangue e Cartas da Prisão*.

Mariângela: *Batismo de Sangue* é uma expressão teológica?

Frei Betto: Sim. Os primeiros cristãos, antes de serem batizados na igreja e mortos na perseguição romana, receberam, pois, o *Batismo de Sangue* tão válido quanto o Canônico na Igreja.

Mariângela: O Concílio do Vaticano II (62-65) teve quais impactos para o senhor?

Frei Betto: Na verdade o Concílio teve um impacto para todo o mundo cristão em geral. Primeiro porque operou uma reforma litúrgica muito profunda na igreja até o Concílio os padres celebravam a missa em latim de costa pro povo, o povo não participava e nem entendia o que eles falavam isso foi mudado a partir daí as celebrações são participadas, algumas até cantadas, dançadas, gritadas, etc. Todo impacto é que os leigos passaram a ter mais importância na igreja, houve uma desclericalização da igreja católica, isso permitiu uma expansão das comunidades eclesiais de base que são grupos populares que atuam, sobretudo devido à falta de padres no Brasil e o grande número de fiéis, também todo movimento ecumênico, por isso que eu falei que teve impacto no mundo cristão e não só católico, a partir daí a igreja passou a ser mais tolerante, dialogar mais, não só com outras denominações cristãs, como as igrejas evangélicas, protestantes como também

outras denominações religiosas. Deixou de culpar os judeus pela morte de Jesus, havia certo caráter antisemitista na pregação da igreja católica, enfim passou a entender melhor o mundo moderno em que vivemos com a sua pluralidade religiosa, e sem olhar negativo sobre isso. Antes havia a idéia que se você não estivesse católico, não seria salvo, isso acabou com o Concílio, o Concílio mudou muito a teologia da igreja.

Mariângela: Como foi seu início na Teologia da Libertação?

Frei Betto: Foi um processo, na verdade já nos anos 60 com o Concílio e principalmente com a Conferência Episcopal de Medellín na Colômbia, onde reuniu todos os bispos na América Latina para adaptar à América Latina as decisões do Concílio então saiu um documento, talvez seja um dos documentos mais avançados na história da igreja Católica, que é o documento de Medellín, 1968, ali estão as bases da Teologia da Libertação, mas eu diria que a Teologia da Libertação ela não foi resultado de idéias de teólogos, sabe, teólogos trancados em seus gabinetes, sua biblioteca, vamos bolar uma nova teologia foi acontecendo a partir da expansão das comunidades eclesiais de base, as comunidades levaram esse povo simples da periferia, do interior a refletir sobre sua fé a partir das suas lutas sociais, isso criou a matéria-prima sistematizada pela Teologia da Libertação, então a Teologia da Libertação é ato segundo, ato primeiro é a vida dos cristão nas comunidades eclesiais de base, essas comunidades é a usina da Teologia da Libertação, foi consequência. Eu me interei disso a partir do momento que sai da prisão enfim de 1973/1974, eu fui morar na Arquidiocese de Vitória-ES, que era um dos lugares pioneiros das comunidades eclesiais de base, então eu estava envolvido nesse processo em que foi gestada a Teologia da Libertação.

Mariângela: O senhor acredita que houve fases na política? Quais o senhor aponta?

Frei Betto: Nos últimos 50 anos o Brasil de certa maneira, em conjunto da América Latina, viveu três grandes ciclos políticos, primeiro das ditaduras militares nos anos 60/70, no Brasil acabou em meados dos anos 80, a ditadura aqui durou 21 anos, acabou em 85. Em seguida nós tivemos os ciclos dos governos messiânicos neoliberais. Collor no Brasil, Menem na Argentina, Fujimori no Peru, Rafael Caldera na Venezuela, governos que eram muito submissos à Casa Branca, à política dos Estados Unidos, antipopulares com total desprezo aos pobres, que se caracterizavam pela privatização do patrimônio público, e esses governos também fracassaram como as ditaduras e agora nós estamos vivendo um terceiro período, que é um período promissor, em que o povo escolhe governos progressistas, sensibilizados com a questão da miséria da fome, portanto os direitos dos mais pobres, e o caso de Lula agora no Brasil, agora Dilma, Morales na Bolívia, Rafael Correa no Equador, o Chaves na Venezuela, Mujica no Uruguai, Fernando Lugo no Paraguai e assim a América Latina hoje tem um perfil de mais esperança de enfim a questão social está sendo encarada de frente.

Mariângela: O que mudou no seu pensamento depois de trabalhar no governo LULA?

Frei Betto: Mudou a convicção que eu não tenho vocação no poder público e nem iniciativa privada, eu gosto de ser autônomo, como sempre fui, e eu não tenho vocação pra política no sentido partidária ou institucional, nenhuma vocação pra isso. Mas foi uma experiência rica, evidente, que me deu uma visão de como o estado funciona por dentro, o governo, como é que são feitas as alianças, os conchavos, os acordos, foi muito rico isso, eu descrevo minuciosamente no Calendário do Poder. Hoje me sinto um feliz (I.N.G.) indivíduo não governamental, não gostaria de voltar. Embora considerando o governo Lula o melhor do nosso período republicano, sempre tive uma visão crítica, faltou ao governo reformas de estrutura, nós saímos de 8 anos de governo Lula sem reforma agrária, tributária, política, tenho esperança que Dilma faça isso, apesar de Lula não ter feito essas reformas, qualquer maneira o Brasil é muito melhor depois dele, principalmente a redução drástica da miséria, 25 milhões de pessoas foram tiradas, embora a gente tenha cerca de 30. A política exterior foi magistral, de independência, soberania, apoio à África, visita aos países Árabes, o último governante que tinha feito isso foi D. Pedro II, sempre havia uma pressão na Casa Branca para isso não ocorrer.

Mariângela: Hoje como o senhor atua na Teologia da Libertação?

Frei Betto: Na verdade a Teologia da Libertação está presente em tudo que faço. Na minha maneira de pensar, está inserida neste contexto. Eu sou resultado, fruto e protagonista desse processo, respiro aquilo que são as bases da Teologia da Libertação, que é pensar fé a partir dos oprimidos, pensar fé dentro de um horizonte libertador, em que você vai sentir mais forte em dois livros meus: Um homem chamado Jesus, que são os evangelhos em forma de romance, eu digo que é minha declaração de amor a Jesus, e Mística e Espiritualidade que fiz com o Leonardo Boff, nesses dois livros você vai sentir mais isso.

Entrevista 27.10.11

Mariângela: O que é opressão para o Senhor ?

Frei Betto: é coibir o direito do outro e, sobretudo, da coletividade, desrespeitando sua dignidade e liberdade. Vale para a relação homem-mulher, senhor-escravo, poder-cidadãos etc.

Mariângela: O que é libertação?

Frei Betto: É livrar-se de toda forma de opressão, através da conquista de direitos ou mudança das condições de vida. Implica ainda alcançar nível de vida espiritual.



Fig. 13 Frei Betto e Mariângela



Fig. 14 Frei Betto e Mariângela

REFERÊNCIAS

- ASSMANN, Hugo. Por uma teologia humanamente saudável: fragmentos de memória pessoal. In: SUSIN, Luiz Carlos (Org.). *O mar se abriu: trinta anos de teologia na América Latina*. São Paulo: Edições Loyola, 2000. p. 115-130.
- BAUMAN, Zigmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Trad. Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BERGER, Peter. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. Trad. José Carlos Barcelos. São Paulo: Paulinas, 1985
- BETTO, Frei. *A mosca azul: Reflexões do poder*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- BETTO, Frei. *Cartas da prisão: 1969 a 1973*. Rio de Janeiro: Agir, 2008.
- BETTO, Frei. *O que é Comunidade Eclesial de Base*. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1981, 4 ed.
- BETTO, Frei. *Batismo de Sangue*. 12 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- BETTO, Frei. *Vida e obra*. Belo Horizonte. Entrevista concedida a Mariângela Ricardo, 01/03/2011.
- BETTO, Frei; BOFF, Leonardo. *Mística e Espiritualidade*. 6 ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.
- BETTO, Frei. A igreja no Brasil aberta ao mundo. *Revista Sem Fronteiras*. n. 252, p. 5, jul. 1997. Entrevista com Frei Betto. Disponível em: <<http://ospiti.peacelink.it/zumbi/news/semfro/252/sf252p05.html>>. Acesso em 23 out. 2011.
- BOFF, Clodovis. *Como fazer Teologia da Libertação*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BOFF, Clodovis. *Teoria do método teológico*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BOFF, Clodovis. Como vejo a teologia latino-americana trinta anos depois, In: SUSIN, Luiz Carlos (Org.). *O mar se abriu: trinta anos de teologia na América Latina*. São Paulo: Edições Loyola, 2000. p. 79-95.
- BOFF, Leonardo. *Teologia sob o signo da transformação*. In: SUSIN, Luiz Carlos (Org.). *O mar se abriu: trinta anos de teologia na América Latina*. São Paulo: Edições Loyola, 2000. p. 233-240.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- BRUNEAU, Thomás C. Catolicismo brasileiro em época de transição. Trad. Margarida Oliva. São Paulo: Edições Loyola, 1974.
- CELSO, IRMO. *O ABC já trabalha*. Revista Veja, 7 mai. 1980. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em 20 out. 2011.
- CULTURA BRASIL. *A luta pela redemocratização*. Disponível em: <<http://www.culturabrasil.org/abertura.htm>>. Acesso em 20 out. 2011.
- CUNHA, Diogo. *Estado de exceção, Igreja Católica e repressão: o assassinato do Padre Antonio Henrique Pereira da Silva Neto*. Recife: O autor, 2007.

COMBLIN, José. Trinta anos de teologia latino-americana. In: SUSIN, Luiz Carlos (Org.). *O mar se abriu: trinta anos de teologia na América Latina*. São Paulo: Edições Loyola, 2000. p. 179-192.

DERRIDA, Jacques. As duas fontes da “religião”. In: VATTIMO, Gianni e DERRIDA, Jacques (orgs.). *A religião: o seminário de Capri*. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. Trad. Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Paulinas, 1989.

EBC. *TV Brasil apresenta batismo de sangue*. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/content/tv-brasil-apresenta-batismo-de-sangue>>. Acesso em 19 out. 2011.

ESTEF. Frei Betto. Disponível em: <<http://www.estef.edu.br/zugno/wp-content/uploads/2011/05/cebs-freibetto.pdf>> Acesso em 20 out. 2011.

FEDELI, Orlando. *Histórico da Teologia da Libertação*. 8 nov. 2002. Disponível em: <http://www.montfort.org.br/old/perguntas/tl_pt.html>. Acesso em 23 out. 2011.

FEIJÓ, Sara Carolina Duarte. *Memória da resistência à ditadura: uma análise do filme Batismo de Sangue*. São Paulo: USP, 2011.

FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel. *Revolução e democracia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

GASPARI, Elio. *A ditadura envergonhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GONÇALVES, Angelo Barreiro. A igreja católica e o golpe de 1964. *Akrópolis – Revista de Ciências Humanas da UNIPAR*. 2004. Disponível em: <<http://revistas.unipar.br/akropolis/article/viewFile/390/355>>. Acesso em 24 out. 2011.

GIRARD, René. *A violência e o sagrado*. Trad. Martha Conceição Gambini. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1975.

HOORNAERT, Eduardo. História da igreja na América Latina e no Caribe. Trad. Ephrain Alves, Jaime Clasen, Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 1995).

IHU On-Line. Entrevista: Andarilhos com Paulo Freire - Entrevista com Balduino Andreola. Disponível em: <http://amaivos.uol.com.br/amaivos09/noticia/noticia.asp?cod_noticia=8773&cod_canal=41>. Acesso em 21 out. 2011.

ITAU CULTURAL. Enciclopédia Itaú Cultural de Literatura Brasileira. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_lit/definicoes/verbete_imp.cfm?cd_verbete=5749&imp=N>. Acesso em 21 out. 2011.

LESBAUPIN, Ivo. Frei Betto. Disponível em: <<http://revolucoes.org.br/v1/conferencia/frei-betto-por-ivo-lesbaupin>>. Acesso em 19 out. 2011.

LOWY, Michael. *A guerra dos deuses: religião e política na América Latina*. Trad. Vera Lúcia Mello Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 2000.

MARTELLI, Carla G. Giani. *Entre o saber revelado e o saber aprendido*. Estudos de Sociologia, Araraquara, 13/14: 127-149, 2002/2003. Disponível em: <<http://www.eer.fclar.unesp.br/estudos/article/download/170/168>>. Acesso em 23 out. 2011.

MARX, Karl. *A ideologia alemã*. São Paulo: Centauro, 2002.

MIRANDA, Leonardo Souza de Araújo. Greves do ABC paulista, entre 1979 – 1980. 09 jun. 2011. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=32229>>. Acesso em 20 out. 2011.

NASSIF, Maria Inês. Frei Betto. Disponível em: <<http://hipona.blogspot.com/2011/02/frei-betto.html>>. Acesso em 19 out. 2011.

O GLOBO. O Amigo Lula: Frei Betto narra a transformação do líder sindical do ABC em presidente. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/mat/2010/12/14/o-amigo-lula-frei-betto-narra-transformacao-do-lider-sindical-do-abc-em-presidente-923283035.asp>>. Acesso em 20 out. 2011.

PALÁCIO, Carlos. Trinta anos de teologia na América Latina. In: SUSIN, Luiz Carlos (Org.). *O mar se abriu: trinta anos de teologia na América Latina*. São Paulo: Edições Loyola, 2000. p. 51-64.

ROBERTO, João. O que foi a revolução de 64?. Revista Mundo Estranho. Disponível em: <<http://mundoestranho.abril.com.br/materia/o-que-foi-a-revolucao-de-64>>. Acesso em 24 out. 2011.

RODRIGUES, José Luis. Carta de Frei Betto ao Papa João Paulo II. Disponível em: <<http://jlrodrigues.blogspot.com/2011/04/carta-de-frei-betto-ao-papa-joao-paulo.html>>. Acesso em 23 out. 2011.

STEIN, Maria de Lourdes Tomio. *Experiência do trabalho: as práticas da pastoral operária em Curitiba (1965 – 1999)*. 2004. Disponível em: <<http://revista.unibrasil.com.br/index.php/retdu/article/view/22>>. Acesso em 24 out. 2011.

SUSIN, Luiz Carlos (Org.). *O mar se abriu: trinta anos de teologia na América Latina*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

VANNUCHI, Camilo. Lula, o inimigo do Estado. Disponível em: <<http://revistaepocasp.globo.com/Revista/Epoca/SP/1,,EMI114335-16206,00.html>>. Acesso em 20 out. 2011.

VATTIMO, Gianni. *Depois da cristandade: por um cristianismo não religioso*. Trad. Cynthia Marques. Rio de Janeiro: Record, 2004.

VENTURA, Zuenir. *1968: o ano que não terminou*. São Paulo: Nova Fronteira, 2006.

VIOTTI, Frederico R. de Abranches. *A teologia da libertação no poder?* Disponível em: <<http://www.lepanto.com.br/dados/NotTLnoPoder.html>>. Acesso em 23 out. 2011.